



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA

MESTRADO EM CIÊNCIAS RELIGIOSAS
Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica

MARIA CAROLINA SEIXAS BRITO ASSUNÇÃO

Repositório Digital de Recursos Educativos para a disciplina de EMRC

Relatório Final da Prática Pedagógica de Ensino Supervisionada sob a
orientação de:

Professor Doutor Alfredo Teixeira

Mestre Juan Ambrosio

Lisboa

2022

“[...] O grande desafio está, acima de tudo, não nas ferramentas e recursos, mas na atitude com que se aborda a Web e se utiliza a serviço da educação cristã.”¹

¹ Luís Miguel Figueiredo Rodrigues, «A educação cristã na Web. Uma reflexão teológico-prática», *Revista Eclesiástica Brasileira*, 76, n.º 304 (2016): 889. <https://doi.org/10.29386/reb.v76i304.145>.

Para os meus Pais, os meus Sogros, o António, a Maria e o André
que abraçaram este desafio comigo e não me deixaram desistir.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos alunos do Colégio do Amor de Deus e a todos os alunos que me foram acolhendo ao longo dos anos que me motivam a ser criativa e inovadora.

Ao professor cooperante Bento Oliveira pelo acompanhamento e orientação ao longo da PES.

À direção do Colégio do Amor de Deus, por ter possibilitado esta experiência.

Aos meus colegas do núcleo de estágio pela força e partilha.

A todos os professores que me têm acompanhado nesta longa caminhada e me ajudaram a crescer e a saber procurar mais e melhor.

RESUMO

O presente relatório pretende refletir sobre as potencialidades dos recursos educativos digitais e os benefícios da construção de um repositório de recursos educativos para a disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC) a partir de referenciais teóricos da área temática das Tecnologias da Educação e de uma hermenêutica teológica.

No processo de ensino e aprendizagem, os professores utilizam uma vasta diversidade de recursos e estratégias pedagógicas adequados aos objetivos, às necessidades e aos interesses dos alunos. Face à evolução e influência da tecnologia digital, os recursos educativos digitais tornaram-se parte integrante desse processo.

A disciplina de EMRC, enquanto membro constitutivo da comunidade escolar, não deve ficar à margem desta transformação, mas olhar para ela como uma oportunidade para o cumprimento da sua missão educativa.

Nesse sentido, este trabalho propõe a criação de um repositório digital aberto de recursos educativos para a disciplina de EMRC, no qual o professor é convidado a participar, dialogar, colaborar e contribuir para o crescimento do grupo, numa atitude de solidariedade ao serviço do bem comum.

O objetivo deste repositório é reunir, armazenar e disponibilizar conteúdos de licença aberta da área temática da disciplina de EMRC disponibilizados por organizações parceiras e/ou docentes; fomentar a participação e colaboração ativa dos utilizadores no repositório, através da criação, utilização, modificação, partilha e avaliação de recursos educativos com qualidade científica, pedagógica, didática e gráfica para a disciplina de EMRC.

Palavras-chave: Recursos educativos digitais, Educação Moral e Religiosa Católica, Repositório Digital

ABSTRACT

This report intends to reflect on the potentialities of digital educational resources and the benefits of building a repository of educational resources for the discipline of Catholic Moral and Religious Education (EMRC) from theoretical references in the thematic area of Education Technologies and a theological hermeneutics.

In the teaching and learning process, teachers use a wide range of pedagogical resources and strategies appropriate to the objectives, needs and interests of students. In view of the evolution and influence of digital technology, digital educational resources have become an integral part of this process.

The discipline of Catholic Moral and Religious Education (EMRC), as a constitutive member of the school community, should not be on the sidelines of this transformation, but should look at it as an opportunity for the fulfillment of its educational mission.

In this sense, this work proposes the creation of an open digital repository of educational resources for the discipline of EMRC, in which the EMRC teacher is invited to participate, dialogue, collaborate and contribute to the growth of the group, in an attitude of solidarity at the service of the common good.

The purpose of this repository is to gather, store and make available open license content of the thematic area of the discipline of EMRC disponibilized by partner organizations and / or teachers; encourage the participation and active collaboration of users in the repository, through the creation, use, modification, sharing and evaluation of educational resources with scientific, pedagogical, didactic and graphic quality for the discipline of EMRC.

Keywords: Digital Educational Resources, Educação Moral e Religiosa Católica, Digital Repository

ÍNDICE

ÍNDICE DE FIGURAS	8
ÍNDICE DE QUADROS.....	8
SIGLÁRIO	9
INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1 PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA.....	13
1.1. Contextualização da Prática de Ensino Supervisionada.....	13
1.2. Planificação e Lecionação	16
1.3. Indagação	36
CAPÍTULO 2 RECURSOS DIGITAIS: ENQUADRAMENTO TEÓRICO	40
2.1. Os Recursos Digitais na Educação.....	40
2.2. Recursos Educativos Digitais.....	41
2.3. Recursos Educativos Abertos.....	45
2.4. Repositórios Educativos Digitais	54
CAPÍTULO 3 RECURSOS DIGITAIS: UM CONTRIBUTO PARA A EMRC	63
3.1. O valor teológico e didático dos recursos digitais na disciplina de EMRC	63
3.2. As possibilidades dos recursos digitais na EMRC	67
3.3. O Repositório Digital e a EMRC	69
CAPÍTULO 4 PROPOSTA PEDAGÓGICA: REPOSITÓRIO DIGITAL DE EMRC.....	72
4.1. Proposta de um projeto de repositório digital de recursos educativos para a EMRC	72
4.2. Metodologia de construção do repositório	72
4.3. Desenvolvimento da proposta	75
CONCLUSÃO.....	83
BIBLIOGRAFIA	86
ANEXOS	96

ÍNDICE DE FIGURAS

FIGURA 1 – CONCEITO DE REA.....	49
FIGURA 2 – ORGANIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO E CATALOGAÇÃO.....	76
FIGURA 3 – ESTRUTURA E ORGANIZAÇÃO DO REPOSITÓRIO DO PONTO DE VISTA DO UTILIZADOR	79

ÍNDICE DE QUADROS

QUADRO 1 – SIMBOLOGIA <i>CREATIVE COMMONS</i>	51
QUADRO 2 – LICENÇAS <i>CREATIVE COMMONS</i>	52
QUADRO 3 – INDICADORES DE QUALIDADE DE JAVIERA ATENAS E LEO HAVEMANN	60
QUADRO 4 – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS PARA A CONSTRUÇÃO DO REPOSITÓRIO	74
QUADRO 5 – CAMPOS DE IDENTIFICAÇÃO E INFORMAÇÃO DE RECURSOS.....	78
QUADRO 6 – PROPOSTA DE CONTEÚDOS POR COLEÇÃO.....	78

SIGLÁRIO

CAD	: Colégio do Amor de Deus
CEP	: Comissão Episcopal Portuguesa
Cf.	: Conferir
CVII	: Concílio Vaticano II
Ed.	: Edição
EMRC	: Educação Moral e Religiosa Católica
ER	: Ensino Religioso
IM	: <i>Inter mirifica</i> . Decreto sobre os Meios de Comunicação Social (1966)
MDCS	: Mensagem para o Dia Mundial das Comunicações Sociais.
OCDE	: Organização Europeia de Cooperação Económica
PCCS	: Pontifício Conselho Para As Comunicações Sociais
PES	: Prática de Ensino Supervisionada
PP	: <i>Populorum progressio</i> . Encíclica de Paulo VI (1967) sobre o Desenvolvimento
REA	: Recursos Educativos Abertos
RED	: Recursos Educativos Digitais
SNEC	: Secretariado Nacional de Educação Cristã
UL	: Unidade Letiva
UNESCO	: Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

INTRODUÇÃO

O presente trabalho, decorre da Prática de Ensino Supervisionada (PES) no âmbito do Mestrado em Ciências Religiosas na especialização de Educação Moral e Religiosa Católica da Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa de Lisboa.

A elaboração deste documento tem como finalidade dar a conhecer a reflexão resultante da intervenção pedagógica e contribuir para a identificação de razões, didáticas e teológicas, que justificam a criação, utilização e partilha de recursos e materiais educativos num repositório digital institucional de EMRC.

A escolha das áreas temáticas, Tecnologia Educacional e Didática de EMRC, surge da constatação de dois factos: primeiro, os recursos educativos em formato digital cativam e facilitam a aprendizagem dos alunos; segundo, a escassez de espaços digitais que orientem a pesquisa e seleção de recursos e materiais didáticos em formato digital, exclusivamente elaborados para a disciplina de forma institucional.

De forma a responder as questões surgidas na PES e apresentar uma proposta pedagógica, foi necessário, em primeiro lugar, compreender o conceito e características fundamentais de recurso educativo digital e de repositório digital de forma a compreender os benefícios e limites da sua utilização para a disciplina. Num momento posterior procurou-se fazer uma leitura sobre a utilização dos recursos digitais, resultantes das tecnologias da informação e comunicação, através de documentos do Magistério e da disciplina de EMRC. Decorrente do estudo e reflexão, anterior, passou-se à elaboração de uma proposta pedagógica que permitisse colmatar as falhas, que se considerou existir, relativamente à inexistência de um repositório digital institucional que ajude e oriente os docentes e alunos de EMRC na sua pesquisa, seleção e partilha de recursos e materiais pedagógicos.

Considerando o objetivo e o percurso percorrido, este trabalho encontra-se estruturado em quatro capítulos distintos.

O primeiro capítulo faz referência à descrição do contexto educativo no qual decorreu a PES realizado no ano letivo de 2016/2017 e apresenta de forma reflexiva as experiências, de ensino e aprendizagem desenvolvidas durante esse processo de formação de futuros docentes de EMRC.

O segundo capítulo apresenta um estudo realizado no âmbito da área temática da Tecnologia Educacional, sobre o conceito, fundamento e características dos recursos educativos digitais e dos repositórios digitais.

O terceiro capítulo explora alguns documentos que mostram o posicionamento da Igreja face o uso da Internet, das Tecnologias da Informação e Comunicação e o seu papel na evangelização.

Em seguida, partindo da missão e identidade da EMRC, enquanto parte integrante da educação cristã, procura-se identificar as possibilidades teológicas e didáticas da utilização dos recursos digitais na disciplina.

Por fim, o quarto capítulo apresenta uma proposta prática que poderá beneficiar a comunidade educativa, a missão da EMRC e permitirá deixar a sua marca identitária no ambiente digital: a criação de um repositório digital institucional de EMRC.

CAPÍTULO 1 | PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA

1.1. Contextualização da Prática de Ensino Supervisionada

A Prática de Ensino Supervisionada (PES) teve o acompanhamento do professor cooperante Bento Oliveira. Este disponibilizou toda a sua ajuda para que todos os elementos do núcleo de estágio pudessem conhecer a comunidade, o funcionamento e a identidade do Colégio do Amor de Deus (CAD). Foi com base neste conhecimento que se baseou todo o exercício da prática de ensino e aprendizagem. Assim, este ponto do trabalho pretende apresentar os aspetos relevantes sobre o contexto onde decorreu a PES, nomeadamente a identidade do CAD e a caracterização da turma onde decorreu a prática pedagógica.

1.1.1. O Colégio do Amor de Deus

A PES desenvolveu-se no Colégio do Amor de Deus no concelho de Cascais, distrito de Lisboa no ano letivo 2016/2017.

O Colégio do Amor de Deus é uma escola católica herdeira do carisma do Padre Jerónimo Usera, com um Projeto Educativo próprio. Fundamentado no amor, exigência e rigor propõe a formação e o desenvolvimento integral de cada aluno segundo a perspetiva humanista cristã, os direitos democráticos e as liberdades fundamentais estabelecidas na constituição portuguesa.

O Projeto Educativo assenta sobre os princípios de Identidade e Qualidade e pretende que todo o ambiente educativo desperte e estimule o desenvolvimento integral e harmonioso da pessoa, nas suas dimensões individual, social e cristã.

Respeitando a liberdade e as convicções de cada um, o projeto oferece a cada membro, a possibilidade de traçar o seu próprio percurso. Assim, o colégio pretende ser um lugar de transmissão de saberes centrado no sucesso escolar, mas também, um espaço de formação integral da pessoa, num ambiente educativo marcado pelo acolhimento, diálogo, confiança, segurança, proximidade, justiça, respeito, compromisso social, valorização e participação da família na comunidade educativa e abertura para o desenvolvimento da dimensão espiritual e/ou religiosa da pessoa.²

Foi neste ambiente desafiante e centrado no aluno que a PES assumiu um papel fundamental enquanto campo de aprendizagem, mediante mobilização de conhecimentos e competências de

² Cf. Projeto Educativo das Escolas do Amor de Deus, 1-2.

base científica, didática e pedagógica, nomeadamente na gestão e construção de processos de ensino e aprendizagem, na reflexão e análise crítica do Programa Curricular da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica e das questões essenciais e intrínsecas da profissão docente.

Frequentam no colégio, anualmente, cerca de 1300 alunos distribuídos por cinco níveis de ensino: Jardim de Infância; 1º Ciclo do Ensino Básico, 2º Ciclo do Ensino Básico e o Ensino Secundário. O colégio oferece ainda outras atividades e projetos, tais como: o desporto escolar, clubes e atividades extracurriculares.

O espaço escolar é composto por seis edifícios, espaços exteriores verdes e diversos campos de jogos frequentados pelos alunos e professores durante o intervalo das aulas.

O Colégio do Amor de Deus, situa-se no concelho de Cascais, distrito de Lisboa e encontra-se na confluência de três freguesias: Alcabideche, Estoril e Cascais numa zona ocupada por uma vasta oferta de indústria, comércio de grandes superfícies; casas de primeira e segunda habitação e um vasto conjunto de serviços de natureza urbana e sub-urbana.

A população da área circundante ao Colégio do Amor de Deus regista padrões sociais muito diversificados, destacando-se uma assimetria entre os residentes do interior norte – pessoas de menores rendimentos e qualificação profissional – e os residentes do litoral (Plano Curricular, CAD).³

1.1.2. Caracterização da Turma

A turma do sexto ano onde decorreu a PES é constituída por trinta alunos, todos eles de nacionalidade portuguesa, sendo dezasseis do sexo feminino e catorze do sexo masculino, com idades compreendidas entre os dez e os onze anos.⁴ Dado que a disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica é de frequência obrigatória, todos os alunos se encontram inscritos.

Além da atividade letiva, uma parte considerável dos alunos frequenta atividades extracurriculares e/ou praticam atividades desportivas, como por exemplo: ténis, natação, equitação e dança, entre outras. Além destas atividades, os alunos revelaram que gostam de ocupar os tempos livres a passear, a ver televisão e jogar videojogos.

³ Cf. Plano Curricular do Colégio do Amor de Deus, 10-11.

⁴ A caracterização da turma foi realizada a partir dos dados obtidos da grelha de “Caraterização da Turma” cedido pelo professor cooperante e mediante a observação direta em sala de aula.

No que diz respeito à situação de emprego dos pais e encarregados de educação, noventa e cinco por cento encontra-se empregado e cinco por cento é doméstico. Não existe nenhum caso de desemprego.

Ao longo do percurso escolar nenhum dos alunos desta turma ficou retido no segundo ciclo do Ensino Básico e, até à data da realização da PES, nenhum aluno foi assinalado como tendo necessidades educativas especiais.

Na globalidade é uma turma com aproveitamento escolar bom, já que segundo os dados cedidos para esse efeito, verificou-se que no ano anterior apenas três alunos obtiveram um nível inferior a três numa das disciplinas curriculares.

Pelo que se pôde observar, é uma turma cujo alunos têm uma grande ligação afetiva entre si, facto que se deve ao percurso escolar que a maioria tem vindo a realizar em conjunto desde o 1º Ciclo do Ensino Básico. Esta cumplicidade entre os alunos implica, da parte do professor, uma atenção redobrada na sala de aula de modo a evitar eventuais comportamentos desviantes, ainda que por outro lado esta mesma cumplicidade seja geradora de muitos momentos de interajuda entre os pares.

A maioria dos alunos afirma gostar da escola e de estudar, e todos, com uma única exceção, pretendem prosseguir os estudos até ao ensino superior, o que é indicativo de que estes alunos além de terem uma expectativa de educação de nível superior, também perspetivam um nível de vida sociocultural médio/alto.

Na globalidade é turma participativa que ao longo da nossa presença manifestou interesse, empenho, responsabilidade e realizou as tarefas propostas sem dificuldades relevantes. A nível da participação, é uma turma heterogénea com um grupo de alunos muito participativos, reflexivos e curiosos e outro grupo mais introspetivo ou mais passivos na participação. Através de uma observação mais atenta constatou-se que três alunos necessitavam de maior motivação ou reforço positivo para estarem atentos e participar mais ativamente.

Ao longo da PES, através do diálogo e da consulta de um inquérito realizado pelo Diretor de Turma no início do ano letivo, descobrimos que os alunos, consideram que, por vezes, a sua falta de atenção e participação deve-se à falta de interesse e motivação para a aprendizagem em determinadas disciplinas. Numa sala de aula onde todos os alunos frequentam obrigatoriamente a disciplina de EMRC, um dos grandes desafios do professor é conseguir encontrar estratégias pedagógicas aliciantes, que vão ao encontro das necessidades e ritmos de cada aluno de modo a estimular-lhe o gosto pela aprendizagem. Como motivar e criar o gosto de aprender? Que estratégias de ensino e aprendizagens poderão incutir interesse nestes alunos?

Nesse sentido, uma das grandes preocupações ao longo da PES foi a elaboração de materiais de apoio e atividades que fossem ao encontro do interesse dos alunos, mas sem nunca perder de vista o objetivo da aprendizagem.

Assim, as estratégias e os recursos foram diversificados: projeção de apresentações, realização de trabalhos a par, realização de jogos em pequeno e grande grupo, e realização de atividades com materiais e técnicas diversificados. Ao longo da prática pedagógica foi possível constatar que a utilização de recursos educativos digitais e a utilização de jogos para a consolidação de conteúdos, causaram impacto positivo nos alunos, gerando muita curiosidade e dinâmica. O entusiasmo dos alunos revelou a necessidade de uma presença mais assídua de estratégias ativas: experiências que envolvam e coloquem os alunos no centro do processo de ensino e aprendizagem com o qual se identificam e lhes dê oportunidade de explorar, descobrir, dialogar e criar conhecimento. É necessário proporcionar aos alunos experiências de aprendizagem a partir da qual consigam encontrar significado e relevância para a sua vida, algo que, de certo modo, se encontra estritamente ligado à identidade da disciplina de EMRC.

1.2. Planificação e Lecionação

A Prática de Ensino Supervisionado constitui uma parte essencial na formação de professores. Permite a aproximação com a realidade escolar, tanto a nível de conceitos, de procedimentos, decisões e comportamentos que se deve tomar na prática profissional.

Este ponto do trabalho apresenta três aspetos fundamentais da tarefa do professor: planificação, lecionação e reflexão.

A planificação dos planos de aula define os objetivos, organiza e descreve as estratégias que ajudam a alcançar as metas da aula.

A lecionação concretiza o que foi planeado e dá lugar à aprendizagem. Durante a intervenção pedagógica a gestão e as decisões de ajustamento do plano de aula inicial, face a fatores externos, são fundamentais para a eficácia e a concretização dos objetivos.

Muito embora, no momento da planificação sejam considerados diversos cenários e fatores, há sempre a necessidade de reflexão após a lecionação. É fundamental ponderar a existência de fatores ou circunstâncias que influenciaram o desenvolvimento da aula de forma a proceder à reformulação do plano inicial de modo.

1.2.1. Funcionamento do núcleo da PES

O núcleo de PES, constituído por quatro elementos, exerceu a experiência de prática pedagógica numa turma de 6º ano de escolaridade. O trabalho em grupo, proporcionou uma experiência de reflexão conjunta facilitando o reconhecimento das principais dificuldades e os aspetos mais positivos uns dos outros.

No entanto, devido ao elevado número de professores estagiários, não foi possível que cada um dos elementos ficasse responsável pela planificação e lecionação de uma Unidade Letiva completa. Por isso, procedeu-se à realização de uma Planificação Anual através da qual foi feita a distribuição das aulas entre os estagiários.

Neste trabalho apenas constam as planificações e as reflexões das aulas que me foram atribuídas. Porém, por considerar fundamental a contextualização das mesmas, dentro do plano das Unidades Letivas, encontra-se em anexo a tabela referente à Planificação Anual, onde consta a calendarização, a UL e os conteúdos a trabalhar em cada aula.

De acordo com a mesma tabela, as aulas que me foram atribuídas para planificar e lecionar foram:

Unidade Letiva “A Pessoa Humana”:

- Aula n.º1
- Aula n.º5
- Aula n.º9

Unidade Letiva “Jesus, um Homem para os outros:

- Aula n.º 8
- Aula n.º10

Individualmente cada estagiário procedeu à elaboração dos planos de aula atribuídas e imediatamente à prática pedagógica, os estagiários reuniam com o professor cooperante para uma breve reflexão acerca das aulas e do plano de aula, procedendo à sua reformulação, caso necessário. Foram momentos de grande importância no processo de formação, permitindo refletir e tomar consciência sobre a postura e a gestão da aula.

1.2.2. Planificação e Reflexão

PLANO DE AULA						
6º Ano		Unidade Letiva: A Pessoa Humana		Aula n.º1	Lição n.º 3	
Sumário: Início da Unidade Letiva “A Pessoa Humana”. Cada ser humano é único e vive em relação com o mundo.						
METAS	OBJETIVOS	CONTEÚDOS	ESTRATÉGIAS	⌚	RECURSOS	AVALIAÇÃO FORMATIVA
B. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história.	1. Reconhecer a pessoa como ser único que vive em relação com os outros.	<p>Quem é uma pessoa?</p> <p>-uma unidade irrepetível;</p> <p>-Um ser em relação com os outros.</p>	1. Abertura da lição.	5 min	<p>Peças do puzzle com a imagem que se encontra na página 10 do manual.</p> <p>Material para suportar o puzzle: bostik e pioneses.</p> <p>Manual</p>	<p>Observação direta:</p> <ul style="list-style-type: none"> • atenção; • participação; • expressão oral; • capacidade de argumentação.
			2. Distribuição de uma peça de puzzle (<i>que no seu conjunto se encontra desenhado o logotipo da unidade letiva 1: A Pessoa Humana, que se encontra na página 10 do manual</i>) a cada aluno.	10 min		
			3. Diálogo horizontal fazendo analogia entre as peças de puzzle e a singularidade e sociabilidade da pessoa humana.	5 min		
			4. Montagem do puzzle: (cada peça encontra-se enumerada e o local onde irão encaixar cada peça também) pedir que cinco alunos de cada vez encaixem as suas peças no local correto.	10 min		
			5. Realizar uma chuva de ideias: “O que distingue a pessoa humana dos restantes seres?” e escrever no quadro (professor).	15 min		
			6. Pedir aos alunos que estejam atentos de modo a identificar três elementos importantes do texto que irá ser lido.	5 min		
			7. Leitura em voz alta das páginas 12 e 13 do manual por um ou mais alunos.			
			8. Questionar quais os elementos chaves do texto e que os confrontem com as suas ideias escritas no quadro: mudariam alguma coisa? Porquê?			
Síntese: Cada pessoa nasce inserida numa determinada comunidade e é única e irrepetível.						

Anexo 2: Recursos da aula n.º1 da UL “A Pessoa Humana”

RELATÓRIO DA AULA

6º Ano	Unidade Letiva: A Pessoa Humana	Aula n.º1	Lição n.º 3
--------	---------------------------------	-----------	-------------

Síntese da aula:

No vigésimo sétimo dia do mês de setembro do ano dois mil e dezasseis às doze horas, teve início a aula de Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC) na turma B do sexto ano de escolaridade do Colégio do Amor de Deus – Cascais, composto por trinta alunos, tendo sido registado a falta de presença de dois alunos.

Antes da aula de EMRC os alunos têm um intervalo de dez minutos e entram na sala logo após o sinal sonoro de início das aulas antes do professor responsável da disciplina.

A sala onde decorre a aula de EMRC é comum a todas as outras disciplinas da turma, com exceção às disciplinas de Educação Física, Educação Visual e esporadicamente Educação Musical.

Dispostos individualmente em cada mesa, a maioria dos alunos já tinha na sua secretária o manual e o caderno da disciplina.

Antes do registo do sumário da aula, foi lembrado aos alunos como iriam decorrer as próximas aulas. Que no presente dia seria eu a lecionar a aula e nos próximos dias os outros colegas.

A primeira aula da Unidade Letiva “*A Pessoa Humana*” teve início com o registo do sumário no quadro a partir do qual cada aluno registou devidamente no seu caderno.

Posteriormente foi distribuído a cada aluno uma peça de um puzzle. Com o objetivo de conduzir o aluno para a descoberta e o reconhecimento de que a pessoa é um ser único que vive em relação com os outros em primeiro lugar distribuí uma peça de um puzzle a cada aluno e depois conduzi um diálogo com os alunos fazendo uma analogia entre as peças do puzzle e a singularidade e sociabilidade da pessoa humana, por fim procedeu-se à montagem do puzzle. Foram chamados ao quadro cinco alunos de cada vez para colocar a sua peça no devido lugar. Como o momento da montagem demorou mais tempo do que previsto, os alunos começaram a ficar agitados. Nesse momento poderia ter alterado a estratégia inicialmente prevista e ter pedido que os alunos realizassem uma leitura silenciosa das páginas 12 e 13 do manual, mas tratando-se da primeira aula lecionada no estágio achei que o melhor seria prosseguir com o plano inicial.

A construção do puzzle revelou a imagem que se encontra no início da Unidade Letiva “*A Pessoa Humana*” do manual e a partir dessa imagem realizámos uma chuva de ideias a partir da questão: “O que distingue a pessoa humana dos restantes seres?”. As diversas respostas foram

escritas no quadro para que depois da leitura em voz alta, pela professora, das páginas 12 e 13 do manual pudessem confrontar as suas ideias com as ideias propostas pelo manual.

Antes da aula terminar foi realizada uma síntese oral da aula.

Reflexão:

Na planificação do Plano de Aula tive em consideração que se tratava da primeira aula da Unidade Letiva e da primeira aula do núcleo de estágio. Por esse motivo, o meu principal objetivo foi encontrar estratégias que motivassem os alunos para a aprendizagem dos conteúdos desta UL. Assim, optei por centrar a aula nos alunos através do diálogo e chuva de ideias, o que me permitiu averiguar o que os alunos pensam e sabem, na generalidade, sobre o tema “*A Pessoa Humana*”. A estratégia do puzzle foi pensada com o intuito de realçar a importância do papel de cada aluno para a construção da aula.

Nesta aula apenas estiveram presentes vinte e nove alunos, tendo faltado uma aluna. Na generalidade os alunos tinham o material necessário para aula. Contudo, ficaram registados os que não levaram.

Os alunos revelaram interesse e participaram oportuna e organizadamente na aula. O seu comportamento, face as abordagens, foi positivo.

Durante a aula não foi realizado nenhuma alteração ao plano inicial da aula, tendo a planificação sido cumprida na sua totalidade.

As estratégias abordadas foram eficazes para o objetivo da aula. No entanto, o momento da montagem do puzzle deverá ser repensado. Em primeiro lugar porque o tempo não foi suficiente e em segundo lugar porque os alunos que não se encontravam a montar as peças dispersaram-se um pouco. Por esse motivo, reformulei o Plano de Aula inicialmente pensado e lecionado, tendo em consideração todos os aspetos a melhorar propostos na reflexão de grupo. Não obstante, as melhorias a realizar no Plano de Aula, os recursos utilizados na aula foram adequados.

O Puzzle foi construído num material resistente e devidamente numerado para facilitar a sua montagem e permitiu desenvolver e encaminhar as reflexões dos alunos para o Conteúdo e Objetivos programáticos da aula. E a utilização do manual permitiu serenar a turma após a dinâmica do puzzle e acima de tudo, ajudou a clarificar e/ou construir uma leitura correta dos Conteúdos e os Objetivos programáticos.

Posto isto, considero que objetivo da aula foi conseguido, pois as estratégias do puzzle, do diálogo e da chuva de ideias envolveram os alunos no processo de ensino e aprendizagem da

aula e através do diálogo, através do qual os alunos expressaram as suas ideias e pensamentos, pude perceber que interiorizaram os Conteúdos.

REFORMULAÇÃO DO PLANO DE AULA

6º Ano	Unidade Letiva: A Pessoa Humana	Aula n.º1	Lição n.º 3			
Sumário: Início da Unidade Letiva “A Pessoa Humana”. Cada ser humano é único e vive em relação com o mundo.						
METAS	OBJETIVOS	CONTEÚDOS	ESTRATÉGIAS	⌚	RECURSOS	AVALIAÇÃO FORMATIVA
B. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história.	1. Reconhecer a pessoa como ser único que vive em relação com os outros.	Quem é uma pessoa? -uma unidade irrepetível; -Um ser em relação com os outros.	1. Abertura da lição.	5 min	Quadro	Observação direta: • Realização das atividades propostas; • Participação; • Expressão oral; • Capacidade de argumentação.
			2. Puzzle: - Distribuição; - Diálogo horizontal fazendo analogia entre as peças de puzzle e a singularidade e sociabilidade da pessoa humana; - Montagem do puzzle (cinco alunos de cada vez); - Enquanto alguns alunos montam o puzzle outros fazem escrevem no caderno: “O que distingue a pessoa humana dos restantes seres?”	15 min	ANEXO A: Peças do puzzle Bostik	
			3. Chuva de ideias: “O que distingue a pessoa humana dos restantes seres?” - Diálogo. - Registo no quadro pela professora.	5 min	Quadro	
			4. Manual: - Leitura em voz alta das páginas 12 e 13 do manual por um ou mais alunos. - Diálogo	15 min	Manual	
Síntese: Cada pessoa nasce inserida numa determinada comunidade e é única e irrepetível.						

PLANO DE AULA INICIAL						
6º Ano		Unidade Letiva: A Pessoa Humana		Aula n.º5	Lição n.º 7	
Sumário: Descoberta do valor da autenticidade na vida da pessoa humana a partir do conto “A Branca de Neve”.						
METAS	OBJETIVOS	CONTEÚDOS	ESTRATÉGIAS	⌚	RECURSOS	AValiação FORMATIVA
G. Identificar valores evangélicos	3. Promover a autenticidade como fidelidade ao próprio projeto (vocação).	<p>A vocação da pessoa é a felicidade:</p> <p>- Ser coerente com aquilo que se é e se aparenta ser.</p> <p>- Ser verdadeiro e procurar a verdade.</p> <p>- Aceitação de si mesmo</p>	1. Acolhimento e registo do sumário.	5 min	<p>Anexos:</p> <p>1. Guião de exploração do conto adaptado “A Branca de Neve”</p> <p>2. Conto e ficha de trabalho para os alunos.</p>	<p>Observação direta:</p> <ul style="list-style-type: none"> • atenção; • participação; • expressão oral; • capacidade de argumentação. <p>Identifica e corresponde os momentos chaves da história com os conteúdos da aula.</p>
			2. Realização, pelo professor e em diálogo com os alunos, de um mapa organizativo e de enquadramento dos conteúdos da UL, no quadro.	5 min		
			3. Entrega aos alunos e leitura em voz alta, pelo professor, do conto adaptado “A Branca de Neve” da obra “ <i>Contos de Grimm</i> ”, do Plano Nacional de Leitura do 6º Ano.	10 min		
			4. Identificação, conjunta, dos momentos chave da história para a compreensão dos conteúdos da aula, mediante o guião de exploração do conto, que se encontra em anexo.	10 min		
			5. Realização de um trabalho escrito, que será corrigido posteriormente pelo professor: a) identificar e transformar uma situação não autêntica do conto para uma situação autêntica. b) descodificar a mensagem escondida no conto da “Branca de Neve” com auxílio de um banco de palavras.	10 min		
			6. Síntese da aula a partir da exploração do ponto 4b da planificação.	5 min		
Síntese: Somos mais felizes quando somos autênticos.						

Anexo 3: Recursos da aula n.º5 da UL “A Pessoa Humana”

RELATÓRIO DA AULA			
6º Ano	Unidade Letiva: A Pessoa Humana	Aula n.º5	Lição n.º 7

Síntese da aula:

A quinta aula da Unidade Letiva “*A Pessoa Humana*” teve início com o registo do sumário no quadro a partir do qual cada aluno registou devidamente no seu caderno.

De modo organizar e verificar a consolidação dos conteúdos lecionados nas aulas anteriores, mediante o diálogo e questões que fui colocando aos alunos, realizei no quadro, um mapa conceitual dos principais conteúdos da Unidade Letiva.

Após a contextualização dos conteúdos, foi distribuído pelos alunos uma ficha de trabalho no qual continha o conto adaptado «A Branca de Neve» da obra “*Contos de Grimm*”, do Plano Nacional de Leitura do 6º Ano e algumas questões de interpretação e reflexão. O texto foi lido em voz alta por mim para que todos os alunos se concentrassem somente no texto. De seguida, em diálogo com os alunos foram identificados alguns momentos chave do texto que permitissem relacionar com os Conteúdos programáticos da aula: ser coerente entre aquilo que se é e se aparenta ser; a procura da verdade e a aceitação de si mesmo.

Depois foi lido aos alunos o enunciado das atividades escritas. Alguns alunos revelaram algumas dificuldades de compreensão. A esses alunos tive a preocupação de explicar individualmente, pois a maioria da turma já se encontrava a trabalhar.

Antes da aula terminar foi realizada uma síntese da aula a partir da ficha de trabalho.

Os trabalhos foram recolhidos para correção e deu-se por terminada a aula.

Reflexão:

Na planificação do Plano de Aula tive em consideração que havia uma continuidade do Objetivo desta aula com o da aula anterior. Muito embora os Conteúdos fossem diferentes o Objetivo era o mesmo: “*3. Promover a autenticidade como fidelidade ao próprio projeto*”. Uma vez que a aula anterior se centrou na exploração de um texto evangélico muito denso tentei encontrar uma abordagem que, em primeiro lugar motivasse a participação e interesse pelo tema; em segundo lugar partir da experiência dos alunos, do seu conhecimento e da sua realidade para desenvolver os Conteúdos, relacionando com os valores evangélicos.

Para isso, escolhi o conto “*A Branca de Neve*” dos irmãos Grimm. Um conto que à partida a maioria dos alunos já conhecem e está adequado à faixa etária, uma vez que faz parte do Plano Nacional de Leitura do 6º Ano.

Partindo de um património que faz parte da cultura infanto-juvenil atual, pretendia através da apresentação de um problema e a reflexão com os alunos conduzi-los a encontrar conceitos e valores evangélicos implícitos que demonstrassem a importância da autenticidade na vida das pessoas.

As expectativas que tinha quanto à escolha da abordagem e da estratégia foram alcançadas. Os alunos além de mostrarem-se muito interessados, participaram com entusiasmo e adequadamente, ultrapassando de certo modo as expectativas iniciais. Isto porque, como já levava comigo um guião de exploração do texto para conduzir a aula, os alunos foram capazes de encontrarem novos exemplos, adequadamente justificados para relacionados com o Conteúdo programático.

A resposta dos alunos face à estratégia pedagógica desta aula, foi bastante positiva, e julgo que isso deve-se à abordagem centrada no aluno. Isto é, partindo de uma realidade que ele conhece, promover a capacidade refletiva e crítica sobre o seu mundo.

A atividades da estratégia foi igualmente bem conseguida, porque a sua estrutura seguiu uma sequência lógica.

Posto isto, depois de verificar que alguns alunos demonstraram alguma dificuldade de compreensão da atividade: “*Identifica e transforma uma situação não autêntica do conto para uma situação autêntica.*” da ficha de trabalho julgo que poderia melhorar ou até mesmo retirar e/ou realizá-la oralmente.

REFORMULAÇÃO DO PLANO DE AULA APÓS REFLEXÃO							
6º Ano		Unidade Letiva: A Pessoa Humana		Aula n.º5	Lição n.º 7		
Sumário: Descoberta do valor da autenticidade na vida da pessoa humana a partir do conto “A Branca de Neve”.							
METAS	OBJETIVOS	CONTEÚDOS	ESTRATÉGIAS	🕒	RECURSOS	AVALIAÇÃO FORMATIVA	
G. Identificar valores evangélicos	3. Promover a autenticidade como fidelidade ao próprio projecto (vocação).	<p>A vocação da pessoa é a felicidade:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Ser coerente com aquilo que se é e se aparenta ser. - Ser verdadeiro e procurar a verdade. - Aceitação de si mesmo 	1. Abertura da lição	5 min	Quadro	Observação direta: <ul style="list-style-type: none"> • atenção; • participação; • expressão oral; • capacidade de argumentação; • Realização das tarefas propostas. 	
			2. Mapa conceptual	Realização, pelo professor e em diálogo com os alunos, de um mapa organizativo e de enquadramento dos conteúdos da UL, no quadro.	5 min		Quadro
			3. «A Branca de Neve»:	<ul style="list-style-type: none"> - Entrega ficha de trabalho; - Leitura em voz alta pelo professor - Diálogo e identificação dos momentos chave da história para a compreensão dos conteúdos da aula; - Trabalho escrito; - Recolha dos trabalhos. 	30 min		Anexo E: 1. Guião 2. Conto e ficha de trabalho
			4. Síntese da aula	5 min			
Síntese: Somos mais felizes quando somos autênticos.							

PLANO DE AULA						
6º Ano		Unidade Letiva: A Pessoa Humana		Aula n.º9	Lição n.º 12	
Sumário: Correção e entrega do teste de avaliação. Realização da autoavaliação.						
METAS	OBJETIVOS	CONTEÚDOS	ESTRATÉGIAS	⌚	RECURSOS	AVALIAÇÃO FORMATIVA
		Unidade Letiva 1	1. Registo do sumário.	5 min	Testes de avaliação corrigidos; Fichas de autoavaliação (do CAD). Projektor; Quadro branco.	Observação direta: - Atenção; - Capacidade de realização das tarefas propostas.
			2. Teste de avaliação: Correção escrita no caderno diário. Projeção do teste corrigido (PowerPoint); Entrega.	20 min		
			3. Auto avaliação: Entrega da ficha de autoavaliação, Projeção da ficha; Leitura das competências a avaliar; Realização individual.	20 min		

Anexo 4: Ficha de Avaliação

- Teste de Avaliação (Os alunos realizam o teste de avaliação todos num dia e horário próprio definido pelo CAD, por isso não existe qualquer registo de planificação)
- Teste de Avaliação - Correção
- Grelha de resultados do Teste de Avaliação

RELATÓRIO DA AULA			
6º Ano	Unidade Letiva: A Pessoa Humana	Aula n.º9	Lição n.º 12

Síntese da aula:

A nona aula da Unidade Letiva “*A Pessoa Humana*” teve início com a projeção do sumário a partir do qual cada aluno registou devidamente no seu caderno.

Com auxílio da projeção de diapositivos (PowerPoint) procedeu-se à correção escrita no caderno das respostas corretas do Teste de Avaliação. Além do registo no caderno foram esclarecidas algumas dúvidas o que atrasou um pouco a gestão do tempo.

Depois da correção procedeu-se à entrega dos Testes de Avaliação e o esclarecimento dos procedimentos para a realização da Ficha de autoavaliação.

Reflexão:

Na planificação do Plano de Aula considerei que as abordagens pedagógicas deveriam estar centradas no professor, pois o primeiro objetivo da aula centrava-se na correção de conceitos e conhecimentos fundamentais da Unidade Letiva “*A Pessoa Humana*” e o segundo na clarificação e realização da ficha de autoavaliação. Assim as estratégias utilizadas foram duas: exposição da correção e realização escrita da autoavaliação.

Muito embora estivesse previsto que a correção do Teste de Avaliação apenas se basearia na leitura e cópia das respostas corretas de cada item de avaliação, durante a aula senti a necessidade de explicar e clarificar alguns conceitos levando mais tempo do que inicialmente previsto. Muito embora todos os alunos tenham realizado a autoavaliação, esta alteração da gestão do tempo fez com esta estratégia tivesse tido menos tempo para ser desenvolvida.

RELATÓRIO TESTE DE AVALIAÇÃO		
6º Ano	Unidade Letiva: A Pessoa Humana	Data: 27 de novembro

Reflexão:

Após o processo de ensino e aprendizagem da UL “A Pessoa Humana” cabe a tarefa de verificar se os objetivos foram alcançados ou não.

Tal como se encontra definido no Programa Educativo do CAD, mediante os objetivos e os conteúdos lecionados da Unidade Letiva “A Pessoa Humana” procedeu-se à elaboração do Teste de Avaliação correspondente a 70% da avaliação final do aluno. Muito embora tenhamos definido desde o início do ano nas Planificações de Nível I, II, III quais os objetivos e os conteúdos a lecionar, na elaboração do teste apenas consideramos aqueles que efetivamente foram desenvolvidos com os alunos e a importância e o tempo que foi atribuído para cada um deles. O teste foi dirigido para o ensino efetivamente concretizado.

A classificação atribuída a cada item do teste fundamentou-se na importância e no tempo dedicado para cada conteúdo/objetivo. O tipo de questões que foram utilizados no teste de avaliação surgem do tipo de conhecimento desenvolvido com os alunos: factos ou interpretação ou aplicação de conceitos. Outro aspeto que tivemos em consideração foi o tempo para a realização do teste de avaliação. Considerando que os alunos apenas teriam 45 minutos para a sua realização tentamos realizar um teste justo e adequado ao tempo.

Tal como se espera de todo o tipo de avaliação, tentamos que todas as questões fossem claras e de simples compreensão, que não levantasse qualquer dúvida ou ambiguidade.

Elaboramos uma matriz que permite o registo dos resultados e que além da cotação de cada item também refere qual o objetivo que está a ser testado em cada questão.

PLANO DE AULA INICIAL						
6º Ano		Unidade Letiva: Jesus, um Homem para os outros		Aula n.º 8	Lição n.º 20	
Sumário: A prisão, os julgamentos e a morte de Jesus. Realização de um jogo.						
METAS	OBJETIVOS	CONTEÚDOS	ESTRATÉGIAS	Tempo	RECURSOS	AValiação FORMATIVA
B. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história.	3. Compreender, pela interpretação de textos bíblicos, qual foi a missão de Jesus, o Filho de Deus.	<ul style="list-style-type: none"> - Jesus é preso, julgado e condenado pelo tribunal judaico; - Jesus é julgado e condenado à morte por Pilatos; - Crucificação e morte de Jesus na cruz. 	1. Registo do sumário.	5 min	<ul style="list-style-type: none"> - Quadro branco - Projetor de vídeo - Anexo do Plano de Aula 	Realização das tarefas propostas.
			2. A prisão, os julgamentos e a morte de Jesus:	20 min	<ul style="list-style-type: none"> - Quadro branco - Projetor de vídeo - Anexo do Plano de Aula 	Atenção. Participação organizada e adequada. Realização da tarefa proposta.
			3. Jogo: “A glória de Jesus”:	20 min	<ul style="list-style-type: none"> - Anexo do Plano de Aula - Quadro branco - Projetor de vídeo - Jogo 	Respeito pelos colegas e pelas regras de funcionamento.
Síntese: Mesmo nos momentos mais frágeis e injustos da nossa vida, Deus está sempre connosco, tal como esteve com Jesus.						

Anexo 5: Recursos da aula n.º8 da UL “Jesus, um Homem para os outros”

RELATÓRIO DA AULA			
6º Ano	Unidade Letiva: Jesus, um Homem para os outros	Aula n.º8	Lição n.º 20

Síntese da aula:

Tal como consta na planificação a aula encontra-se dividida em dois grandes momentos. A primeira parte centra-se fundamentalmente na aquisição de conhecimentos e a segunda parte na aplicação dos mesmos mediante a realização de um jogo.

Antes da entrada dos alunos na sala de aula as mesas e as cadeiras foram dispostas tal como se encontra no anexo do plano de aula. Dada a nova disposição das mesas os alunos entraram um pouco agitados na sala. Porém, após a explicação de como iria decorrer a aula os alunos acalmaram o seu comportamento.

Após o registo do sumário nos cadernos deu-se início ao diálogo com os alunos através do visionamento de uma apresentação com os conteúdos da aula. Os alunos foram muito participativos e demonstraram através do questionamento de algumas dúvidas e intervenções pertinentes que estavam concentrados e interessados.

Muito embora tenha feito os possíveis para me concentrar no essencial da primeira parte da aula, o tempo para o desenvolvimento da segunda parte da aula não foi o suficiente para dizer que a estratégia foi cumprida. Dada a excitação da realização de um jogo de tabuleiro em grupo, demorei um pouco mais do que previsto para voltar a acalmar os alunos e muito embora todos os grupos tenham jogado uma rodada esta não foi suficiente para afirmar que a estratégia foi bem-sucedida.

Reflexão:

Durante a planificação tive sempre presente que seria um risco a realização do jogo “A Gloria de Jesus” nesta aula, pois poderia não conseguir que todos os grupos passassem por todas as fases do jogo devido ao elevado número de alunos e ao tempo. Por considerar que este jogo seja boa estratégia de avaliação informal do desenvolvimento global dos alunos face a Unidade Letiva, dedicaria uma aula inteira para a sua realização. Assim, após a reflexão da aula, alteraria a planificação inicial desta turma em concreto (pois o elevado número de alunos não o permite) e reorganizava em duas aulas. Se fosse responsável pela planificação e lecionação desta UL teria tomado a decisão de deixar a atividade do jogo para a aula seguinte e realizado com os alunos outra tarefa, mas dado às condicionantes deste núcleo de estágio tal não foi possível.

PLANO DE AULA INICIAL						
6º Ano		Unidade Letiva: Jesus, um Homem para os outros		Aula n.º 10	Lição n.º 22	
Sumário: Leitura e análise do texto: “Discurso de Pedro em casa de Cornélio”. Tradições da Páscoa.						
METAS	OBJETIVOS	CONTEÚDOS	ESTRATÉGIAS	Tempo	RECURSOS	AValiação FORMATIVA
B. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história.	4.Reconhecer a Ressurreição de Jesus como vitória da Vida sobre a morte.	A ressurreição, Jesus é o Senhor, Jesus é o Filho de Deus: Act 10, 34-43: Discurso de Pedro em casa de Cornélio.	<u>1. Registo do sumário.</u>	10 min		Realização das tarefas Propostas.
			<u>2. Discurso de Pedro em casa de Cornélio.</u> - Distribuição da ficha de trabalho - Leitura, interpretação e atualização. - Registo da síntese do texto.	20 min	- Anexo	Atenção. Participação organizada e adequada. Realização da tarefa proposta.
			<u>3. A vivência da Páscoa cristã:</u> - Diálogo sobre as tradições da Páscoa - Cruz gloriosa: Desafio para realizar em família e trazer para a escola na aula seguinte	15 min	- Tela e projetor de vídeo - Anexo	Atenção Participação organizada e adequada. Responsabilidade.
Síntese: Deus acolhe todas as pessoas que têm fé em Jesus Cristo morto e ressuscitado e a testemunham na sua vida.						

Anexo 6: Recursos da aula n.º10 da UL “Jesus, um Homem para os outros”

RELATÓRIO DA AULA			
6º Ano	Unidade Letiva: Jesus, um Homem para os outros	Aula n.º10	Lição n.º 22

Síntese da aula:

Os alunos entraram corretamente na aula e registraram sem problemas o sumário que se encontrava projetado no quadro. Foi distribuído pelos alunos o anexo da aula e foi lido pela professora estagiária o texto adaptado “*O discurso de Pedro na Casa de Cornélio*”. Pedi aos alunos que colocassem as dúvidas que tinham tido durante a leitura e fui explicando as dúvidas e ao mesmo tempo fui conduzindo a aula explorando o guião de leitura previamente elaborado.

Durante este diálogo com os alunos, um colocou uma questão que condicionou toda a aula a partir desse momento, mas que deveria ser bem esclarecido. A questão colocada situava no seguinte âmbito: “Por que razão os cristãos se acham melhores que os outros, nomeadamente que os muçulmanos?”. Quando me foi colocada a questão achei fundamental parar de lecionar os conteúdos da aula e responder à questão. Na altura respondi que os cristãos não se achavam melhor que os outros, mas que a sua fé em Deus os fazia entender a vida de uma outra forma e utilizei algumas partes do texto para exemplificar. Muito embora a gestão do tempo tenha ficado comprometida foi importante não deixar a aluna sem resposta.

Após este desvio da planificação a aula foi feita uma síntese conjunta com os alunos do texto. A maioria dos alunos ajudou na construção de uma síntese e isso permitiu-me verificar até que ponto os alunos os alunos interiorizaram e compreenderam os conteúdos.

Na segunda parte da aula, devido ao tempo que dediquei para o esclarecimento da dúvida da aluna, tive que abdicar do diálogo com os alunos, sobre as suas experiências e tradições da Páscoa e dei a conhecer, mediante imagens algumas tradições pascais que se vivem no nosso país. Para terminar a aula, através da tarefa que atribui aos alunos para realizarem em casa com a família, pretendia que eles olhassem para a cruz não como símbolo de morte, mas de vida, por isso pedi que decorassem uma cruz gloriosa.

Reflexão:

A planificação foi cumprida e o comportamento, o interesse e a participação dos alunos da turma demonstram que foi eficaz e os objetivos atingidos. No entanto, no decorrer da aula tive de fazer algumas alterações estratégicas, nomeadamente na construção conjunta da síntese da aula.

A aula ficou marcada pela intervenção de uma aluna que colocou uma questão que não estava relacionada com o tema, mas que devido à sua importância mereceu o tempo dedicado à resposta.

Uma vez que a estratégia de síntese conjunta em forma de mapa mental, resultou bastante bem e possibilitou organizar os conteúdos da aula e perceber a existência ou não de alguma lacuna, considero que seria a única alteração que faria na planificação inicial.

REFORMULAÇÃO DO PLANO DE AULA

6º Ano	Unidade Letiva: Jesus, um Homem para os outros	Aula n.º 10	Lição n.º 22
--------	--	-------------	--------------

Sumário: Leitura e análise do texto: “Discurso de Pedro em casa de Cornélio”. Tradições da Páscoa.

METAS	OBJETIVOS	CONTEÚDOS	ESTRATÉGIAS	Tempo	RECURSOS	AVALIAÇÃO FORMATIVA
B. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história.	4.Reconhecer a Ressurreição de Jesus como vitória da Vida sobre a morte.	A ressurreição, Jesus é o Senhor, Jesus é o Filho de Deus: Act 10, 34-43: Discurso de Pedro em casa de Cornélio.	<u>1. Registo do sumário.</u>	10 min		Realização das tarefas Propostas.
			<u>2. Discurso de Pedro em casa de Cornélio.</u> - Distribuição da ficha de trabalho - Leitura, interpretação e atualização. - Construção da síntese do texto com os alunos em forma de mapa mental no quadro.	20 min	- Anexo	Atenção. Participação organizada e adequada. Realização da tarefa proposta.
			<u>3. A vivência da Páscoa cristã:</u> - Diálogo sobre as tradições da Páscoa - Cruz gloriosa: Desafio para realizar em família e trazer para a escola na aula seguinte	15 min	- Tela e projetor de vídeo - Anexo	Atenção Participação organizada e adequada. Responsabilidade.

Síntese: Deus acolhe todas as pessoas que fazem o bem. Quem acredita em Cristo Ressuscitado deve imitar os gestos e as palavras de bondade.

1.3. Indagação

No exercício da função docente é fundamental conhecer os diversos fatores que influenciam o processo de ensino e aprendizagem. A reflexão e procura de respostas, permite ao professor melhorar a forma de desenvolver as aprendizagens e ir ao encontro da realidade dos alunos.

O estudo desenvolvido neste trabalho, surge da constatação de uma necessidade sentida na PES e da pertinência que o objeto de estudo poderá ter para as aprendizagens do aluno, para a tarefa de planificação do docente e o cumprimento da missão da disciplina de EMRC.

1.3.1. Interrogações

Ao longo da PES, os professores estagiários deste núcleo de PES, além da utilização do manual da disciplina, criaram e utilizaram diversos recursos pedagógicos, de modo a ir ao encontro da especificidade dos alunos da turma.

Um dos materiais pedagógicos mais recorrentes, foram as apresentações de diapositivos realizadas através de ferramentas digitais, nos quais foi possível inserir conteúdos de diferentes formatos (imagem, áudio, texto, vídeo e animação) para comunicar, exprimir e ajudar os alunos a compreender e refletir sobre determinadas situações, conceitos e valores; conhecer acontecimentos, factos históricos, vidas exemplares, valores; visitar de forma virtual determinados lugares simbólicos para os cristãos que de outra forma seria menos estimulante e motivador. Muito embora, esses materiais e recursos digitais tenham sido utilizados numa perspetiva mais tradicional, isto é, mais expositiva, os alunos mostraram-se bastante interessados e a sua utilização revelou que a conjugação de vários auxiliares de compreensão (imagem, vídeo, som e texto), num só recurso, podem facilitar a compreensão e aprofundamento de determinados conteúdos, porque consegue ir o encontro do modo próprio de cada aluno aprender. Por exemplo, um aluno com mais dificuldades de leitura, terá mais facilidade em compreender um texto se este for lido, se for dramatizado ou visualizado em animação.

Para a elaboração desses materiais, o recurso a meios tecnológicos, nomeadamente o computador e a internet foram fundamentais. Por um lado, porque permitiu o acesso a um vasto leque materiais e recursos pedagógicos que de outra forma não seria possível e por outro ajudou a cativar a atenção dos alunos e até facilitar a compreensão de determinados conteúdos.

No entanto, as diversas pesquisas, na Internet, de materiais e recursos pedagógicos para utilização ou adaptação para a disciplina de EMRC, revelou:

escassez de sítios da internet, institucionais, da disciplina de EMRC com recursos de aprendizagem;

diversos sítios da internet, não oficiais, que se definem como católicos, mas com conteúdos pouco fidedignos;

existência de diversos *blog's* criados por docentes da disciplina, mas com diversos recursos de pouca qualidade científica, teológica, pedagógica e/ou gráfica.

dispêndio de tempo na procura de recursos educativos, ou outro tipo de conteúdo, possíveis de serem utilizados, adaptados ou modificados;

dispêndio de tempo na criação de recursos educativos para a disciplina;

necessidade de competências digitais para a realização de determinadas tarefas digitais.

Muito embora a disciplina de EMRC disponha de um conjunto de manuais por ano de escolaridade, a elaboração ou adaptação de materiais e recursos pedagógicos é uma tarefa imprescindível do professor, porque permite adaptar os conteúdos e atividades à realidade dos alunos.

A escassez de espaços digitais institucionais de curadoria que reuniam recursos e materiais específicos para a disciplina de EMRC criados por professores ou outros profissionais do sector, que cumpram critérios de qualidade gráfica, científica, teológica, didático-pedagógica e direitos autorais, que possam ser utilizados de forma ética:

dificultam o trabalho do docente de EMRC, já que obriga a ter competências digitais específicas, recorrer a múltiplas ferramentas digitais e a dispensar bastante tempo na criação e /ou adaptação e mistura de recursos não didáticos (por vezes duvidosos e desadequados);

qualquer tipo de conteúdo, seja digital ou não, que não sofra um processo de curadoria pode induzir os seus leitores/utilizadores, a erro ou ao desinteresse.

Atualmente, a utilização de ferramentas e recursos educativos digitais para a comunicação e desenvolvimento de aulas em ambiente inovador é uma realidade em construção que potencia um ensino mais dinâmico, uma aprendizagem mais autónoma, desejável, interessante, motivadora, mas também mais produtiva e eficiente. No entanto, a integração de recursos e ferramentas digitais na sala de aula não é, por si só, sinónimo de qualidade e aprendizagem.

Numa disciplina com uma identidade marcada pela mensagem do Evangelho, é fundamental que utilização da tecnologia, não dilua a sua essência e os seus objetivos, mas seja vista como uma oportunidade de fazer chegar a EMRC a um vasto leque de pessoas que de outra forma não se conseguiria chegar. Por isso, a criação de um espaço digital institucional de curadoria

dos recursos e materiais digitais dedicados à EMRC, pensado, estruturado e mantido de forma que seja possível a aquisição ou aprofundamento de conhecimentos inerentes à disciplina, que capacite à abertura ao outro e ao transcendente e desafie todo e qualquer utilizador a viver os valores evangélicos.

É, pois, sobre este contexto que se assentam as interrogações que orientarão a revisão de leitura e a proposta pedagógica deste trabalho:

De que forma a utilização de recursos digitais pode contribuir para a missão educativa da disciplina de EMRC?

De que forma um repositório digital de recursos educativos poderá beneficiar os alunos, os professores e a disciplina de EMRC?

1.3.2. Proposta de intervenção

Com a evolução e proliferação da tecnologia digital nas diversas áreas da vida da sociedade moderna, a escola não pode colocar de lado a sua integração na sala de aula, como suporte à aprendizagem, inovação, promoção e desenvolvimento de competências digitais dos alunos, necessárias para o desenvolvimento pessoal, social e profissional. Nesse sentido, a disciplina de EMRC, enquanto elemento agregador da comunidade escolar, não deve ficar à margem desta nova realidade, mas deve ser capaz de olhar para ela como uma oportunidade.

Nesse sentido, a proposta que será apresentada não incidirá sobre o tema da Unidade Letiva do 6º ano “A Pessoa Humana”, desenvolvida na PES, mas um projeto de repositório de recursos educativos para a disciplina de EMRC, no qual seja possível armazenar e/ou organizar conteúdos de acesso e licença aberta, através do qual, professores e alunos da disciplina, mas também outros utilizadores, possam pesquisar, reter, reutilizar, partilhar e avaliar recursos educativos originais ou derivados e possam utilizá-los como suporte de aprendizagem, aprofundamento de conhecimentos e melhoria na qualidade do processo de ensino e aprendizagem.

O repositório será pensado e criado a partir das necessidades específicas da comunidade educativa, de professores e alunos de EMRC. Neste ambiente digital será possível disponibilizar, armazenar e organizar recursos e conteúdos pedagógicos, criados pelos professores, que cumpram requisitos mínimos de qualidade científica, teológica, didático-pedagógica e gráfica; que respeitem as questões de funcionalidade, ética, acessibilidade, usabilidade, design, contexto e direitos de autor. Neste sentido este repositório, terá funcionalidades que permitirão pesquisar, partilhar, obter, reutilizar, modificar e avaliar

recursos educativos ou conteúdos de acesso aberto de forma a facilitar a tarefa do professor perante a abundância e dispersão de conteúdos, recursos e informação na internet; apoiar o processo de ensino e aprendizagem dos alunos e reduzir os custos inerentes à aquisição de materiais pedagógicos.

Esta proposta pretende ser um espaço digital de curadoria de recursos e materiais digitais de EMRC, mas sobre tudo uma comunidade digital de professores de EMRC que trabalha em conjunto para o bem comum, e propõe uma caminhada que permite a cada utilizador conhecer e aceitar o outro e o transcendente e convida a viver os valores universais do Evangelho.

Não se trata apenas de utilizar as novas tecnologias para a divulgação da mensagem cristã ou os conteúdos programáticos da disciplina, mas aceitar que as novas tecnologias, nomeadamente a Internet e os recursos tecnológicos e digitais, são um ambiente na qual a EMRC tem de estar presente para cumprir a sua missão educativa, porque também ela é um espaço com vida e habitado por pessoas que procuram e anseiam pela Verdade, mesmo sem o saber. Tal como referido no documento «Internet e Igreja» do Pontifício Conselho para as Comunicações Sociais:

Realizar isto é ainda mais importante nos dias de hoje, não apenas porque os meios de comunicação atuais influenciam fortemente sobre aquilo que as pessoas pensam acerca da vida, mas também porque, em grande medida, a experiência humana como tal se tornou uma experiência vivida através dos *mass media*. (PCCS, Igreja e Internet, 2000, n.4)

Atualmente, a internet tem um lugar importante na vida das pessoas. Através dela, os alunos, comunicam, interagem, conhecem, experienciam novas sensações, criam padrões de comportamentos, gostos e formam juízo de valores. Através da tecnologia digital e de uma linguagem própria desta geração, este espaço pretende mostrar a perspetiva e proposta cristã da vida e do mundo através de recursos educativos e ferramentas digitais que comuniquem de uma forma eficaz a mensagem e consigam ir encontro das suas realidades e necessidades. Pretende ainda ser um espaço de promoção da dignidade humana, de discernimento, de construção e desconstrução de aprendizagens, de diálogo, de encontro de culturas, religiões, ideias e opiniões e de conhecimento da mensagem e vida cristã. Um espaço de apoio para os professores e um espaço de descobertas para os alunos.

CAPÍTULO 2 | RECURSOS DIGITAIS: ENQUADRAMENTO TEÓRICO

2.1. Os Recursos Digitais na Educação

A integração das tecnologias digitais em ambientes educativos encontra-se, atualmente, em grande expansão e tem vindo a ganhar um papel cada vez mais significativo na vida quotidiana das pessoas, nomeadamente nos jovens, que recorrem frequentemente às tecnologias para se ligar ao mundo, aos amigos, à família e expressar opiniões.

A Escola tem vindo a adaptar-se a esta nova exigência e procura desenvolver estratégias e práticas didáticas mais significativas que promovam ambientes educativos inovadores, através da utilização de ferramentas e recursos digitais. Por conseguinte, torna-se imprescindível que os professores desenvolvam competências digitais que lhes permitam compreender como elaborar, utilizar e avaliar ferramentas e recursos digitais, que se adequem ao seu contexto e ao objetivo da aprendizagem de acordo com o Quadro Europeu de Competência Digital para Educadores (DigCompEdu):

As tecnologias digitais podem melhorar as estratégias de ensino e aprendizagem de muitas maneiras diferentes. No entanto, independentemente da estratégia ou abordagem pedagógica escolhida, a competência digital específica do educador reside em orquestrar efetivamente a utilização de tecnologias digitais nas diferentes fases e configurações do processo de aprendizagem. [...] o verdadeiro potencial das tecnologias digitais reside na mudança de foco do processo de ensino: de processos dirigidos pelo educador para processos centrados no aprendente. Assim, o papel de um educador digitalmente competente é ser um mentor e guia para os aprendentes, nos seus esforços progressivamente mais autónomos de aprendizagem. Neste sentido, os educadores digitalmente competentes devem ser capazes de desenhar novos caminhos, suportados por tecnologias digitais, de prestar orientação e apoio aos aprendentes, individual e coletivamente e iniciar, apoiar e monitorizar atividades de aprendizagem colaborativas e autorreguladas.⁸

O documento citado, publicado em 2017 com o título o "*European Framework for the Digital Competence of Educators: DigCompEdu*" pelo *Joint Research Centre* da Comissão Europeia, apresenta um quadro de competências digitais para os educadores, na Europa, com o objetivo de promover um conjunto específico de competências digitais para a sua profissão, mas também para impulsionar a inovação da educação aproveitando todo o potencial das tecnologias digitais.

⁸ Margarida Lucas e António Moreira, *DigCompEdu: Quadro Europeu de Competência Digital para Educadores*, (Aveiro: UA, 2018), 20.

De acordo com a visão da Comissão Europeia, que defende uma educação digital de qualidade, eficiente, equitativa e acessível nas escolas dos Estados membros,⁹ e cumprindo as diretrizes do DigCompEdu, a 21 de abril de 2020, em Portugal, foi apresentado o Plano de Ação para a Transição Digital, na Resolução do Conselho de Ministros n.º30/2020, no qual se prevê o desenvolvimento de um programa de transformação digital das escolas. Um dos objetivos principais é o desenvolvimento de competências digitais dos professores, de modo a incentivá-los a criar e utilizar ferramentas digitais para melhorar e inovar a educação. Desde então, as ferramentas e recursos educativos digitais, têm vindo a ocupar, na escola, uma função importante, na inovação e no modo de ajudar a aprender.

Estas transformações sociais e transições digitais refletem-se na educação e de modo específico na disciplina de EMRC. Nesta secção, procurar-se-á uma visão geral do problema, a partir de referenciais teóricos, segundo três enfoques:

- Recursos Educativos Digitais (RED);
- Recursos Educativos Abertos (REA);
- Repositórios Digitais de Recursos Educativos

2.2. Recursos Educativos Digitais

Atualmente, a temática dos recursos educativos digitais já se encontra bastante investigada na literatura académica. No entanto, a terminologia e o conceito têm sofrido algumas alterações consoante as conceções adotadas pelos diversos autores, resultando daí um vasto leque de definições de Recursos Educativos Digitais (RED). Nesse sentido, optou-se por estudar referenciais teóricos que melhor se enquadrassem no contexto educacional português e que pudessem ajudar a definir o conceito de RED.

A definição de RED adotada neste estudo, será a de José Luís Ramos , em colaboração com outros autores, presente no artigo «Recursos educativos digitais: reflexões sobre a prática» dos Cadernos Sacausef¹². No entanto, serão considerados outros estudos, nomeadamente da autora Maria Pinto¹³,

⁹ Comissão Europeia. *Comunicação da Comissão ao Parlamento Europeu, ao Conselho, ao Comité Económico e Social Europeu e ao Comité das Regiões: Plano de Ação para a Educação Digital 2021-2027* (Bruxelas: Comissão Europeia,2020), 1.

¹² José Luís, Vítor Duarte Teodoro Ramos e Francisco Melo Ferreira, «Recursos educativos digitais. Reflexões sobre a prática», *Cadernos SACAUSEF*, n.º7, (2011):11-34.

¹³ Maria Pinto, «Evaluación de la cáliba de recursos electrónicos educativos para el aprendizaje significativo», *Cadernos SACAUSEF*, n.º2 (s.d): 25-43.

que ajudarão a especificar e descrever os principais atributos e características dos RED para que possamos ter uma visão mais abrangente.

Segundo José Luís Ramos, os RED são «entidades digitais, produzidos especificamente para fins de suporte ao ensino e à aprendizagem».¹⁴ Neste conceito, podem ser considerados RED um produto de *software*, um documento, ou coleções de documentos¹⁵ e ainda:

[U]m jogo educativo, um programa informático de modelação ou simulação, um vídeo, um programa tutorial ou de exercício prático, um ambiente de autor ou recursos mais simples na sua dimensão de desenvolvimento como um blogue, uma página *web*, ou uma apresentação eletrónica multimédia, etc. desde que armazenados em suporte digital e que levem em linha de conta, na sua conceção, considerações pedagógicas.¹⁶

Segundo os mesmos autores, os RED devem agregar cumulativamente os seguintes atributos:

- clara finalidade educativa,
- responder às necessidades do sistema educativo português,
- apresentar uma identidade autónoma relativamente a outros objetos e serviços de natureza digital,
- satisfazer critérios pré-definidos de qualidade nas suas dimensões essenciais.¹⁷

Muito embora estes autores não classifiquem de forma clara os diferentes tipos de RED, para a autora Maria Pinto, estes podem ser classificados por categorias, tais como: *software* educativo, plataformas educativas, portais de conteúdos educativos, tutoriais de aprendizagem, dossiers eletrónicos e diretórios validados de recursos. Considera ainda que a maioria dos RED contém características específicas que os definem, nomeadamente: a hiperligação e atualização contínua de conteúdos e atividades; a interação do aluno com os conteúdos e atividades; a possibilidade de realizar atividades síncronas e assíncronas; a facilidade de acesso ao recurso por estar em rede; a utilização de recursos multimédia de modo a facilitar a compreensão e aprendizagem; a adaptação às características dos alunos e estimulação da aprendizagem através de atividades interativas.¹⁸

As abordagens e estratégias de ensino e de aprendizagem devem adequar-se à função e finalidade dos recursos utilizados, na medida em que somente dessa forma os professores e alunos poderão desenvolver um trabalho educativo eficaz.

¹⁴ José Ramos et al., «Recursos educativos digitais. Reflexões sobre a prática»,13.

¹⁵ Cf. José Luís Ramos et al., *Portal das Escolas - Recursos educativos digitais para Portugal: estudo estratégico* (Lisboa: GEPE, 2010), 25.

¹⁶ José Ramos et al., «Recursos educativos digitais. Reflexões sobre a prática»,13.

¹⁷ José Luís Ramos et al., «Modelos e práticas de avaliação de recursos educativos digitais», *Cadernos SACAUSEF*, n.º2, (s/d): 80.

¹⁸ Cf. Maria Pinto, «Evaluación de la calidad de recursos electrónicos educativos para el aprendizaje significativo», 29.

Um recurso digital, cujos elementos permitam a modelação, a simulação, a animação, a combinação multimédia, a interatividade (que pode assumir formas diferentes), induz certamente, estratégias de ensino e modos de aprendizagem diversificadas e que podem ser orientadas para a manipulação dos objetos, para a interação com os elementos do recurso, para a observação ou representação dos fenómenos, ou ainda para a aprendizagem de conceitos e teorias através da combinação de imagens, palavras e sons, etc. Ou seja, recursos que possibilitem aos professores e alunos desenvolverem trabalho educativo diferente e com mais-valias claras, em relação ao que poderiam desenvolver com o apoio de meios tradicionais de ensino.²⁰

De uma forma mais específica, José Luís Ramos, em colaboração com outros autores, considera que os RED permitem e devem explorar características únicas da tecnologia, promovendo processos de aprendizagem que não podem ser desenvolvidos através de recursos e estratégias pedagógicas tradicionais, potenciando de forma significativa novos contextos educativos, novos objetivos e novos modos de aprendizagem.²¹ Neste sentido, para este autor, nem todos os recursos digitais podem ser considerados de RED, muito embora apresentem qualidade e grande potencial educacional, pois não foram criados e desenvolvidos com esse objetivo específico.

Outras definições encontradas na literatura salientam uma perspetiva mais abrangente do conceito de RED, tal como acontece com a proposta apresentada pela British Educational Communications and Technology Agency (BECTA): «na educação, um recurso digital é tudo o que pode ser armazenado em formato digital e adotado ou adaptado para uso na aprendizagem»²², enquanto que outros autores associam o conceito de RED ao conceito de Objeto de Aprendizagem (OA), «uma vez que, partes desses objetos ou todo o conjunto, fazem parte de um RED»²³.

O termo, “objetos de aprendizagem”, ou como referido nos países anglo-saxónicos de “*learning objects*”, tem diversas designações²⁴ e o seu conceito foi evoluindo, sendo uma das mais consensuais a da Comité de Normas Tecnológicas de Aprendizagem (LTSC) do Instituto de Engenheiros Elétricos e Eletrónicos (IEEE) que afirma:

os objetos de aprendizagem são [...] qualquer entidade, digital ou não digital, que pode ser usada, reutilizada ou referenciada durante a aprendizagem apoiada pela tecnologia. Exemplos

²⁰ José Ramos et al., «Recursos educativos digitais. Reflexões sobre a prática»,15.

²¹ Cf., José Ramos et al., « Recursos educativos digitais. Reflexões sobre a prática»,19-20.

²² BECTA. *Choosing and using digital learning resources*. (Conventry: BECTA, 2007),1.

²³ Neide Medeiros et al., «Recursos educativos digitais: Uma revisão de literatura em anais de congressos em informática na educação», em *III Congresso sobre Tecnologias na Educação*, ed. J. Filho, D. Maia e M. Silva (Ceará: Universidade Federal do Ceará, 2018), 478.

²⁴ Cf. Fernando Rui Pinheiro Campos, «Os professores como autores e editores de recursos educativos digitais: uma investigação-ação na escola» (Tese de Doutoramento, Universidade de Lisboa: Instituto de Educação, 2012), 15.

de aprendizagem apoiada pela tecnologia incluem sistemas de formação baseados em computador, ambientes de aprendizagem interativos, sistemas inteligentes de instrução assistidos por computador, sistemas de aprendizagem à distância e ambientes de aprendizagem colaborativos. Exemplos de objetos de aprendizagem incluem: conteúdo multimédia, conteúdo instrutivo, objetivos de aprendizagem, software instrutivo e ferramentas de software, e pessoas, organizações ou eventos referenciados durante o learning suportado pela tecnologia (LOM, 2000).

Segundo David Wiley, esta definição é bastante ampla e, por esse motivo, restringe o conceito de objeto de aprendizagem a «qualquer recurso digital que pode ser reutilizado para apoiar a aprendizagem»²⁵, nomeadamente arquivos de multimédia, páginas *web* e outros meios ou aplicações que apoiam e otimizam o processo de ensino e aprendizagem.

A partir dos diversos conceitos até aqui abordados, conclui-se, de forma abrangente, que os recursos digitais utilizados em contexto educativo, contextualizados e validados na sua qualidade científica e pedagógica, contribuem para a formação integral do aluno e vão ao encontro das principais orientações europeias no que se refere ao desenvolvimento das competências que todos os cidadãos devem possuir no século XXI, tornando a aprendizagem mais estimulante, envolvente, motivadora e inclusiva para todos os alunos.²⁶ Os RED potenciam estratégias pedagógicas inovadoras e centradas no aluno, tornando-o num agente ativo autónomo, que interage, cria, interpreta e confere valores e significados ao conhecimento.

No entanto, a mudança de paradigma do modelo tradicional de educação, não reside na simples utilização de ferramentas e recursos digitais em contexto educativo, mas no modo como são colocados ao serviço de uma abordagem pedagógica inovadora e transformadora, pois o papel das tecnologias digitais em contexto educativo não é apoiar a pedagogia tradicional do professor expositivo de conteúdos, mas sim apoiar os alunos no seu processo de aprendizagem autónomo, sob a orientação do professor.²⁷

²⁵ David Wiley, «Connecting learning objects to instructional design theory: A definition, a metaphor, and a taxonomy», em *The Instructional Use of Learning Objects: Online Version*, ed. David Wiley (Utah State University, 2000), 7.

²⁶ Cf. BECTA, *Choosing and using digital learning resources*, 1.

²⁷ Cf. Marc Prensky, «The Role of Technology in Teaching and the Classroom», *Educational Technology* 48, n.º 6 (2008): 64.

2.3. Recursos Educativos Abertos

Os Recursos Educativos Abertos (REA) são instrumentos fundamentais para a educação e a sociedade porque facilitam a resolução de problemas atuais e permitem aceder a oportunidades futuras, considerando o aumento da multiplicidade de ferramentas digitais e tecnológicas e a velocidade e facilidade com que atualmente se criam e partilham recursos digitais na área da educação em diversos ambientes digitais.

2.3.1. Conceito

A evolução da tecnologia e da internet alargou o acesso, a produção e a partilha de informações e conhecimentos a pessoas fora das comunidades profissionais e especialistas dessas mesmas áreas e trouxe novas oportunidades para a Educação. Além de a integração das tecnologias digitais em contexto educativo possibilitar novas abordagens e estratégias pedagógicas, permite também uma aprendizagem aberta, flexível e colaborativa, concedendo aos professores uma maior liberdade na escolha de recursos que mais se adequam às motivações, necessidades e ritmo de aprendizagem dos alunos. Simultaneamente, permite estudar e trabalhar de forma colaborativa e ativa entre alunos, alunos e professores e entre professores, quer de forma síncrona ou assíncrona e a partir de qualquer parte do mundo.

Devido ao momento pandémico que vivemos no passado recente, o ensino remoto de emergência (*emergency remote teaching* – ERT), implicou a uma pequena mudança na forma de ensinar e aprender, na qual as ferramentas, recursos e conteúdos digitais, assumiram um papel importante para a continuação do processo de ensino e aprendizagem. Desde então, tem-se verificado um aumento de produção digital de recursos de apoio à aprendizagem na internet, por parte dos professores, nomeadamente nas redes sociais, *web sites* e *blogs*, partilhados de forma aberta e acessíveis a qualquer pessoa, possibilitando a sua reutilização quer pelos alunos, quer por outros professores, muitas vezes, sem qualquer constrangimento ou custos associados.

Os recursos, ferramentas ou conteúdos digitais, de diferentes formatos e áreas temáticas, que sejam de domínio público e de licença aberta que possam ser reutilizados no processo educativo são designados por Recursos Educativos Abertos (REA).

Este termo surgiu, do inglês *Open Educational Resources* (OER) e mencionado pela primeira vez pela UNESCO no «Fórum sobre o impacto dos materiais didáticos abertos do Ensino Superior nos países em desenvolvimento» realizado em Paris, em 2002:

1. O nome recomendado é Recursos Educativos Abertos. As alternativas citadas são cursos abertos, recursos de aprendizagem abertos e recursos abertos de ensino/aprendizagem.

2. Na definição dos Recursos Educativos Abertos, os elementos a considerar são:
 - A visão para o serviço: abrir o acesso ao recurso, com provisão para adaptação.
 - O método de provisão: habilitado pelas tecnologias da informação e comunicação.
 - O grupo-alvo: uma comunidade diversificada de utilizadores.
 - O objetivo: fornecer um recurso educativo e não comercial
3. A definição recomendada de Recursos Educativos Abertos é: a disponibilização aberta de recursos educativos, possibilitada por tecnologias de informação e comunicação, para consulta, utilização e adaptação por parte de uma comunidade de utilizadores para fins não comerciais.²⁸

Muito embora o grupo de trabalho tenha definido o objetivo e o conceito de REA, muitos autores consideram-nos vagos, podendo facilmente ser encontrados na literatura, diversas definições de REA distintas entre si. No entanto, todas são consensuais em considerar que o que se pretende com os REA, é tornar o ensino e a aprendizagem acessível e equitativo a toda a humanidade. No documento «Recomendação sobre Recursos Educativos Abertos», de 2019, a UNESCO aperfeiçoou a definição de REA. Trata-se de «materiais de aprendizagem, ensino e investigação em qualquer formato e meio, que residam no domínio público ou estejam sob direitos de autor que tenham sido liberados ao abrigo de uma licença aberta, que permitam o acesso sem custos, a reutilização, a adaptação e a redistribuição por outros.»²⁹ Assim volta-se a reafirmar a importância dos REA para o acesso universal, equitativo e inclusivo da educação e do conhecimento, nomeadamente para grupos mais vulneráveis, e a sua importante contribuição para a paz, o desenvolvimento social e económico sustentável e o diálogo intercultural, visto que, como sublinha Diane Chambers, a «utilização de REA reduziu significativamente o custo de educação para muitos alunos e fez com que o acesso a uma educação de qualidade e a preços acessíveis seja alcançável, nomeadamente para grupos mal servidos»³⁰ e em maio de 2020, a UNESCO, face a situação pandémica e a necessidade de garantir a continuidade do processo de ensino e aprendizagem, através do ERT, publica o documento « *Guidance on Open Educational Practices during School Closures: Utilizing OER under COVID-19 Pandemic in line with UNESCO OER Recommendation* » que visa promover e ajudar a implementação de práticas educativas abertas e de recursos educativos abertos com vista a melhoria nos resultados da aprendizagem.

São exemplos de REA: cursos completos, módulos de conteúdo, objetos de aprendizagem, coleções e revistas, softwares, ferramentas de desenvolvimento de conteúdos e comunidades

²⁸ UNESCO, « Forum on the Impact of Open Courseware for Higher Education in Developing Countries, UNESCO, Paris, 1-3 July 2002: final report », acedido a 10 de maio de 2022, <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000128515.locale=en>.

²⁹ UNESCO, *Recommendation on Open Educational Resources* (Paris: UNESCO, 2019), 5.

³⁰ Diane Chambers, *Accessible Open Educational Resources (OER): briefing paper*. (Paris: UNESCO, 2022), 3.

de aprendizagem online, licenças de propriedade intelectual, infográficos, mapas, músicas, vídeos, áudios, jogos e outros materiais que possam apoiar a aprendizagem.³¹

Muito embora os RED e os REA possam parecer semelhantes, quanto à forma, por recorrem ao uso de tecnologias, de estratégias e métodos pedagógicos inovadores centrados no aluno, ambos divergem quanto à essência. Os RED são entidades de aprendizagem digitais, criados com claro e específico intuito educativo por um professor ou profissional, estando a sua utilização e partilha, muitas vezes, limitada aos termos de utilização e o(s) direito(s) de autor(es), têm identidade e autonomia própria em relação a outros objetos e induzem, de forma clara, a estratégias de ensino e de aprendizagem inovadores e diversificados. Os REA são objetos de aprendizagem, ensino e investigação em qualquer formato, por vezes criados com outro propósito para além da aprendizagem, de acesso e licença aberta de modo a possibilitar o processo reutilização, adaptação e partilha dos recursos originais e derivados.

2.3.2. Potencialidades dos REA

Além dos benefícios inerentes ao acesso livre, os REA possibilitam ao aluno explorar conteúdos não curriculares de forma autónoma, mas orientada, a desenvolver competências sociais e digitais e fomenta o trabalho colaborativo e criativo entre os seus utilizadores. Por outro lado permitem ao professor adequar materiais de acordo com as motivações, as necessidades de aprendizagem, as condições logísticas/tecnológicas, os contextos, as culturas e as realidades locais dos alunos, facilita a introdução de novos recursos ou conteúdos relevantes e sobretudo, transforma os alunos e professores em autores ou coautores de conhecimentos ativos e não meros consumidores de informação reduzindo de forma significativa os custos inerentes aos materiais de apoio ao ensino.

A participação comprometida e ativa na criação e utilização dos REA potencializam um vasto número de recursos marcados pela identidade e diversidade cultural, étnica, económica e religiosa própria das comunidades de aprendizagens. Porém, a UNESCO, no documento «Diretrizes para os Recursos Educacionais Abertos no Ensino Superior», refere que este potencial educativo transformador dos REA está dependente de fatores como:

1. melhorar a qualidade dos materiais de aprendizagem, através de processos de revisão por pares;
2. colher os benefícios de contextualização, personalização e localização;
3. enfatizar a abertura e melhorar a qualidade;

³¹ Cf. OECD/CERI. *Giving knowledge for free the emergence of open educational resources* (Paris: OECD,2007), 30-31.

4. desenvolver competências para a criação e utilização de REA como parte do desenvolvimento profissional dos docentes;
5. atender às necessidades de determinados grupos de alunos, como por exemplo aqueles que têm necessidades especiais;
6. otimizar o empenho do pessoal institucional e dos orçamentos;
7. ajudar os alunos nos seus idiomas locais;
8. envolver os alunos na seleção e adaptação dos REA, de modo a empenhá-los mais ativamente no processo de aprendizagem;
9. utilizar materiais desenvolvidos localmente com o devido reconhecimento.³²

Consciente dos benefícios dos REA, a UNESCO, em conjunto com governos e instituições, tem procurado implementar políticas públicas e institucionais³³ de modo a incentivar e fomentar o conhecimento e a utilização prática dos REA no processo de ensino e aprendizagem, formal ou informal, presencial ou online, síncrono ou assíncrono, mediante critérios de qualidade, que conduzam a resultados de aprendizagem relevantes e eficazes.

2.3.3. Os 5 Rs de abertura REA

A noção de acesso aberto na prática dos REA encontra-se associado, sobretudo, a dois aspetos técnicos: acesso aberto e licença aberta. Por acesso aberto entende-se o acesso a materiais de licença aberta que pode ser lido e utilizado, segundo as condições do autor, através da Internet.³⁴ Os REA devem possuir de forma explícita uma licença que facilite o acesso, a utilização, adaptação e partilha. Assim é fundamental que todos os REA possuam uma licença aberta que possibilite diferentes tipos de utilização³⁵ e a partilha dos recursos originais e derivados, sem que seja necessário ter a autorização prévia do detentor dos direitos autorais do recurso.

Para definir o conceito de abertura dos REA, David Wiley, fundamentou-se nos princípios das liberdades do *software* aberto e gratuito e estabeleceu cinco ações correspondentes a cinco direitos/liberdades, que devem ser permitidos exercer sobre os REA: *retain, revise, remix, reuse e redistribute*:³⁶

- *Retain* (Reter) – o direito de fazer, possuir e controlar cópias do conteúdo.

³² UNESCO, *Diretrizes para recursos educacionais abertos (REA): no ensino superior* (Paris: UNESCO, 2015), 3.

³³ Declaração da Cidade do Cabo de 2007 sobre Educação Aberta; Declaração de Dakar de 2009 sobre REA e a Comunidade de Aprendizagem; Declaração de Paris em 2012 sobre REA; Orientações da UNESCO em 2011 sobre REA no Ensino Superior; Orientações da UNESCO em 2020 sobre práticas educativas abertas e utilização de REA durante os encerramentos escolares no âmbito da Pandemia COVID-19.

³⁴ Neil Butcher, Asha Kanwar e Stamenka Uvalic-Trumbic, *A Basic guide to open educational resources (OER)* (Paris: UNESCO, 2011), 9.

³⁵ Cf. Fredric Litto e João Mattar, orgs, *Educação aberta online: pesquisar, remixar e compartilhar* (São Paulo: Artesanato Educacional, 2017), 29-31.

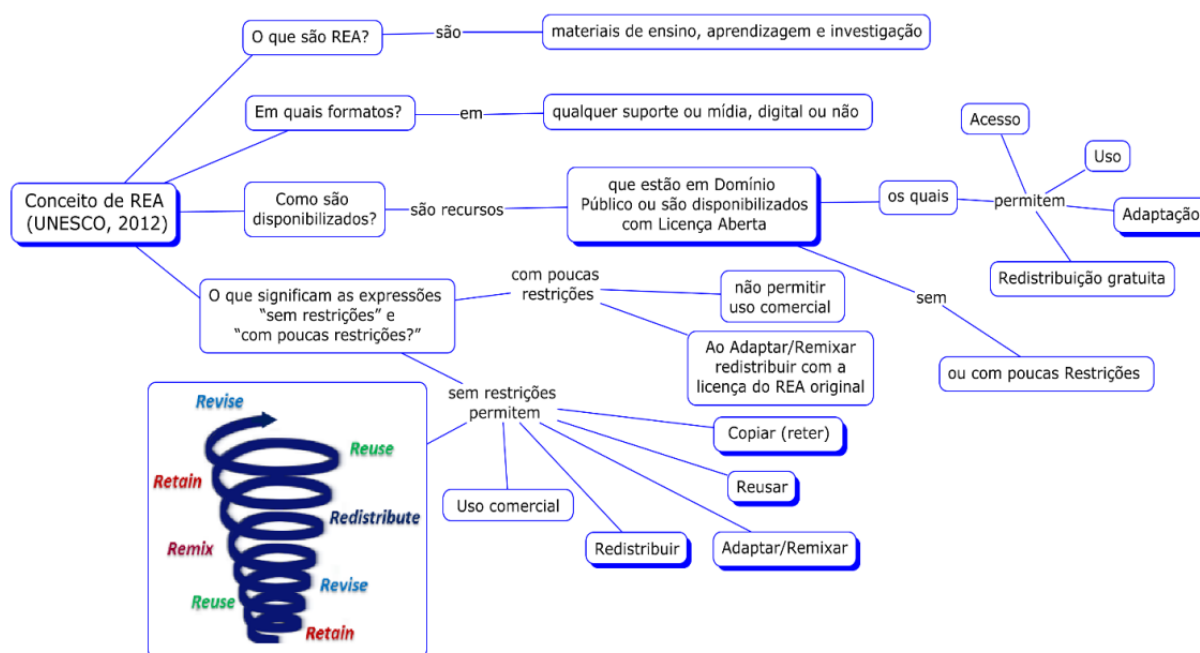
³⁶ Cf. Wiley, D. A., «The Access Compromise And The 5th R», publicado a março 5, 2014, acessado a 1 de agosto de 2022, <http://opencontent.org/blog/archives/3221>.

- *Reuse* (Reutilizar) – o direito de usar o conteúdo de várias maneiras.
- *Revise* (Revisar) – o direito de adaptar, ajustar, modificar ou alterar o próprio conteúdo.
- *Remix* (Remixar) – o direito de combinar o conteúdo original ou revisado com outro conteúdo aberto para criar algo novo.
- *Redistribute* (Redistribuir) – o direito de compartilhar cópias do conteúdo original, suas revisões ou seus remixes com outras pessoas.³⁷

Segundo este autor, a abertura dos cinco “Rs” amplia as possibilidades pedagógicas ao permitir reter, reutilizar, adaptar, remixar e redistribuir os recursos derivados, mas para tal, é fundamental que estes sejam legitimados pela adoção de licenças abertas.

Através de um esquema ilustrativo, da autoria de Mara Mazzardo e Ana Nobre, podemos de uma forma sintética compreender os conceitos fundamentais de REA da UNESCO e o efeito crescente e ascendente que a permissão dos 5 “Rs” pode provocar sobre um REA.

Figura 1 – Conceito de REA



(Figura de Mazzardo M. e Nobre A., 2020, *Recursos Educacionais Abertos e as novas formas de produção de material didático* (São Paulo: Pimenta Cultural), 151)

Este ciclo que envolve criar, reter, reutilizar, revisar, remixar e redistribuir um recurso, designado por “círculo virtuoso”³⁸, é um movimento fundamental para o aumento de número de REA e o acesso ao conhecimento de forma livre e equitativa. No entanto, para que um recurso digital aberto cumpra o seu objetivo e as suas possibilidades pedagógicas, é

³⁷ Wiley, D. A., «The Access Compromise And The 5th R».

³⁸ Cf. Litto e Mattar, orgs, *Educação aberta online: pesquisar, remixar e compartilhar*, 34.

fundamental que o seu autor primário, conceda o acesso e liberdade para reutilizar e/ou modificar.

2.3.4. O licenciamento de REA

Os recursos educativos abertos estão assentes em dois pilares: o acesso aberto e a licença aberta, o que implica que estes estejam cobertos por um enquadramento legal que permite a sua utilização. No entanto, um recurso que possua licença aberta, não significa que seja permitido exercer sobre ele todas as liberdades, pois existem licenças mais restritivas e outras mais flexíveis consoante as condições do autor. De modo a facilitar o uso, revisão, tradução, melhoria e partilha dos recursos educativos originais e derivados, a Declaração da Cidade do Cabo, de 2007, apela a todos os educadores, autores, editores e instituições o uso de licença aberta e segundo o mesmo documento, estas atitudes:

[V]ão ajudar os professores a procurar excelência no seu trabalho e proporcionar novas oportunidades de visibilidade e impacto global. Elas vão acelerar a inovação no ensino. Elas vão dar mais controle sobre o processo de aprendizagem aos estudantes [...]. Mais importante ainda, temos uma oportunidade de melhorar drasticamente a vida de centenas de milhões de pessoas em todo o mundo através de oportunidades de aprendizagem e de recursos educacionais livremente disponíveis, de alta qualidade, localmente relevantes.⁴¹

O acesso e a licença livre de recursos educativos implicam que os autores ou detentores legais dos direitos autorais desses recursos concedam, antecipadamente, o direito de acesso e utilização dos mesmos, tal como refere a «Declaração de Berlim sobre Acesso ao Conhecimento nas Ciências e Humanidades», de 2003:

O(s) autor(es) e o(s) detentor(es) dos direitos de tais contribuições concede(m) a todos os utilizadores o direito gratuito, irrevogável e mundial de lhes aceder, e uma licença para copiar, usar, distribuir, transmitir e exibir o trabalho publicamente e realizar e distribuir obras derivadas, em qualquer suporte digital para qualquer propósito responsável, sujeito à correta atribuição da autoria (as regras da comunidade, continuarão a fornecer mecanismos para impor a atribuição e uso responsável dos trabalhos publicados, como acontece no presente), bem como o direito de fazer um pequeno número de cópias impressas para seu uso pessoal.⁴²

Num estudo realizado pelo autor João Henriques, este defende que o acesso aberto aos materiais não supõe uma abdicação dos direitos autorais dos mesmos: «o autor, detentor do seu direito, partilha o material nas condições por si definidas. Os direitos que o autor não autoriza,

⁴¹ Cf. Richard Baraniuk et al., «Cape Town Open Education Declaration: Unlocking the promise of open educational resources», acessado a 7 de junho de 2022, <https://www.capetowndeclaration.org/read/>.

⁴² Sociedade Max Planck, «Declaração de Berlim sobre Acesso ao Conhecimento nas Ciências e Humanidades», acessado a 15 de junho de 2022. <https://openaccess.mpg.de/Berlin-Declaration>.






continuam a ser reservados». ⁴³ Portanto, ao selecionar um recurso é fundamental verificar se este possuiu, ou não, uma licença que indique a condição e limites da sua utilização.

Atualmente, existem diversos sistemas que administram o licenciamento de conteúdos e recursos educativos, sem ser necessário recorrer a serviços profissionais. São modelos de licenciamento simples, gratuitos que facilmente podem ser utilizados para licenciar os materiais produzidos. O modelo de licenciamento de direito de autor aberto mais conhecido e utilizado é o *Creative Commons* (CC).

Fundado em 2001, pelo advogado norte americano, Lawrence Lessing, a *Creative Commons*, é uma organização sem fins lucrativos que garante o reconhecimento, de uma forma simples, padronizada e legal, dos direitos de autor ao criador do trabalho ao mesmo tempo que estabelecem as condições de utilização e partilha da sua obra.

As licenças CC têm vários tipos de permissões, umas mais abertas e outras mais restritivas, que quando combinadas, permitem gerar sete tipos de licenças diferentes explicadas nos quadros seguintes.

Quadro 1 – Simbologia *Creative Commons*

Ícone	Sigla	Descrição
	BY	O crédito deve ser dado ao criador
	NC	Apenas usos não comerciais da obra são permitidos
	ND	Não são permitidos derivados ou adaptações da obra
	SA	Adaptações devem ser compartilhadas nos mesmos termos
	CC0	Permite aos criadores desistir dos seus direitos autorais e colocar seus trabalhos em domínio público mundial.

⁴³ João Maria Gomes Henriques, «Catálogo de características para análise e avaliação de Recursos Educacionais Abertos (REA): ferramenta de avaliação no formato checklist», (Dissertação de Mestrado, Universidade Aberta, 2016), 23.

Quadro 2 – Licenças *Creative Commons*

Licença	Permissões e Implementação dos 5Rs
	Permite que os utilizadores distribuam, remixem, adaptem e construam o material em qualquer meio ou formato, sem condições.
	Permite que os utilizadores distribuam, remixem, adaptem e construam o material em qualquer meio ou formato, desde que a atribuição seja dada ao criador. A licença permite o uso comercial.
	Permite que os utilizadores distribuam, remixem, adaptem e construam o material em qualquer meio ou formato, desde que a atribuição seja dada ao criador. A licença permite o uso comercial. Se você remixar, adaptar ou desenvolver o material, deverá licenciar o material modificado sob termos idênticos.
	Permite que os utilizadores distribuam, remixem, adaptem e construam o material em qualquer meio ou formato apenas para fins não comerciais e apenas enquanto a atribuição for dada ao criador.
	Permite que os utilizadores distribuam, remixem, adaptem e construam o material em qualquer meio ou formato apenas para fins não comerciais e apenas enquanto a atribuição for dada ao criador. Se você remixar, adaptar ou desenvolver o material, deverá licenciar o material modificado sob termos idênticos.
	Permite que os utilizadores copiem e distribuam o material em qualquer meio ou formato apenas de forma não adaptada, e apenas enquanto a atribuição for dada ao criador. A licença permite o uso comercial.
	Permite que os utilizadores copiem e distribuam o material em qualquer meio ou formato apenas de forma não adaptada, apenas para fins não comerciais e apenas enquanto a atribuição for dada ao criador.

(Fonte: <https://creativecommons.org/about/ccllicenses/> . Organização: autora)

Como observa o autor João Henriques no estudo realizado, o facto de um Recurso Digital ser enquadrado por uma licença aberta CC não o torna necessariamente num REA: «se o seu objetivo é a partilha e permitir que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho original, as licenças *Creative Commons* podem tornar-se muito restritivas»⁴⁴. De acordo com a linha de pensamento do autor, isto significa que apenas as licenças, sem quaisquer tipos de restrições devem ser consideradas REA. Assim, a licença CC0 é a única que não coloca qualquer restrição na sua utilização e partilha. No entanto, não oferece proteção contra possíveis

⁴⁴ João Maria Gomes Henriques, «Catálogo de características para análise e avaliação de Recursos Educacionais Abertos (REA): ferramenta de avaliação no formato checklist»,28.

concorrências desleais. Por questões éticas e científicas, os utilizadores que pretendam utilizar ou adaptar recursos, deverão sempre citar os autores originais.

2.3.5. REA e os professores

De acordo com o documento «As diretrizes para REA no Ensino Superior» da UNESCO, a responsabilidade da garantia da qualidade dos materiais de aprendizagem, incluindo os REA, são os professores. Logo é fundamental que adquiram conhecimentos e competências para que possam selecionar, criar ou reutilizar os REA mais indicados consoante a sua relevância nas estratégias de ensino e aprendizagem.⁴⁵ Nesse sentido, o documento traça orientações específicas para os professores do Ensino Superior, mas que facilmente podem ser adaptadas para os professores do Ensino Básico:

- a. Desenvolver habilidades para avaliar REA.
- b. Considerar a possibilidade de publicar REA.
- c. Selecionar, adaptar e contextualizar REA existentes.
- d. Desenvolver o hábito de trabalhar em equipa.
- e. Procurar apoio institucional ou participar em formações para desenvolver competências em REA.
- f. Estimular a participação dos alunos.
- g. Promover os REA através de publicações de materiais desenvolvidos.
- h. Comentar e fornecer dados sobre o uso dos REA existentes.
- i. Atualizar o conhecimento sobre direitos de propriedade intelectual, direitos autorais e políticas de privacidade.

A produção e reutilização de REA desafia o trabalho colaborativo entre professores e implica, além de conhecimentos científicos e pedagógicos, competências digitais que permitam a criação de recursos acessíveis, funcionais e atrativos para os alunos. Para as autoras Ana Nobre e Elena Mallmann os REA desafiam os professores a um trabalho colaborativo entre si rede e potenciam o diálogo e a partilha de diferentes perspetivas sobre o mesmo assunto.⁴⁶

Apesar do esforço realizado pelos professores e instituições, existem barreiras que dificultam este processo de criação de reutilização de REA, nomeadamente: falta de motivação, falta de

⁴⁵ Cf. UNESCO, *Diretrizes para recursos educacionais abertos (REA): no ensino superior*, 10-11.

⁴⁶ Cf. Ana Nobre e Elena Mallmann, «Recursos Educacionais Abertos: transposição didática para transformação e coautoria de conhecimento educacional em rede», *Tecnologias da Informação em Educação - Indagatio Didactica*, V.8, n. 2 (2016): 158.

competências técnicas e digitais, pois nem todos os professores compreendem os benefícios dos REA;⁴⁸ baixo conhecimento e disponibilidade para criação e adaptação; receio da qualidade dos REA, baixo conhecimento teórico e prático dos aspetos legais.⁴⁹ No sentido de colmatar estas e outras dificuldades sentidas pelos professores portugueses, o Plano de Capacitação Digital dos Docentes, de acordo com o DigCompEdu, tem procurado promover e incentivar o desenvolvimento de competências digitais, nos domínios de seleção, criação, modificação, gestão, proteção e partilha de recursos digitais dos professores, de modo a aproveitar o potencial das tecnologias de informação e comunicação para inovar práticas de educação e melhorar o acesso à aprendizagem.⁵⁰ É sobejamente reconhecido pelos governos, organizações e instituições que «o domínio destas competências pode permitir a cada um ser um agente de inovação e de melhoria da qualidade e da equidade do ensino e juntar-se assim a uma comunidade dinâmica, com uma envergadura mundial e assente nas realidades e necessidades locais»⁵¹.

2.4. Repositórios Educativos Digitais

Um repositório de recursos educativos, além de outras vantagens, possibilita o armazenamento, um trabalho de curadoria sobre os conteúdos partilhados, orientação na pesquisa, seleção de recursos e materiais pedagógicos e a cooperação entre os professores.

Devido à importância que as novas tecnologias de informação e comunicação têm na vida dos alunos e professores a elaboração de um repositório de recursos educativos digitais constituiu um apoio útil no processo de ensino aprendizagem.

2.4.1. Conceito

Com o uso generalizado da internet e ferramentas digitais, tem-se assistido nos últimos anos (em Portugal, de forma mais evidente após o primeiro momento do ensino remoto de emergência) à proliferação de conteúdos e recursos digitais com fins educativos em ambientes digitais. No estudo estratégico realizado sob a coordenação de José Ramos sobre Recursos

⁴⁸ Christopher Hassall e David I. Lewis, «Institutional and technological barriers to the use of open educational resources (OERs) in physiology and medical education », *Advances in Physiology Education*, n.º41 (2017):77.

⁴⁹ Cf. Alexandra Pounds e John Bostock, «Open educational resources (OER) in higher education courses in aquaculture and fisheries: opportunities, barriers, and future perspectives», *Aquacult Int*, n.º 27, (2019): 696.

⁵⁰ Cf. Lucas e Moreira, *DigCompEdu: Quadro Europeu de Competência Digital para Educadores*, 7.

⁵¹ IOF, «Open Educational Resources Competency Framework OER», acessado a 4 de agosto de 2022, https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000266159_eng.locale=en.

Educativos Digitais, constata que «a existência deste universo de recursos é, hoje em dia, um bem inestimável, constituindo a base para a emergência de uma “inteligência coletiva”, que também coloca dificuldades de vária ordem, desde o acesso às fontes de informação e de conhecimento, à pesquisa de recursos relevantes, à sua seleção e avaliação, aos direitos de propriedade, à privacidade, à ética e aos valores»⁵².

A abundância e a dispersão de informação e de recursos pela internet podem constituir um obstáculo para professores e alunos que procuram uma resposta rápida e relevante, sendo a gestão de qualidade, a gestão do tempo de procura e seleção de recursos adequados, as dificuldades mais relevantes. Face ao excesso de informação existente no ambiente digital, José Ramos, no estudo estratégico sobre RED, refere ainda a importância do trabalho de curadoria de informação, para encontrar, selecionar, organizar e propor um conjunto de informações e recursos validados, de forma a ajudar e a orientar o utilizador na sua pesquisa.⁵³ Nesse sentido, o excesso de informação, torna o papel dos repositórios digitais fundamental, permitindo através de um sistema de armazenamento, organização e preservação de dados, a realização de pesquisa e acesso a coleções de dados internos do repositório, e outras fontes de informações externas, devidamente validadas.

O conceito de repositório digital tem sido bastante debatido entre os especialistas da área, e tem sofrido diversas alterações consoante as conceções adotadas pelos autores, tal como destaca Costa no seu trabalho ao abordar a evolução do conceito de repositório digital⁵⁴. Neste trabalho não se pretende abordar ou refletir a evolução do conceito, mas recolher as principais características desta ferramenta de forma a entender o funcionamento e as potencialidades da sua utilização.

Em 1996, a *Task Force on Archiving of Digital Information da Commission on Preservation & Access* define repositório digital como arquivos digitais⁵⁵. Em 2003, Clifford Lynch refere que «o repositório institucional é um conjunto de serviços que uma universidade oferece aos membros da sua comunidade para a gestão e divulgação de materiais digitais criados pela

⁵² José Luís Ramos et al., *Portal das Escolas-Recursos educativos digitais para Portugal: estudo estratégico*,30.

⁵³ Cf. Daniela Ramos, «Anotações para a compreensão da atividade do “Curador de Informação Digital», em *Curadoria digital e o campo da comunicação*, org. Elizabeth N. Saad Correa (São Paulo: ECA-USP,2012), 13-14.

⁵⁴ Cf. Joaquim Costa, «A comunicação científica das ciências sociais e das humanidades nos repositórios institucionais das universidades públicas portuguesas: estudo comparado» (Tese de Doutoramento, Universidade Fernando Pessoa, 2015), 37- 41. <http://hdl.handle.net/10284/5332>.

⁵⁵ Cf. Donald Waters e John Garrett, *Preserving digital information, report of the task force on archiving of digital information* (Washington D. C.: Commission on Preservation and Access e Research Group, 1996), iii.

instituição e seus membros da comunidade»⁵⁶ e em 2005, as co-autoras Rachel Heery e Sheila Anderson do documento “*Digital Repositories Review*”, no âmbito do *Digital Repositories Programme*, do *Joint Information Systems Committee* (JISC), consideram os repositórios, coleções de objetos digitais, que se diferenciam de outras coleções digitais pelas seguintes características:

- o conteúdo é depositado no repositório, seja pelo criador de conteúdos, proprietário ou terceiro,
- a arquitetura do repositório gere conteúdos, assim como metadados,
- o repositório oferece um conjunto mínimo de serviços básicos, por exemplo, colocar, obter, pesquisar e controlar o acesso,
- o repositório deve ser sustentável e confiável, bem apoiado e bem gerido.⁵⁷

De uma forma ampla conclui-se que, um repositório digital é um sistema de armazenamento onde se encontram depositados e organizados conteúdos digitais, no qual é permitida a pesquisa e recuperação dos conteúdos para uso posterior.

Os repositórios digitais podem ser classificados em repositórios temáticos e repositórios institucionais. Os repositórios temáticos reúnem conteúdos de disciplinas ou assuntos específicos de uma comunidade. Os repositórios institucionais trabalham com a produção científica criada numa determinada instituição. No documento “*Boas práticas para a construção de repositórios institucionais da produção científica*” considera-se que um repositório institucional de acesso aberto constitui um serviço de informação científica e «contempla a reunião, armazenamento, organização, preservação, recuperação e, sobretudo, a ampla disseminação da informação científica produzida na instituição».⁵⁸

Na 6ª Conferência Ibérica de Sistemas e Tecnologias de Informação, Cornélia Castro, Sérgio André Ferreira e António Andrade, consideraram que os recursos publicados nos repositórios institucionais em relação aos recursos publicados por via informal, têm maior visibilidade, aceitação, rigor científico, respeito por aspetos legais, cumprem regras de segurança, autenticidade, integridade dos dados e têm uma qualidade mais controlada e destinados a públicos específicos. No âmbito educacional, os mesmos autores referem que, o desenvolvimento de repositórios facilita a disponibilização e disseminação dos recursos educativos pela comunidade educativa, facilita a atividade dos professores perante a existência

⁵⁶ Clifford Lynch, « Institutional Repositories: Essential Infrastructure for Scholarship in the Digital Age», em *ARL Bimonthly Report* 226(2003), 2.

⁵⁷ Rachel Heery e Sheila Anderson, *Digital repositories review* (Bath: Joint Information Systems Committee, 2005), 1-2.

⁵⁸ Fernando Leite et al, *Boas práticas para a construção de repositórios institucionais da produção científica* (Brasília: Ibict,2012), 7.

de um amplo conjunto de possibilidades e proporciona o acesso a uma coleção mais diversificada de conteúdos.⁵⁹ Para José Ramos e os seus colaboradores, um repositório de recursos educativos:

[É] entendido como um espaço virtual de ligação permanente à Internet, onde estão armazenados e mantidos dados em formato digital de origem e de natureza diversas, que possam ser alvo de operações por parte dos utilizadores como, entre outras, o acesso, a inserção, a classificação, a catalogação, a consulta, a pesquisa, a organização, a marcação, o comentário e a avaliação[...]. Implica, pois, a existência de uma plataforma tecnológica destinada a armazenar e a disponibilizar recursos aos professores, aos alunos e às escolas e a proporcionar o acesso a coleções de recursos de entidades parceiras neste projeto.⁶⁰

O autor apresenta uma proposta de repositório acessível a toda a comunidade educativa que permite aos utilizadores realizar operações que dinamizam e atualizam o espaço digital em benefício de todos.

2.4.2. Repositórios REA

Os repositórios de conteúdos de acesso livre e aberto, nos quais se inserem os repositórios de recursos educativos abertos, para autoras Rachel Heery e Sheila Anderson, distinguem-se dos outros tipos de repositórios por facultar o acesso livre ao seu conteúdo e metadados. Acrescentam ainda que, nestes ambientes deve ser possível a partilha de experiências, a partilha de ferramentas e o trabalho colaborativo entre os utilizadores.⁶¹

Considerando a revisão de leitura realizada, sobre os princípios e os conceitos de REA e de repositórios digitais, entende-se que um repositório de recursos educativos abertos é um sistema de armazenamento, catalogação e organização de recursos, de diversos formatos, de acesso aberto, que possibilita ao utilizador pesquisar, reutilizar, modificar, criar e partilhar recursos de qualidade. Os repositórios de REA facilitam o processo de democratização da aprendizagem e o acesso a recursos de apoio à aprendizagem de qualidade de forma acessível e eficaz potenciando uma melhoria da qualidade do ensino e da aprendizagem.

Seguindo os princípios dos REA, os materiais partilhados nos repositórios abertos, devem ter acesso e licenciamento aberto explícito de modo a permitir a utilização, adaptação e partilha

⁵⁹ Cf. Cornélia Castro, Sérgio André Ferreira e António Andrade, «Repositórios de Recursos Educativos Digitais em Portugal no Ensino Básico e Secundário: que caminho a percorrer?», *Conferência Ibérica de Sistemas e Tecnologias de Informação, VI, Chaves, Portugal - Proceedings CISTI'2011 - 6ª Conferência Ibérica de Sistemas e Tecnologias de Informação (2011)*:489-490.

⁶⁰ José Luís Ramos et al., *Portal das Escolas - Recursos educativos digitais para Portugal: estudo estratégico*, 30.

⁶¹ Cf. Rachel Heery e Sheila Anderson, *Digital repositories review* (Bath: Joint Information Systems Committee, 2005), 2-3.

dos recursos derivados e como forma de proteção dos direitos de autor, já que o conteúdo original será sempre atribuído ao seu autor original⁶².

Para a autora Ana Nobre, os repositórios abertos devem dispor de um conjunto de características, nomeadamente: a divulgação de materiais revistos por pares, o cumprimento dos padrões de acesso aberto e a partilha de diversos documentos⁶³.

Já os autores Javiera Atenas e Leo Havemann, salientam o facto dos repositórios de REA terem de cumprir a função de apoiar os professores no acolhimento de práticas educativas abertas, tais como a procura e recuperação de conteúdos, a reutilização e a adaptação dos recursos conforme necessário, sem barreiras económicas ou restrições de direitos de autor.⁶⁴

2.4.3. Metadados

No contexto dos repositórios educacionais, de acesso livre, cujo objetivo é fazer com que os documentos digitais circulem dentro de uma estrutura dinâmica, resultante das práticas ativas de partilha, reutilização, criação e colaboração, os metadados, têm um papel fundamental para assegurar um serviço adequado e eficaz.

Os metadados são dados associados aos objetos que têm por objetivo descrever e identificar um documento, a fim de facilitar o processo da recuperação da informação. Segundo o artigo publicado na revista *Ciência da Informação*, os autores Edna Silva, Lígia Café e Araci Cataplan, os metadados «permitem a descrição e posterior recuperação para reutilização dos objetos de aprendizagem nos repositórios desenvolvidos para esse fim, ou seja, os metadados tornam os objetos de aprendizagem acessíveis».⁶⁵ Face a esta descrição, a autora Edna Nobre, acrescenta que o objetivo dos metadados é: «facilitar a busca dos REA na internet; garantir a interoperabilidade dos recursos numa variedade de plataformas; facilitar a gestão e o arquivo dos REA; gerir e proteger os Direitos de Autor e reduzir o esforço e os custos através da reutilização de REA em vários contextos».⁶⁶ Para a escolha de metadados, é fundamental a

⁶² Cf. Neil Butcher, Asha Kanwar e Stamenka Uvalic-Trumbic, *A Basic guide to open educational resources*, (Paris:UNESCO,2011),8.

⁶³ Cf. Ana Nobre, *REA: de A a Manual para identificar, procurar, utilizar, reutilizar, produzir e partilhar recursos educacionais abertos*, 34.

⁶⁴ Cf. Javiera Atenas e Leo Havemann, «Questions of Quality in Repositories of Open Educational Resources: A Literature Review», *Research in Learning Technology* 22 (2014):1.

⁶⁵ Edna Lúcia da Silva, Lígia Café e Araci Hack Catapan, « Os Objetos Educacionais, os Metadados e os Repositórios na Sociedade da informação», *Ciência da Informação* 39, n. °3 (2010): 96.

⁶⁶ Nobre, *REA: de A a Manual para identificar, procurar, utilizar, reutilizar, produzir e partilhar recursos educacionais abertos*, 34-35.

adoção de padrões, isto é: « um conjunto de regras e normas que especificam como deve realizar-se um determinado serviço, como deve ser produzido determinado produto ou como deve ser realizado determinado processo, visando garantir relativa qualidade e compatibilidade com produtos similares». ⁶⁷

2.4.4. Indicadores de qualidade de um repositório de REA

O documento «*Guía para la evaluación de repositorios institucionales de investigación*» oferece um conjunto de orientações que garantem a funcionalidade e a qualidade dos repositórios institucionais.

Ter esta ferramenta de autoavaliação é uma ajuda importante quando se trata de detetar pontos fortes e áreas para melhorar, o que contribui para aumentar o alcance e visibilidade dos repositórios entre a comunidade científica. Além disso, para os repositórios que estão em fase de planeamento, este documento oferece as orientações necessárias para ter em conta a criação de uma infraestrutura robusta e visível. ⁶⁸

Muito embora, este guia de trabalho esteja especificamente dirigido para repositórios institucionais abertos de investigação científica, apresenta uma boa base de trabalho para analisar a qualidade, ou implementar em qualquer tipo de repositório. O guia apresenta 64 critérios de avaliação de qualidade divididos em oito dimensões:

- Visibilidade
- Políticas
- Aspectos jurídicos
- Metadados descritivos
- Interoperabilidade dos Metadados descritivos
- Registos e Estatísticas
- Segurança, Autenticidade e Integridade dos dados
- Serviços e Funcionalidades de valor acrescentado.

Os autores Javiera Atenas e Leo Havemann , apresentam, igualmente, um conjunto de indicadores de qualidade para a conceção e implementação de um repositório de REA. Segundo eles, constitui um leque de características sociais e técnicas, e fornece uma estrutura de apoio para as práticas educativas abertas, tais como a pesquisa e recuperação de conteúdos que permitirão a reutilização, adaptação, modificação e partilha sem barreiras económicas ou

⁶⁷ Silva, Café e Catapan, «Os Objetos Educacionais, os Metadados e os Repositórios na Sociedade da Informação», 96.

⁶⁸ Cristina Azorín et al., *Guía para la evaluación de repositorios institucionales de investigación* (FECYT,2021), 8.

restrições de direitos de autor.⁶⁹ O artigo apresenta um conjunto de 10 indicadores de qualidade divididos nas dimensões sociais e técnicas.

Quadro 3 – Indicadores de qualidade de Javiera Atenas e Leo Havemann

Indicador de qualidade	Descrição do indicador	Características	Temas
Recursos em destaque	Capacidade de funcionalidade e recursos de destaque que são potencialmente de alto interesse para os utilizadores	Social	Pesquisar; partilhar; colaborar
Ferramentas de avaliação do utilizador	Ferramentas para que os recursos sejam avaliados pelos utilizadores com o objetivo de classificar um recurso.	Social	Colaborar
Revisão por pares	Revisão por pares como política de revisão e análise de cada recurso para garantir a sua qualidade.	Social	Colaborar
Autoria dos recursos	Analisar se os repositórios incluem o nome do ou dos recursos do autor.	Social	Pesquisar; reutilizar
Palavras-chave dos recursos	Metodicamente descrever os recursos para facilitar a recuperação dos materiais em determinadas áreas específicas	Técnico	Pesquisar
Inclusão de metadados (Dublin Core IEEE LOM OAI-PMH)	Introduzir formatos padronizados de metadados para descrever OER como Dublin Core IEEE LOM OAIPMH para cumprir normas internacionais de qualidade fazendo descrições interoperáveis entre ROER	Técnico	Pesquisa; partilhar; reutilizar
Suporte multilíngue	Desenhar a interface de forma multilíngue para alargar o âmbito dos utilizadores, permitindo-lhes realizar pesquisas de conteúdos em diferentes idiomas.	Técnico	Pesquisar; partilhar; reutilizar; colaborar
Inclusão de ferramentas de mídia social para partilha de recursos	Introduzir ferramentas de redes sociais para permitir que os utilizadores partilhem os recursos dentro das plataformas de redes sociais.	Social e Técnico	Pesquisar; partilhar; reutilizar; colaborar
Especificação do tipo de Licenças Creative Commons por recurso	Especificar o tipo de Licença Creative Commons por cada recurso ou forneça informações sobre o tipo específico de licença para todos os recursos.	Técnico	Pesquisar; reutilizar; colaborar
Código fonte ou ficheiros originais disponíveis	Permitir o download do código fonte ou ficheiros originais para obter recursos.	Técnico	Reutilização; colaborar

(Quadro de Javiera Atenas e Leo Havemann, «Questions of Quality in Repositories of Open Educational Resources: A Literature Review», *Research in Learning Technology* 22 (2014):9.)

⁶⁹ Cf. Atenas e Havemann, «Questions of Quality in Repositories of Open Educational Resources: A Literature Review», 1-7.

A conceção e desenvolvimento de um repositório deve estar ancorado a um conceito que permita a sua compreensão e funcionalidade. Assim esta proposta, considera que as características sociais e técnicas, os indicadores de qualidade e os temas devem configurar neste tipo de repositório, de forma a cumprir o objetivo de apoiar professores e alunos, segundo os princípios REA.

2.4.5. Potencialidades

Os autores Cornélia Castro, Sérgio Ferreira e António Andrade, elencam um conjunto de potencialidades na implantação e utilização de um repositório educativo (algumas das quais estabelecidas pela OCDE):

- Facilitar a alteração das práticas pedagógicas;
- Estimular práticas de ensino mais interativas e construtivistas;
- Induzir e agilizar a produção e a utilização de ferramentas, de conteúdos, de recursos e de informação em suporte digital/eletrónico;
- Promover a utilização de RED como complemento ou substituto do ensino em sala de aula;
- Agilizar as abordagens colaborativas no ensino;
- Minimizar a infoexclusão, permitindo o acesso remoto e de baixo custo a conteúdos, a módulos e a cursos;
- Potenciar a inclusão no ensino e aprendizagem de cidadãos com necessidades especiais;
- Desenvolver e fortalecer a cultura de aprendizagem ao longo da vida.⁷⁰

Sobre as potencialidades da utilização dos repositórios, Jan Hylén também refere que estes potenciam a partilha de conhecimento local e global, ajudam a reduzir custos inerentes à aquisição de materiais e conteúdos pedagógicos e a visibilidade dos conteúdos do repositório atraem e potenciam novos alunos/utilizadores.⁷¹

Para o sucesso da implantação de um repositório de recursos educativos, além da qualidade dos fatores técnicos e sociais, o papel ativo e colaborativo dos seus utilizadores (professores e alunos) é fundamental. Nesse sentido, José Ramos e os seus colaboradores, considera que o modelo de repositório que melhor se adequa ao contexto educacional português, é o modelo utilizado pelo projeto MERLOT – *Multimedia Educational Resource for Learning and Online Teaching* (<http://www.merlot.org>), por assentar no conceito de “comunidade”. Com este conceito, entende-se que todos os elementos/utilizadores do repositório partilham o mesmo

⁷⁰ Cornélia Castro, Sérgio André Ferreira e António Andrade, «Repositórios de Recursos Educativos Digitais em Portugal no Ensino Básico e Secundário: que caminho a percorrer?», *Conferência Ibérica de Sistemas e Tecnologias de Informação, VI, Chaves, Portugal - Proceedings CISTI'2011 - 6ª Conferência Ibérica de Sistemas e Tecnologias de Informação (2011)*:490.

⁷¹ Jan Hylén, «Open education Resources: opportunities and challenges», acessado a 11 de maio de 2022, <https://citseerx.ist.psu.edu/viewdoc/summary?doi=10.1.1.182.5134>.

interesse e colaboram para o crescimento do grupo através da sua participação ativa sempre que partilham, reutilizam, adaptam e avaliam os recursos dos seus pares.

CAPÍTULO 3 | RECURSOS DIGITAIS: UM CONTRIBUTO PARA A EMRC

3.1. O valor teológico e didático dos recursos digitais na disciplina de EMRC

Como referido anteriormente, o termo «recursos educativos digitais» refere-se a objetos de aprendizagem que resultam do uso de suportes tecnológicos para manipular informação e promover comunicação, sejam eles um dispositivo ou programa.

O valor teológico de um recurso digital resulta da possibilidade de este poder contribuir para o conhecimento da mensagem do Evangelho e da promoção humana, dando assim resposta ao mandamento de Jesus: “Ide pelo mundo inteiro e anunciai a Boa Nova a toda a humanidade” (Mc16,15). E o uso dos recursos digitais como proposta didática da EMRC resulta da missão e identidade da disciplina.

3.1.1. A perspetiva da Igreja sobre as novas tecnologias

A Igreja, desde cedo, olha para os meios técnicos e tecnológicos, que foram surgindo ao longo da história, como resultado do progresso da sociedade, fruto do trabalho e necessidade do homem, e compreendeu que cada um deles, na sua particularidade, são instrumentos que oferecem grandes potencialidades para o indivíduo e as comunidades. Assim, esta não se deve manter distante do progresso da tecnologia, mas pelo contrário, deve estar e participar nele, assim como procurar, sempre, compreender e interpretá-lo à luz da fé (João Paulo II, XXIV MDCS, 1990).

A perspetiva da Igreja, sobre as tecnologias da informação e comunicação, parte da profunda convicção que são «maravilhosas descobertas da técnica» e «dons de Deus» (IM,1) para a humanidade. Por isso, os benefícios que oferecem, devem ser colocados ao serviço da humanidade.

As tecnologias da informação e comunicação oferecem grandes possibilidades para a transmissão do Evangelho e para a promoção humana. Segundo o Papa João Paulo II, na mensagem alusiva ao Dia Mundial da Comunicação Social, do ano 1990, enumera um conjunto de potencialidades que as «telecomunicações computadorizadas e os chamados sistemas de computadorizados» (João Paulo II, XXIV MDCS, 1990) podem oferecer ao serviço da Igreja:

- novos métodos de comunicação,
- acesso imediato à informação,
- informar mais rapidamente o mundo sobre o seu credo,

- explicar as razões da sua posição,
- escutar a voz da opinião pública,
- debater com o mundo que a rodeia.
- Armazenamento de informação. (João Paulo II, XXIV MDCS, 1990)

As novas tecnologias além de proporcionarem novos instrumentos e novas potencialidades, atualmente, também são porta de entrada (João Paulo II, XXXVI MDCS, 2002, n.1) para um novo espaço social e cultural (João Paulo II, XXXVI MDCS, 2002, n.2) um novo lugar rico de humanidade e de possibilidades de encontro, diálogo, amizade, respeito e solidariedade, onde a Igreja é chamada a estar presente, a fazer parte dela, a escutar, a dialogar com ela, a anunciar e testemunhar o Evangelho, como resposta ao pedido de Jesus: «Ide pelo mundo inteiro, proclamai o Evangelho a toda a criatura» (Mc 16,15). O Papa Bento XVI na mensagem do Dia Mundial das Comunicações Sociais de 2013, a respeito destes novos espaços de encontro, referiu que os fiéis, cada vez mais se dão conta da importância destes ambientes digitais para o anúncio da Boa Nova, porque reconhecem que:

«O ambiente digital não é um mundo paralelo ou puramente virtual, mas faz parte da realidade quotidiana de muitas pessoas, especialmente dos mais jovens. As redes sociais são fruto da interação humana, mas, por sua vez, dão formas novas às dinâmicas da comunicação que cria relações: por isso uma solícita compreensão por este ambiente é o pré-requisito para uma presença significativa dentro do mesmo». (Bento XVI, XLVII MDCS, 2013)

Embora as tecnologias da informação e comunicação não substituam a experiência profunda de Deus, que só a vida concreta, litúrgica e sacramental da Igreja pode oferecer (João Paulo II, XXXVI MDCS, 2002, n.3), a utilização das novas linguagens, permite que «a riqueza infinita do Evangelho encontre formas de expressão que sejam capazes de alcançar a mente e o coração de todos» (Bento XVI, XLVII MDCS, 2013), e podem desempenhar um papel importante no primeiro anúncio, destinado aos não crentes e dos cristãos mais afastados, oferecendo informações e suscitando o interesse e na educação e aprofundamento da fé dos cristãos.

A tecnologia da informação e comunicação, para além de um poderoso instrumento ao serviço da evangelização, é um fator de desenvolvimento humano. Quando são utilizados ao serviço do bem comum, com o propósito de contribuir para a dignificação da pessoa humana, promovem o desenvolvimento e relacionamento humano de diversas formas; ajudam a resolver problemas e são grandes aliados da educação, paz e justiça.

Apesar do reconhecimento do enorme potencial para o bem, a Igreja, alerta que a utilização imprópria e afastada dos princípios éticos pode criar situações de grande prejuízo para a pessoa. Essa preocupação é manifestada em diversos documentos, mas é no documento «Ética e

Internet», do Pontifício Conselho para as Comunicações Sociais, aprofunda a questão da utilização ética da internet, centrado no respeito pela dignidade da pessoa humana.

Por diversos motivos, a Igreja, considera os meios de comunicação instrumentos poderosos. «Contudo, esta moeda tem também o seu reverso [...] podem ser usados inclusive para explorar, manipular, dominar e corromper» (PCCS, *Ética na Internet*, 2000, n.1). Este aspeto paradoxal da utilização da tecnologia da comunicação e informação, é um aspeto fundamental para Igreja que, por um lado, reconhece as suas potencialidades, para o progresso das sociedades, mas, por outro lado, o documento alerta para os perigos e desafios que ela coloca:

- As consequências, positivas ou negativas, dependem da escolha e uso que cada um faz.
- O uso indevido destes instrumentos coloca questões relacionadas com: a privacidade, a segurança e credibilidade de dados, os direitos de autor e de propriedade intelectual, a pornografia, incitação ao ódio e violência, as notícias falsas, exploração, manipulação, e outros aspetos.
- Os benefícios conseguidos com o progresso das novas tecnologias, atualmente, não estão equitativamente distribuídos e que o mundo já se encontra dividido, de forma discriminatório, entre os que têm, ou não, acesso à informação e comunicação. É, portanto, urgente selar a “divisão digital”, que separa os povos em duas partes. Por isso, considera é imprescindível encontrar formas e serviços, na Internet, disponíveis gratuitamente para todos, de modo a diminuir o fosso digital entre os povos e garantir o acesso à informação e conhecimento para que o progresso da humanidade possa acontecer de forma equitativa. Colocando assim estes instrumentos, reflexo da solidariedade humana, ao serviço do bem comum.

3.1.2. A missão e identidade da EMRC e as novas tecnologias

A EMRC, é uma disciplina curricular que contribui para a concretização da missão educativa da escola, respondendo «às necessidades resultantes da realidade social, contribuindo para o desenvolvimento pleno e harmonioso da personalidade dos indivíduos, incentivando a formação de cidadãos livres, responsáveis, autónomos e solidários e valorizando a dimensão humana do trabalho».⁸⁸

Na sua missão educativa, a disciplina de EMRC deve contribuir, para a «interpretação religiosa

⁸⁸ Lei n.º44/86 de 14 de outubro, Lei de Bases do Sistema Educativo, Artº 2, 4.

e ético da realidade através de uma chave de leitura cristã, em que a dimensão religiosa surge não só como objeto e produto da cultura, mas também como processo de leitura, interpretação e conhecimento da cultura e da realidade». ⁸⁹ De modo a formar personalidades ricas de interioridade, dotadas de competências religiosas, competências ético-moral, capazes refletir e interpretar a realidade mediante a chave de leitura cristã, tomar decisões responsáveis e orientadas pelos valores da justiça, solidariedade e paz para a dignificação do ser humano em todas as suas dimensões.

Segundo, a Conferência Episcopal Portuguesa (CEP), é na dimensão religiosa que a disciplina encontra a sua especificidade, pois «não haverá educação integral, se a mesma não for tomada em consideração, nem se compreenderá verdadeiramente a realidade social, sem o conhecimento do fenómeno religioso e das expressões e influencias culturais» (CEP, EMRC: Um valioso contributo para a formação da personalidade, n.5).

O desafio que se coloca à disciplina de EMRC, quanto à utilização das novas tecnologias, reside na sua missão e identidade. De que modo ela pode e deve exercer a sua missão educativa, sem se esquecer da sua identidade cristã? Além do conhecimento sobre a fé e a vivência cristã no mundo, que experiências humanas e religiosas ela deve oferecer, através dos seus recursos e materiais pedagógicos, de modo a contribuir para o desenvolvimento pleno e harmonioso da personalidade dos indivíduos que recorrem ao ambiente digital?

Muito embora as novas tecnologias e recursos digitais não substituam a relação que se cria na sala de aula entre os professores e alunos, não devem não devem ser considerados meros suportes para a aprendizagem de conhecimentos, mas devem ser vistos como um ambiente propício para promover a relação com o outro e com o transcendente, pelo testemunho pessoal ou comunitário da experiência de fé.

Tal como diversos documentos da Igreja demonstram, a Internet e outros recursos e ferramentas digitais, ocupam um lugar importante na vida dos jovens, logo a Igreja não pode ser indiferente a este facto, mas deve ambientar-se e recorrer a esses ambientes como testemunha da manifestação do Amor de Deus pela humanidade. Do mesmo modo a disciplina de EMRC deve integrar e utilizar a linguagem da cultura digital e também aí concretizar a sua missão respeitando o ritmo de cada individuo, nesse processo de pesquisa, aprendizagem e relação.

Aos professores de EMRC é pedido que adquiram competências básicas na área das tecnologias da educação para poderem compreender e movimentar-se no ambiente digital; que

⁸⁹ Programa de Educação Moral e Religiosa Católica, edição de 2014,155.

criem um espaço digital de relação, para todos aqueles que quiserem aceder, no qual todos professores possam participar, colaborar e elaborar materiais e recursos com qualidade teológica, científica e didática, que tenham em consideração os desafios e características dos jovens atuais, de forma a proporcionar conhecimento e experiências de relação que suscitem neles, a necessidade de um encontro mais próximo com o outro e com Deus.

3.2. As possibilidades dos recursos digitais na EMRC

É incontornável que as tecnologias digitais fazem parte da vida quotidiana das pessoas, e de modo especial dos jovens. Oferecem grandes possibilidades, em diferentes áreas e contextos da sociedade, e contribuem para o desenvolvimento humano.

A importância que as tecnologias digitais têm, vão para além dos aspetos técnicos. Estas proporcionaram a abertura a um novo ambiente; nova linguagem; novas formas de aprender; novas formas pensar; novas formas de comunicar e estabelecer relações.

A integração da tecnologia digital no contexto educativo, está a transformar a forma de ensinar e aprender, possibilitando: novas abordagens e estratégias pedagógicas que colocam o aluno no centro da aprendizagem; a criação de recursos educativos digitais, quer na sua forma comercial ou aberta; o acesso ao conhecimento e informação, a uma comunidade diversificada de utilizadores, através da aprendizagem a distância ou repositórios.

Além das vantagens e potencialidades dos recursos educativos digitais, comum a todas as áreas disciplinares, já mencionadas na revisão literária deste trabalho, esta reflexão pretende contribuir para o esclarecimento das potencialidades da utilização de recursos digitais, na disciplina de EMRC, interpretada à luz da fé da Igreja e do Evangelho:

a) O interesse da EMRC na utilização dos recursos digitais, fundamenta-se na sua missão e identidade no contexto educativo e os benefícios que estes podem trazer para o desenvolvimento integral do aluno nas suas diferentes dimensões, nomeadamente a religiosa. A EMRC, proposta da Igreja no processo educativo da pessoa, (CEP. Educação: direito e dever – missão nobre ao serviço de todos, n.3) é uma disciplina curricular que contribui para a concretização da missão educativa da escola, respondendo «às necessidades resultantes da realidade social, contribuindo para o desenvolvimento pleno e harmonioso da personalidade dos indivíduos, incentivando a formação de cidadãos livres, responsáveis, autónomos e solidários e valorizando a dimensão humana do trabalho».⁹⁴

⁹⁴ Lei n.º44/86 de 14 de outubro, Lei de Bases do Sistema Educativo, Artº 2, 4.

A tecnologia digital, nomeadamente, a internet e as redes sociais têm um lugar especial na vida dos alunos. É para eles um espaço de encontro e relacionamento; de comunicação; de partilha; de diversão e ao qual recorrem, com frequência, para esclarecer as suas dúvidas e anseios.

É, portanto, um novo espaço de sociabilização, afirmação da individualidade ou pertença, que influência a construção da identidade do adolescente e jovem, do ponto de vista religioso, moral, ético e social.

A EMRC, tendo em vista o desenvolvimento pleno e harmonioso do aluno, não deve olhar para ele descontextualizado desta nova realidade. Mas integrar nela, utilizar a sua linguagem e modos de comunicação para fazer chegar até ao aluno os seus conhecimentos e o seu testemunho de fé no Evangelho. Compreender e aceitar esta realidade, implica conhecê-la e integrá-la no contexto educativo num processo de ensino e aprendizagem mais centrado no aluno, mais personalizado, motivador, envolvente e colaborativo.

b) A tecnologia digital, dá acesso a uma nova realidade social e cultural: o mundo digital, no qual a EMRC é chamada a compreender e estar presente. Através de uma linguagem que lhe é própria (a imagem, o som, animação, o texto, jogos, simulação) está a transformar o modo de comunicar, relacionar, aprender e pensar das pessoas, e, de modo mais expressivo, nos adolescentes e jovens.

A elaboração e disponibilização de recursos digitais no espaço digital, no modelo de aprendizagem a distância, possibilita: o acesso a conteúdos específicos da disciplina, a uma comunidade, vasta e diversificada, de utilizadores, e apresenta «a componente religiosa como um fator insubstituível para o crescimento» (CEP. EMRC: Um valioso contributo para a formação da personalidade, n.6) e entendimento da realidade.

Embora os recursos digitais, não substituam a experiência humana do encontro, que só a vida concreta em comunidade oferece, possibilita que muitas finalidades da disciplina alcancem o maior número de alunos possível, e ajudem «a formar personalidades juvenis ricas de interioridade, dotadas de força moral e abertas aos valores da justiça, da solidariedade e da paz, capazes de usar bem a própria liberdade».⁹⁶

c) A utilização de recursos digitais facilita o processo de identificação dos alunos com o conteúdo abordado, tornando a aprendizagem mais motivadora. A integração simultânea de elementos multimédia; texto; simulações; jogos e outros elementos interativos tornam a mensagem clara e perceptível. Como escreve o Papa Bento XVI:

⁹⁶ Programa de Educação Moral e Religiosa Católica, edição de 2014, 163.

No ambiente digital, a palavra escrita aparece muitas vezes acompanhada por imagens e sons. Uma comunicação eficaz, como as parábolas de Jesus, necessita do envolvimento da imaginação e da sensibilidade afetiva daqueles que queremos convidar para um encontro com o mistério do amor de Deus. Aliás sabemos que a tradição cristã sempre foi rica de sinais e símbolos [...].(Bento XVI, XLVII MDCS, 2013)

Seguindo o exemplo de Jesus, o professor de EMRC, deve ter a capacidade de ir ao encontro, utilizar uma linguagem adequada e perceptiva, para se fazer próximo, ser entendido e proporcionar a reflexão do aluno sobre si, os outros e o transcendente.

d) A integração dos recursos digitais nas aulas de EMRC, permite desenvolver novas metodologias pedagógicas e envolver os alunos na aprendizagem, incentivando a práticas de princípios e valores cristãos no mundo digital.

e) Face aos múltiplos desafios e obstáculos inerentes ao mundo digital, a disciplina oferece ferramentas que permite os alunos escolher e agir em responsabilidade e consciência segundo os valores cristãos de fraternidade, justiça, solidariedade, liberdade e paz. Fazendo sobressair o melhor de cada aluno na relação com os outros em ambiente digital.

3.3. O Repositório Digital e a EMRC

A necessidade da criação de um repositório de recursos educativos para a EMRC, surge em contexto da PES mediante quatro evidências:

- a. A rápida evolução da tecnologia digital e o uso que se faz dela, tem vindo a alterar o contexto social e cultural com novas linguagens, formas de comunicar, relacionar, pensar e aprender. Surge, por isso, a necessidade de promover competências digitais nos cidadãos e impulsionar a inovação na educação. Esta exige a reestruturação do ambiente de trabalho, do processo e práticas de aprendizagem, de modo que o aluno passe a assumir um papel mais relevante na construção do seu conhecimento. Neste contexto, os recursos educativos digitais são fundamentais para o desenvolvimento de estratégias e práticas mais significativas para os alunos, desafiando o professor de EMRC a desenvolver competências digitais que permitam a criação e utilização correta desses recursos.
- b. Os recursos digitais utilizam uma linguagem que permite uma comunicação atrativa, clara e perceptível para os alunos.
- c. O excesso, a dispersão e a qualidade de informação e recursos na internet, constituiu um obstáculo para os professores e alunos que procuram uma resposta confiável, rápida e relevante que colmate as suas necessidades.

- d. A escassez de sítios institucionais da disciplina de EMRC, na internet, que disponibilizem recursos educativos digitais com qualidade científica, teológica, pedagógica, didática e gráfica, que respeite as questões de direito de autor e licenciamento que permita colocar em prática os princípios dos REA.

Um repositório digital, de recursos educativos digitais abertos, para a disciplina de EMRC, segundo um modelo que assente no conceito de “comunidade”, beneficia os alunos, professores e a disciplina nos seguintes aspetos:

1. O repositório, como espaço de aprendizagem para os alunos:
 - a. Um repositório digital da disciplina permitirá que a disciplina cumpra a sua missão educativa e tudo a que isso diz respeito, mas permitirá sobretudo, criar uma comunidade no mundo digital que viva e reflita a sua experiência de comunhão com a Trindade, quer através do seu modo de funcionamento, os conteúdos, os materiais e recursos pedagógicos, tornando ela próprio espaço de conhecimento e testemunho do Evangelho.
 - b. O repositório, facilita aos alunos o acesso a conteúdos de qualidade e confiáveis, para uma aprendizagem autónoma respeitando o seu ritmo, possibilitando-o assumir um papel mais ativo na construção do seu conhecimento.
 - c. O repositório, através dos conteúdos presentes nos recursos educativos, oferece elementos que ajudam o aluno a construir uma consciência livre, madura e responsável a partir de humanísticos e humanizantes do Evangelho.
 - d. O repositório permite ao aluno, integrar-se numa comunidade que partilha os mesmos valores, facilitando o processo de identificação dos alunos com a disciplina.
 - e. O repositório possibilita o acesso dos conteúdos da disciplina, a uma comunidade alargada e diversificada, só possível através da internet.
2. O repositório, como comunidade de apoio aos professores:
 - a. O repositório, convida à prática da vida cristã em comunidade. No qual cada professor de EMRC é convidado a participar, dialogar, colaborar e contribuir para o crescimento do grupo, numa atitude de solidariedade ao serviço do bem comum.
 - b. O repositório, permite apoiar o professor de EMRC na pesquisa, seleção,

reutilização de recursos educativos com qualidade científica, pedagógica, didática e gráfica, que apoiem a sua missão educativa.

- c. O repositório, aumenta a confiança da utilização dos recursos educativos abertos da disciplina.
- d. O repositório, facilita o acolhimento de práticas educativas inovadora, ao qual todas as disciplinas são desafiadas a desenvolver.

3. O repositório, como espaço de visibilidade e qualidade da disciplina:

- a. O repositório, promove a partilha e a visibilidade do trabalho realizado na disciplina, dando a conhecer a sua identidade e finalidade.
- b. O repositório, faculta o armazenamento de recursos produzidos pela comunidade, permitindo a sua reutilização, mediante critérios de utilização REA.

CAPÍTULO 4 | PROPOSTA PEDAGÓGICA: REPOSITÓRIO DIGITAL DE EMRC

4.1. Proposta de um projeto de repositório digital de recursos educativos para a EMRC

O objetivo deste capítulo é a apresentação de uma proposta pedagógica resultante do estudo e reflexão de forma a responder às necessidades verificadas na PES.

Após a constatação, das potencialidades dos recursos educativos digitais e dos benefícios que um repositório, podem oferecer aos alunos, professores e à disciplina de EMRC, conclui-se que a criação de um repositório digital de recursos educativos abertos constitui uma solução válida.

Nesta proposta apenas serão considerados os aspetos relacionados com a etapa da conceção, já que, o que se pretende é apresentar um plano de funcionamento do repositório do ponto de vista do utilizador. Deixando os aspetos técnicos e gráficos para uma fase posterior do projeto.

Esta proposta constituirá a base de trabalho do projeto «EMRC ONLIFE» para a conclusão do curso de Mestrado de Recursos Digitais em Educação pela Escola Superior de Educação de Santarém no ano letivo de 2022/2023. No qual o objetivo será desenvolver e implementar os aspetos técnicos e gráficos da proposta aqui apresentada.

Para a criação de um repositório digital o trabalho colaborativo é fundamental. Prevê-se, que na fase de desenvolvimento, implementação e manutenção seja necessária uma equipa de trabalho constituída por elementos com conhecimentos e competências científicas, pedagógicas e digitais, para desempenhar funções distintas de: coordenação, designer/programação de *web*, revisão de conteúdo e validação científica e pedagógica.

4.2. Metodologia de construção do repositório

Os procedimentos da conceção, desenvolvimento e implementação do repositório de EMRC enquadram-se na metodologia *Design-Based Research* (DBR):

“uma abordagem metodológica, com enfoque intervencionista, realizada em colaboração entre pesquisadores e participantes, em contextos do mundo real, através de ciclos iterativos de design, implementação, análise e redesign, tendo por objetivos proporcionar soluções para os

problemas/desafios da educação, criar artefactos e práticas pedagógicas, gerar novas teorias e princípios de design.”⁹⁸

Segundo o documento “*Boas práticas para a construção de repositórios institucionais da produção científica*”⁹⁹ é fundamental passar por diversas etapas para garantir a funcionalidade e qualidade do repositório:

1ª etapa:

- Definição das políticas do repositório:
 - Funcionamento
 - Objetivos
 - Serviços
 - Equipa responsável
 - Tipo de conteúdos
- Definição da estrutura do repositório:
 - Organização do conteúdo em comunidades e coleções

2ª etapa:

- Escolha de esquemas de metadados
- Definição da URL do repositório

3ª etapa:

- Povoamento do repositório:
 - Seleção dos conteúdos
 - Armazenamento dos conteúdos
 - Nomeação do arquivo do conteúdo
 - Permissões para o armazenamento
 - Licenças e direitos de autor

Os autores Rosiclei Aparecida, Cavichioli Lavermann e Edgardo Fernández , listam um conjunto de etapas metodológicas que seguiram para a construção do repositório digital REDETER:

1. Analisar repositórios digitais já existentes
2. Desenvolver o modelo organizacional e catalogação dos metadados para os recursos;
3. Pesquisar as tecnologias disponíveis para a implementação do repositório;

⁹⁸ Ana Nobre et al., «Princípios teórico-metodológico de design-based research (DBR) na pesquisa educacional tematizada por Recursos Educacionais Abertos (REA)», *Revista San Gregório*, 16 (2017):131. <http://hdl.handle.net/10400.2/6892>.

⁹⁹ Cf. Fernando Leite et al., *Boas práticas para a construção de repositórios institucionais da produção científica* (Brasília:Ibict,2012), 10.

4. Implementar e implantar o repositório
5. Realizar testes operacionais;
6. Efetuar alterações necessárias a partir dos testes realizados.¹⁰⁰

Tendo por referências as três fontes acima citadas, elaborou-se um quadro de procedimentos metodológicos para a concepção, desenvolvimento e implementação do repositório de EMRC, que se encontram listados no quadro 4.

Quadro 4 – Procedimentos metodológicos para a construção do repositório

ETAPAS	FASES DA DBR	TÓPICOS
Concepção	Fase 1: Análise do problema.	Definir o problema.
	Fase2A: Desenvolvimento da proposta de solução responsiva.	Analisar e selecionar o modelo de repositório.
		Desenvolver princípios de funcionamento da proposta: <ul style="list-style-type: none"> - Objetivos - Serviços - Utilizadores - Conteúdos - Licenças - Equipa responsável
		Desenvolver o modelo de estrutura e organização de conteúdos.
Desenvolvimento	Fase 2B: Desenvolvimento de princípios de design, técnicas	Desenvolver o modelo de catalogação dos metadados para os conteúdos;
		Pesquisar e selecionar tecnologia para implementação do repositório
		Definir URL
		Povoar do repositório
Implementação	Fase 3: Ciclos iterativos de aplicação e refinamento em práxis da solução.	Implementar a intervenção
		Testar
		Coletar informações
		Analisar informações
		Implementar a intervenção
		Testar
		Coletar informações
		Analisar informações
Implementar a intervenção		
	Fase 4: Reflexão para produzir “Princípios de Design” e melhorar implementação da solução.	Princípios de design. Artefacto implementado. Desenvolvimento profissional.

¹⁰⁰ Rosiclei Aparecida, Cavichioli Lavermann e Edgardo Fernández, «Repositório Digital Aberto do GEPETER: Uma estratégia para democratizar o acesso ao conhecimento», em *REA: teoria e prática*, org. por Elena Mallmann, Juliana Jacques, Andrea Reginatto e Taís Alberti (São Paulo:Pimenta Cultural,2020), 253.

4.3. Desenvolvimento da proposta

O repositório digital de EMRC será um sistema de informação digital dedicado ao armazenamento, organização e disponibilização de recursos educativos abertos da disciplina de EMRC. O acesso aos conteúdos é aberto, mas o acesso a determinadas funcionalidades necessita de registo.

Devido ao objetivo e ao tipo de informação do repositório, todos os recursos serão catalogados e disponibilizados como REA, através do licenciamento da *Creative Commons*, para que todos os utilizadores possam reutilizar, adaptar, modificar e redistribuir os conteúdos consoante as suas necessidades.

Com base nestas especificidades, serão elencados um conjunto de princípios de funcionamento e utilização do repositório, que além de estabelecem critérios sobre o funcionamento, os serviços e as atividades dos utilizadores, orientarão o desenvolvimento e implementação do repositório.

4.3.1. Modelo do repositório

Face às características e necessidades desta comunidade educativa, o modelo mais adequado para a modelação do repositório, é o modelo utilizado pelo projeto MERLOT (<http://www.merlot.org>), pela Plataforma Integrada MEC RED (<https://plataformaintegrada.mec.gov.br>) e pela Plataforma REDA (<https://reda.azores.gov.pt>), por se assentarem no conceito de comunidade. Este conceito fundamenta-se na partilha e colaboração entre todos os utilizadores do repositório. Sempre que um utilizador partilha um recurso, está a colaborar para o crescimento do grupo. Sempre que um utilizador avalia ou comenta sobre o resultado da utilização de um recurso do repositório, está a colaborar para o crescimento do grupo. Sempre que um utilizador recupera um recurso, modifica e partilha o recurso derivado no repositório, está a colaborar para o crescimento do mesmo. A vida desta comunidade é mais rica e possibilita o crescimento de todos os seus elementos, quanto mais colaboração existir.

4.3.2. Estrutura e organização dos conteúdos

A estrutura e organização dos conteúdos indica o caminho que o utilizador irá seguir para chegar ao conteúdo que pretende.

A hierarquia dos recursos, armazenados no repositório, estarão organizados por ciclos de ensino, anos de escolaridade e unidades letivas. Para a tarefa de catalogação através de metadados, cada recurso será identificado com dados gerais e específicos para cada tipo de recurso. Pois, como já foi referido anteriormente, os metadados são imprescindíveis para a identificação, recuperação, partilha e gestão dos recursos digitais.

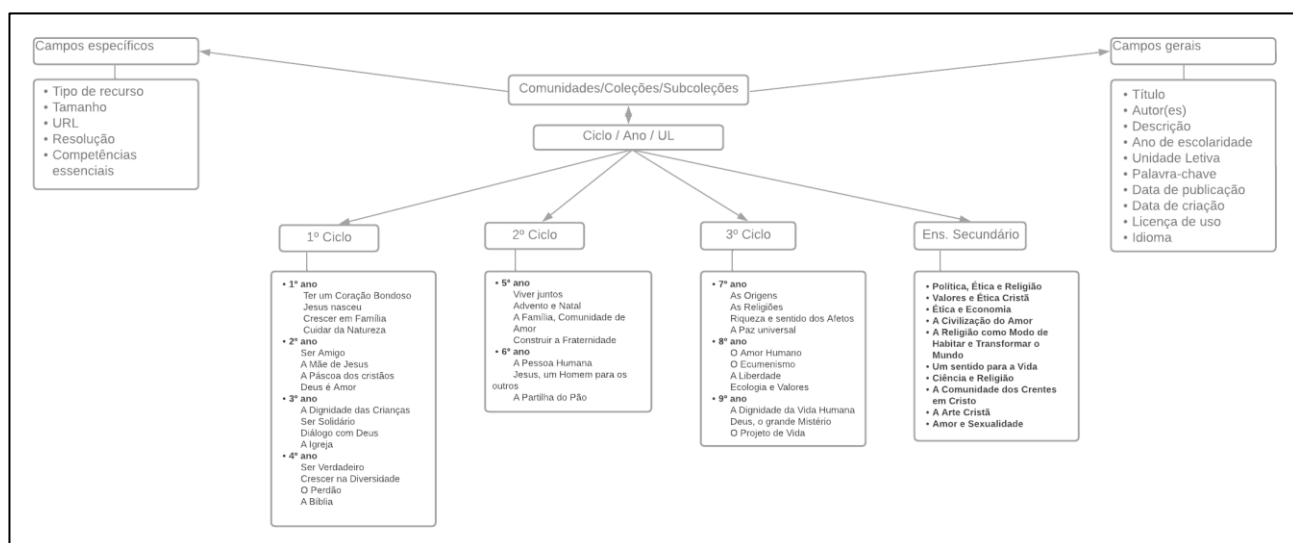


Figura 2 – Organização da informação e catalogação

4.3.3. Comunidades e coleções do repositório

1. 1º Ciclo de EMRC

- 1º ano
 - Ter um Coração Bondoso
 - Jesus nasceu
 - Crescer em Família
 - Cuidar da Natureza
- 2º ano
 - Ser Amigo
 - A Mãe de Jesus
 - A Páscoa dos cristãos
 - Deus é Amor
- 3º ano
 - A Dignidade das Crianças
 - Ser Solidário
 - Diálogo com Deus
 - A Igreja
- 4º ano

- Ser Verdadeiro
- Crescer na Diversidade
- O Perdão
- A Bíblia

2. 2º Ciclo de EMRC

- 5º ano
 - Viver juntos
 - Advento e Natal
 - A Família, Comunidade de Amor
 - Construir a Fraternidade
- 6º ano
 - A Pessoa Humana
 - Jesus, um Homem para os outros
 - A Partilha do Pão

3. 3º Ciclo de EMRC

- 7º ano
 - As Origens
 - As Religiões
 - Riqueza e sentido dos Afetos
 - A Paz universal
- 8º ano
 - O Amor Humano
 - O Ecumenismo
 - A Liberdade
 - Ecologia e Valores
- 9º ano
 - A Dignidade da Vida Humana
 - Deus, o grande Mistério
 - O Projeto de Vida

4. Ensino Secundário

- Política, Ética e Religião
- Valores e Ética Cristã
- Ética e Economia
- A Civilização do Amor
- A Religião como Modo de Habitar e Transformar o Mundo
- Um sentido para a Vida
- Ciência e Religião
- A Comunidade dos Crentes em Cristo
- A Arte Cristã
- Amor e Sexualidade

4.3.4. Campos de identificação para catalogação

QUADRO 5 – CAMPOS DE IDENTIFICAÇÃO E INFORMAÇÃO DE RECURSOS

Campos gerais	Campos específicos
Título Autor(es) Descrição Ano de escolaridade Unidade Letiva Palavra-chave Data de publicação Data de criação Licença de uso Idioma	Tipo de recurso Tamanho URL Resolução Competências essenciais

4.3.5. Tipos de recursos por coleção

QUADRO 6 – PROPOSTA DE CONTEÚDOS POR COLEÇÃO

Conteúdos	Link externos
<ul style="list-style-type: none">– Animação– Apresentação de conteúdos em diapositivos– Áudio– Cartaz– Histórias e contos– Imagem– Infográfico– Jogo– Livro/E-book– Mapa Conceptual– Mapa geográfico– Planificação– Projeto de alunos– Texto– Vídeo	<ul style="list-style-type: none">– Sítios da Internet– Repositórios abertos– Software e ferramentas digitais com fins educativos– Blogs– Jogos

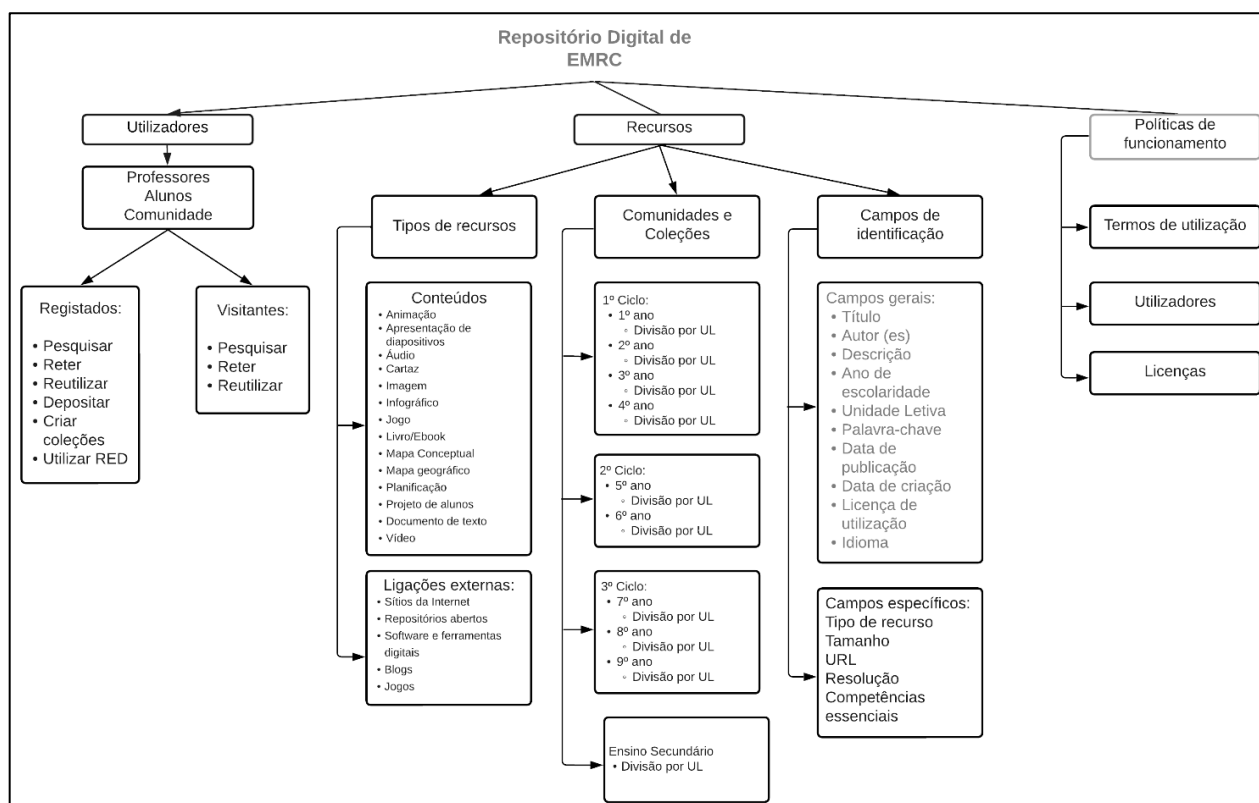
4.3.6. Princípios de funcionamento e utilização

O repositório digital de EMRC é um sistema de informação digital dedicado ao armazenamento, organização e disponibilização de recursos educativos abertos da disciplina de EMRC. O acesso aos conteúdos é aberto, mas o acesso a determinadas funcionalidades necessita de registo.

Devido ao objetivo e ao tipo de informação do repositório, todos os recursos serão catalogados e disponibilizados como REA, através do licenciamento da *Creative Commons*, para que todos os utilizadores possam reutilizar, adaptar, modificar e redistribuir os conteúdos consoante as suas necessidades.

Com base nestas especificidades, serão elencados os princípios de funcionamento e utilização do repositório, que além de estabelecerem um conjunto de critérios sobre as atividades dos utilizadores e dos serviços do repositório, orientarão o desenvolvimento e implementação do repositório.

FIGURA 3 – ESTRUTURA E ORGANIZAÇÃO DO REPOSITÓRIO DO PONTO DE VISTA DO UTILIZADOR



4.3.7. Caraterísticas do repositório

O repositório de EMRC será de acesso aberto a toda a comunidade educativa e ao público em geral. No entanto, determinadas ferramentas estão reservados a utilizadores registados.

O repositório, convida à prática da vida cristã em comunidade. No qual cada professor de EMRC é convidado a participar, dialogar, colaborar e contribuir para o crescimento do grupo, numa atitude de solidariedade ao serviço do bem comum.

O repositório terá uma base de dados de descrição e ligações para os recursos educativos e respeitará as normas internacionais de metadados e de catalogação de acesso aberto.

O objetivo deste repositório é reunir e disponibilizar conteúdos de licença aberta da área temática da disciplina de EMRC, disponibilizados por organizações parceiras e docentes, fomentar a participação e colaboração ativa dos utilizadores no repositório, através da criação, utilização, modificação, partilha e avaliação de recursos educativos com qualidade científica, pedagógica, didática e gráfica para a disciplina de EMRC.

Além de recursos próprios, o repositório permitirá o armazenamento de recursos, de acesso e licença aberta, criados e partilhados pelos utilizadores registados e facilitará o acesso para conteúdos externos ao repositório. O repositório proporcionará funcionalidades e ferramentas de pesquisa e recuperação de recursos, que por sua vez poderão ser reutilizados, adaptados, modificados e partilhados consoante a necessidade dos professores e alunos da disciplina.

O repositório será gerido por um editor coordenador, em colaboração com outros editores responsáveis por cada comunidade temática. Os editores serão professores de EMRC voluntários, que se devem comprometer para a realização da tarefa no espaço de um ano.






4.3.8. Termos de utilização

- a. A utilização do repositório não exige registo. No entanto, para aceder a determinadas funcionalidades terá que o fazer.
- b. A utilização do repositório, dos conteúdos e informações disponibilizados, é única e exclusivada responsabilidade do utilizador.
- c. A utilização dos conteúdos publicados destinam-se para uso exclusivo educacional.
- d. A utilização dos conteúdos publicados no repositório pressupõem o respeito pelas licenças que protegem esses conteúdos. Os conteúdos não podem ser utilizados para fins comerciais, incluindo remuneração.

- e. A utilização dos conteúdos e informações
- f. A violação dos termos de utilização resultará na remoção da conta.
- g. O utilizador registado pode:
 - Pesquisar,
 - Reter,
 - Reutilizar,
 - Criar coleções pessoais,
 - Comentar e avaliar os recursos de forma construtiva e respeitosa,
 - Depositar recursos de sua autoria, desde que os dados e informações dos recursos sejam devidamente preenchidos (metadados),
 - Acesso a RED específicos.
- h. O utilizador visitante pode:
 - Pesquisar
 - Reter
 - Reutilizar
- i. O utilizador do repositório não pode:
 - Submeter no repositório conteúdos que sejam ilegais, que promovam qualquer tipo de discriminação, incitem à violência ou sejam considerados ofensivos ou suscetíveis de ferir a sensibilidade de outrem.
 - Retirar ou editar qualquer conteúdo cujo a licença não seja aberta.
 - Retirar ou editar qualquer aviso de direito de autor, logotipo, marca ou outros elementos indicativos de autor.
- j. O utilizador é o único responsável pelas informações que fornece e o repositório reserva o direito de conferir a veracidade dos dados, caso considere necessário.
- k. Os recursos partilhados pelos utilizadores registados podem ser revistos pelos editores antes da sua publicação.
- l. Os recursos podem ser avaliados de modo sintético pelos editores e pelos utilizadores registados.

4.3.9. Licença de conteúdos

- a. O utilizador registado que depositar recursos da sua autoria, garante que detém todos os direitos e autorizações para a publicação do conteúdo e deverá escolher uma das licenças Creative Commons elencadas no formulário no momento de submissão e preenchimento de dados sobre o recurso.
- b. No repositório serão aceites os seguintes tipos de licença da Creative Commons, de forma a garantir o devido crédito de autor original:

Licença	Permissões e Implementação dos 5Rs
	Permite que os utilizadores distribuam, remixem, adaptem e construam o material em qualquer meio ou formato, sem condições.
	Permite que os utilizadores distribuam, remixem, adaptem e construam o material em qualquer meio ou formato, desde que a atribuição seja dada ao criador. A licença permite o uso comercial.
	Permite que os utilizadores distribuam, remixem, adaptem e construam o material em qualquer meio ou formato, desde que a atribuição seja dada ao criador. A licença permite o uso comercial. Se você remixar, adaptar ou desenvolver o material, deverá licenciar o material modificado sob termos idênticos.
	Permite que os utilizadores distribuam, remixem, adaptem e construam o material em qualquer meio ou formato apenas para fins não comerciais e apenas enquanto a atribuição for dada ao criador.
	Permite que os utilizadores distribuam, remixem, adaptem e construam o material em qualquer meio ou formato apenas para fins não comerciais e apenas enquanto a atribuição for dada ao criador. Se você remixar, adaptar ou desenvolver o material, deverá licenciar o material modificado sob termos idênticos.

- c. O utilizador registado ao depositar o recurso de sua autoria no repositório, concorda e autoriza o licenciamento ao escolher uma das licenças abertas descritas no formulário de publicação, de forma a permitir o reconhecimento da sua autoria e permitir a reutilização, modificação e partilha do conteúdo original.
- d. Os recursos estarão identificados pelo formato, licença, coleções, comunidades e palavras-chaves.
- e. Cabe ao utilizador verificar a licença de cada recurso e agir em conformidade.

CONCLUSÃO

A Prática de Ensino Supervisionado representa uma etapa muito importante na formação de professores. A experiência da prática pedagógica permite continuar a aprender em contexto escolar; definir e gerir opções curriculares; materializar conhecimentos teológicos e científicos e pedagógicos em situações de ensino; selecionar e adequar metodologias; desenvolver estratégias de ensino e aprendizagem tendo em conta as especificidades individuais e contextuais e avaliar o processo de ensino. Sob a orientação de professores orientadores e cooperantes, os professores estagiários são motivados a pensar de forma crítica e refletiva sobre a EMRC, o Programa, o desempenho profissional, os alunos as dificuldades, os obstáculos e desafios que possam surgir.

O presente trabalho resulta da articulação de um conjunto de experiências de prática letiva vividas na PES e de um trabalho de investigação, cujo a problemática surge a partir da procura de estratégias e recursos educativos digitais que permitam cativar os alunos e melhorar o processo de ensino e aprendizagem.

Numa disciplina onde a relação e a experiência física da realidade são fundamentais, a utilização das tecnologias na EMRC, como forma e lugar de transmissão de conhecimento e de vínculo de relação com o outro e com o transcendente, nem sempre é bem aceite pelos docentes, quer por falta de competências digitais, quer por incompreensão das suas potencialidades ou preconceito.

A tecnologia como forma de chegar e estar com os alunos, implica mudanças e empenho de todos os agentes responsáveis pela educação cristã de forma a facilitar e objetivar a presença da disciplina no ambiente digital, também ele espaço educativo e de evangelização. Muito embora, desafiante, é uma realidade que os professores de EMRC terão de saber abraçar, uma vez que, tanto o sistema educativo, como a Igreja apelam à utilização das tecnologias e recursos digitais.

Enquanto a Escola apela ao uso das tecnologias para a transmissão de conhecimento e aquisição de competências essenciais, para Igreja a sua utilização é um dever fundamental da evangelização: ir e estar em todos os lugares onde está o Homem e levar até ele a Salvação.

Se por um lado os docentes de EMRC são chamados a mobilizar conhecimentos através da utilização dos recursos digitais em contexto educativo, por outro lado, enquanto agentes pastorais na escola, são desafiados a ir ao encontro dos alunos nos lugares onde habitam, estar com eles e através da sua linguagem transmitir os valores, a cultura e a vivência cristã e ser

testemunho de fé. No mundo digital, onde facilmente os alunos são chamados e cativados a entrar em “sítios” sombrios onde instigam o ódio, a intolerância, a mentira e a violência urge a presença de espaços digitais que comuniquem com os jovens e os ajude a viver valores éticos e morais humanísticos, quer no mundo físico como no mundo digital.

A criação de um repositório digital de recursos educativos de EMRC tem um enorme potencial para funcionar como uma comunidade, que vive e reflete a sua experiência de comunhão com o Evangelho, quer através do seu modo de funcionamento, conteúdos, materiais e recursos pedagógicos, tornando o repositório espaço de conhecimento, comunicação, vivência e testemunho do Evangelho. Para que isso seja possível, todos os professores de EMRC são convidados a participar, contribuir e colaborar numa atitude de solidariedade, para o crescimento desta comunidade digital e torná-la num lugar confiável e relevante capaz de ajudar a formar pessoas ricas de interioridade, dotadas de valores da verdade, liberdade, justiça, paz, solidariedade e fraternidade.

O repositório digital enquanto espaço de armazenamento, interligação, organização, partilha, reutilização e curadoria de recursos educativos, será capaz de dar unidade à fragmentação de conteúdos, recursos e materiais educativos existentes na internet, facilitando a pesquisa e a seleção de informação. Possui características que facilitam a navegação entre hiperligações internas e externas do repositório orientando o utilizador por espaços e recursos significativos capazes de responder às suas necessidades. E numa atitude de permanente escuta sobre os anseios de quem recorre ao repositório, através da análise dos acessos e dos comentários deixados pelos utilizadores possibilita perceber quais os conteúdos, recursos e materiais que os utilizadores mais procuram e necessitam e maior resposta.

Neste esforço de descobrir e demonstrar de que modo os recursos digitais podem contribuir na missão educativa da disciplina de EMRC, assim como os benefícios que a criação de um repositório digital poderá trazer aos alunos e professores, tornou-se evidente que a área temática das novas tecnologias, nomeadamente o que diz respeito à utilização da internet e todos os seus recursos digitais, é algo que também diz respeito à Igreja e por conseguinte à disciplina de EMRC. Muito mais do que um instrumento de transmissão a internet e todos os seus recursos digitais e tecnológicos, refletem no seu conjunto uma nova cultura, com formas de estar e atuar no mundo muito distintos, logo desafiante para todo e qualquer agente educativo ou pastoral.

Numa disciplina que privilegia a proximidade e relação física, o receio que a utilização dos meios tecnológicos acentuem o risco de isolamento e individualismo é real. No entanto, não

podemos esquecer que nesses lugares também há humanidade e por isso temos de nos fazer presentes.

BIBLIOGRAFIA

FONTES E DOCUMENTOS

Baraniuk, Richard, et al. «Cape Town Open Education Declaration: Unlocking the promise of open educational resources». Acedido a 7 de junho de 2022.

<https://www.capetowndeclaration.org/read/>.

BECTA. *Choosing and using digital learning resources*. Conventry: BECTA, 2007.

https://kipdf.com/choosing-andusing-digital-learning-resources_5ad21d547f8b9a71868b4597.html.

BECTA. *Quality principles for digital learning resources*. Conventry: BECTA, 2007.

<https://mirandanet.ac.uk/quality-principles-for-digital-learning-resources/>.

Butcher, Neil, Asha Kanwar e Stamenka Uvalic-Trumbic. *A Basic guide to open educational resources (OER)*. Paris: UNESCO, 2011.

<https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000215804.locale=en>.

Chambers, Diane. *Accessible Open Educational Resources (OER): briefing paper*. Paris: UNESCO, 2022.

<https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000380471.locale=en>.

Comissão europeia. *Comunicação da Comissão ao Parlamento Europeu, ao Conselho, ao Comité Económico e Social Europeu e ao Comité das Regiões: Plano de Ação para a Educação Digital 2021-2027*. Bruxelas: Comissão Europeia, 2020.

<https://op.europa.eu/s/wxEF>.

Conferência Episcopal Portuguesa. «Educação Moral e Religiosa Católica. Um valioso contributo para a formação da personalidade». Acedido a 15 de julho de 2022. <https://www.conferenciaepiscopal.pt/v1/educacao-moral-e-religiosa-catolica-um-valioso-contributo-para-a-formacao-da-personalidade/>.

Concílio Vaticano II. *Decreto Inter Mirífica sobre os meios de comunicação social*. Coimbra:Gráfica de Coimbra, 1998.

Comissão Episcopal da Educação Cristã, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica. Ensino Básico e Secundário*. Lisboa, SNEC, 2014.

Heery, Rachel e Sheila Anderson. *Digital repositories review*. Bath: Joint Information Systems Committee, 2005.

<https://researchportal.bath.ac.uk/en/publications/digital-repositories-review>.

Hylén, Jan.« Open education Resources: opportunities and challenges». Paris: OECD/CERI, 2006. Acedido a 11 de maio de 2022.

<http://www.oecd.org/edu/ceri/37351085.pdf>.

IOF (International Organisation of La Francophonie). «Open educational resources competency framework OER». Acedido a 4 de agosto de 2022.

https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000266159_eng.locale=en.

SNEC. *Estou contigo, Manual do Aluno, 6º ano*. Lisboa, SNEC, 2015.

OECD/CERI. *Giving knowledge for free the emergence of open educational resources*. Paris: OECD, 2007.

<https://doi.org/10.1787/9789264032125-pt>.

Bento XVI. «Mensagem para o 43º Dia Mundial das Comunicações Sociais - Novas tecnologias, novas relações. Promover uma cultura de respeito, de diálogo, de amizade». Acedido a 30 de julho de 2022. https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/communications/documents/hf_ben-xvi_mes_20090124_43rd-world-communications-day.html.

Bento XVI. «Mensagem para o 47º Dia Mundial das Comunicações Sociais - Redes sociais: portais de verdade e de fé; novos espaços de evangelização». Acedido a 30 de julho de 2022. https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/communications/documents/hf_ben-xvi_mes_20130124_47th-world-communications-day.html.

Francisco. «Mensagem para o 48º Dia Mundial das Comunicações Sociais - Comunicação ao serviço de uma autêntica cultura de encontro». Acedido a 30 de julho de 2022. https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco_20140124_messaggio-comunicazioni-sociali.html.

João Paulo II. «Carta Apostólica: O rápido desenvolvimento». Acedido a 30 de julho de 2022. https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_letters/2005/documents/hf_jp-ii_apl_20050124_il-rapido-sviluppo.html.

João Paulo II. «Mensagem para o 19º Dia Mundial das Comunicações Sociais - As comunicações sociais e a promoção cristã da juventude». Acedido a 30 de julho de 2022. https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/communications/documents/hf_jp-ii_mes_15041985_world-communications-day.html.

João Paulo II. «Mensagem para o 24º Dia Mundial das Comunicações Sociais - A mensagem cristã na cultura informática atual». Acedido a 30 de julho de 2022. https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/communications/documents/hf_jp-ii_mes_24011990_world-communications-day.html.

Papa João Paulo II. «Mensagem para o 36º Dia Mundial das Comunicações Sociais - Internet: um novo foro para a proclamação do Evangelho». Acedido a 30 de julho de 2022.
https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/communications/documents/hf_jp-ii_mes_20020122_world-communications-day.html.

Pontifício Conselho para as Comunicações Sociais. «Ética na Internet». Acedido a 30 de julho de 2022.
https://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/pccs/documents/rc_pc_pccs_doc_20020228_ethics-internet_po.html.

Pontifício Conselho para as Comunicações Sociais. «Igreja e Internet». Acedido a 30 de julho de 2022.
https://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/pccs/documents/rc_pc_pccs_doc_20020228_church-internet_po.html.

Sociedade Max Planck. «Declaração de Berlim sobre Acesso ao Conhecimento nas Ciências e Humanidades». Acedido a 15 de junho de 2022.
<https://openaccess.mpg.de/Berlin-Declaration>.

UNESCO, Forum on the Impact of Open Courseware for Higher Education in Developing Countries, UNESCO, Paris, 1-3 July 2002: final report. Paris: UNESCO,2002.
<https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000128515.locale=en>.

UNESCO, Recommendation on Open Educational Resources. Paris: UNESCO, 2019.
<https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000373755/PDF/373755eng.pdf.multi.page=3>.

UNESCO. Declaração REA de Paris em 2012. Congresso Mundial sobre Recursos Educacionais Abertos de 2012. Paris: UNESCO,2012.
https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000246687_por.locale=en.

UNESCO. Diretrizes para recursos educacionais abertos (REA): no ensino superior. Paris: UNESCO, 2015.

<https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000232852.locale=en>.

ESTUDOS E ENSAIOS

Aparecida, Rosiclei, Cavichioli Lavermann e Edgardo Fernández. «Repositório Digital Aberto do GEPETER: Uma estratégia para democratizar o acesso ao conhecimento». Em *REA: teoria e prática*, organizado por Elena Mallmann, Juliana Jacques, Andrea Reginatto e Taís Alberti, 247-264. São Paulo: Pimenta Cultural, 2020.

DOI: 10.31560/pimentacultural/2020.298.

Atenas, Javiera, e Leo Havemann. «Questions of Quality in Repositories of Open Educational Resources: A Literature Review». *Research in Learning Technology* 22 (julho 2014). <https://doi.org/10.3402/rlt.v22.20889>.

Borges, Flavio, Janaína Teixeira e Sara Acedo. «Uso De Repositorios De Recursos Educativos Abiertos En Prácticas Pedagógicas: Una Revisión Sistemática». *Revista Latinoamericana de Tecnología Educativa – RELATEC*, V. 19, n.º2 (2020): 115-33.

<https://doi.org/10.17398/1695-288X.19.2.115>.

Campos, Fernando Rui Pinheiro. «Os professores como autores e editores de recursos educativos digitais: uma investigação-ação na escola.» Tese de Doutoramento, Universidade de Lisboa: Instituto de Educação, 2012.

<http://hdl.handle.net/10451/8743>.

Castro, Cornélia. «A utilização de recursos educativos digitais no processo de ensinar e aprender: Práticas dos professores e perspetivas dos especialistas.» Tese de Doutoramento, Universidade Católica Portuguesa, 2014.

<http://repositorio.ucp.pt/handle/10400.14/15830>.

Castro, Cornélia, Sérgio André Ferreira e António Andrade. «Repositórios de Recursos Educativos Digitais em Portugal no Ensino Básico e Secundário: que caminho a percorrer?». *Conferência Ibérica de Sistemas e Tecnologias de Informação, VI, Chaves, Portugal - Proceedings CISTI'2011 - 6ª Conferência Ibérica de Sistemas e Tecnologias de Informação (junho 2011)*:489-495.

<http://hdl.handle.net/10400.14/8359>.

CAD. «Plano Curricular das Escolas Amor de Deus». Acedido a 16 de março de 2016.

https://cad.edu.pt/wp-content/uploads/2021/07/Projeto-Educativo_2016.pdf.

CAD. «Projeto Educativo das Escolas Amor de Deus». Acedido a 16 de março de 2016.

https://cad.edu.pt/wp-content/uploads/2021/07/Projeto-Educativo_2016.pdf.

Costa, Joaquim Luís Oliveira. «A comunicação científica das ciências sociais e das humanidades nos repositórios institucionais das universidades públicas portuguesas: estudo comparado». Tese de Doutoramento, Universidade Fernando Pessoa, 2015.

<http://hdl.handle.net/10284/5332>.

Dias-Trindade, Sara e António Gomes Ferreira. «Habilidades de enseñanza digital: DigCompEdu CheckIn como proceso de evolución desde la alfabetización hasta la fluidez digital». *Revista ICONO 14. Revista Científica De Comunicación Y Tecnologías Emergentes*, 18, n.º 2 (jul/dez 2020), 162-187.

<https://doi.org/10.7195/ri14.v18i2.1519>.

Hansen, Fábio e Rodrigo Portes Valente da Silva. «Um caminho de superação pedagógica: os Naipes da Comunicação como dispositivos de atenção». *Revista Comunicação & Sociedade*, 38, n.º 3 (set/dez 2016), 271-298.

<https://doi.org/10.15603/2175-7755/cs.v38n3p271-298>.

Hassall, Christopher e David I. Lewis. «Institutional and technological barriers to the use of open educational resources (OERs) in physiology and medical education ». *Advances in Physiology Education*, n.º41 (março 2017):77-8.

<https://doi.org/10.1152/advan.00171.2016>.

Henriques, João Maria Gomes. «Catálogo de características para análise e avaliação de Recursos Educacionais Abertos (REA): ferramenta de avaliação no formato checklist.» Dissertação de Mestrado, Universidade Aberta, 2016.

<http://hdl.handle.net/10400.2/6631>.

Leite, Fernando, Bianca Amaro, Tainá Batista e Michelli Costa. *Boas práticas para a construção de repositórios institucionais da produção científica*. Brasília: Ibict,2012. <http://livroaberto.ibict.br/handle/1/703>.

Litto, Fredric e João Mattar, orgs. *Educação aberta online: pesquisar, remixar e compartilhar*. São Paulo :Artesanato Educacional, 2017.

http://www.abed.org.br/site/pt/midiateca/bibliografia/1503/2017/09/educacao_aberta_online_pesquisar,_remixar_e_compartilhar.

Lucas, Margarida e António Moreira. *DigCompEdu: Quadro Europeu de Competência Digital para Educadores*. Aveiro: Universidade de Aveiro,2018.

<http://hdl.handle.net/10773/24983>.

Lynch, Clifford. « Institutional Repositories: Essential Infrastructure for Scholarship in the Digital Age», em *ARL Bimonthly Report* 226, 1-7, 2003.

<https://www.cni.org/publications/cliffs-pubs/institutional-repositories-infrastructure-for-scholarship>.

Mayer, Richard E. «Learning with technology». In *The Nature of Learning: Using research to inspire practice*, edited by Hanna Dumont, David Istance and Francisco Benavides, 179-196. OECD-CERI, 2016.

<https://read.oecd.org/10.1787/9789264086487-en?format=read#page1>.

Medeiros, N., Xavier, C., Melo, E., Andrade, M., & Maia, D. «Recursos educativos digitais: Uma revisão de literatura em anais de congressos em informática na educação». Em *III Congresso sobre Tecnologias na Educação*, editado por J. Filho, D. Maia e M. Silva, 476-482. Ceará: Universidade Federal do Ceará, 2018.

<http://ceur-ws.org/Vol-2185/>.

Moita, Fernando. «A missão do professor de EMRC no contexto da escola atual». *Pastoral Catequética* 26 (maio-agosto 2013): 53-74.

Nobre, Ana. *REA: de A a ... Manual para identificar, procurar, utilizar, reutilizar, produzir e partilhar recursos educacionais abertos*. Lisboa: Universidade Aberta, 2020.

<https://doi.org/10.34627/5w4h-ee65>.

Nobre, Ana e Elena Mallmann. «Recursos Educacionais Abertos: transposição didática para transformação e coautoria de conhecimento educacional em rede». *Tecnologias da Informação em Educação - Indagatio Didactica*, V.8, n. 2 (abril 2016): 151-165.

<https://doi.org/10.34624/id.v8i2.2548>.

Nobre, Ana, Maria Mallmann, Denize Mazzardo e Isabelle Fernandes. «Princípios teórico-metodológico de design-based research (DBR) na pesquisa educacional tematizada por Recursos Educacionais Abertos (REA)». *Revista San Gregório*, 16 (2017):128-141.

<http://hdl.handle.net/10400.2/6892>.

Pedrinho, Dimas. «A missão Evangelizadora em contexto escolar: desafios atuais ao professor de EMRC». *Pastoral Catequética* 23 (maio-agosto 2012): 123-139.

Pounds, Alexandra e John Bostock. «Open educational resources (OER) in higher education courses in aquaculture and fisheries: opportunities, barriers, and future perspectives». *Aquacult Int*, n.º 27, (2019): 695–710.

<https://doi.org/10.1007/s10499-019-00355-9>.

Prensky, Marc. «The Role of Technology in Teaching and the Classroom.» *Educational Technology*, 48, no. 6 (2008): 64–64.

<http://www.jstor.org/stable/44429635>.

Ramos, Daniela. «Anotações para a compreensão da atividade do “Curador de Informação Digital»». Em *Curadoria digital e o campo da comunicação*, organizado por Elizabeth N. Saad Correa, 10-21. São Paulo: ECA-USP, 2012.

<https://www.eca.usp.br/acervo/producao-academica/002994584.pdf>

Ramos, José Luís, Vítor Duarte Teodoro e Francisco Melo Ferreira. «Recursos educativos digitais. Reflexões sobre a prática». *Cadernos SACAUSEF*, n.º7, (2011):11-34.

<http://hdl.handle.net/10174/5051>.

Ramos, José Luís, Vítor Duarte Teodoro, João Pedro Soares Fernandes, Francisco Melo Ferreira e Isabel Chagas. *Portal das Escolas - Recursos educativos digitais para Portugal: estudo estratégico*. Lisboa: GEPE, 2010.

<http://hdl.handle.net/10174/10592>.

Ramos, José Luís, V.D. Duarte, J.M. Carvalho, F.M. Ferreira e V.M. Maio. «Modelos e práticas de avaliação de recursos educativos digitais». *Cadernos SACAUSEF*, n.º2, (s/d): 79-87.

https://archive.org/details/podcast_estudos-sacausef_cadernos-sacausef-ii_1000123511686.

Rodrigues, Luís Miguel Figueiredo. «A educação cristã na Web. Uma reflexão teológico-prática». *Revista Eclesiástica Brasileira*, 76, n.º 304 (2016): 875-889. <https://doi.org/10.29386/reb.v76i304.145>.

Rodrigues, Luís Miguel Figueiredo. «Evangelização e novas tecnologias». *Theologica*, 47, n.º2 (2011): 617-628. <https://doi.org/10.34632/theologica.2012.2352>.

Silva, Edna Lúcia da, Lígia Café e Araci Hack Catapan. «Os Objetos Educacionais, Os Metadados E Os repositórios Na Sociedade Da informação». *Ciência Da Informação* 39, n.º3 (2010):93-104. <https://doi.org/10.18225/ci.inf.v39i3.1269>.

Waters, Donald e John Garrett. *Preserving digital information, report of the task force on archiving of digital information*. Washington D. C.: Comissão on Preservation and Access e Research Group, 1996. <https://www.clir.org/pubs/reports/pub63/>.

Wiley, D. A. «The Access Compromise and the 5th R». Publicado a março 5, 2014. Acedido a 1 de agosto,2022. <http://opencontent.org/blog/archives/3221>.

Wiley, David. «Connecting learning objects to instructional design theory: A definition, a metaphor, and a taxonomy». Em *The Instructional Use of Learning Objects: Online Version*. Editado por David Wiley,1-37. Utah State University, 2000. <http://reusability.org/read/chapters/wiley.doc>.

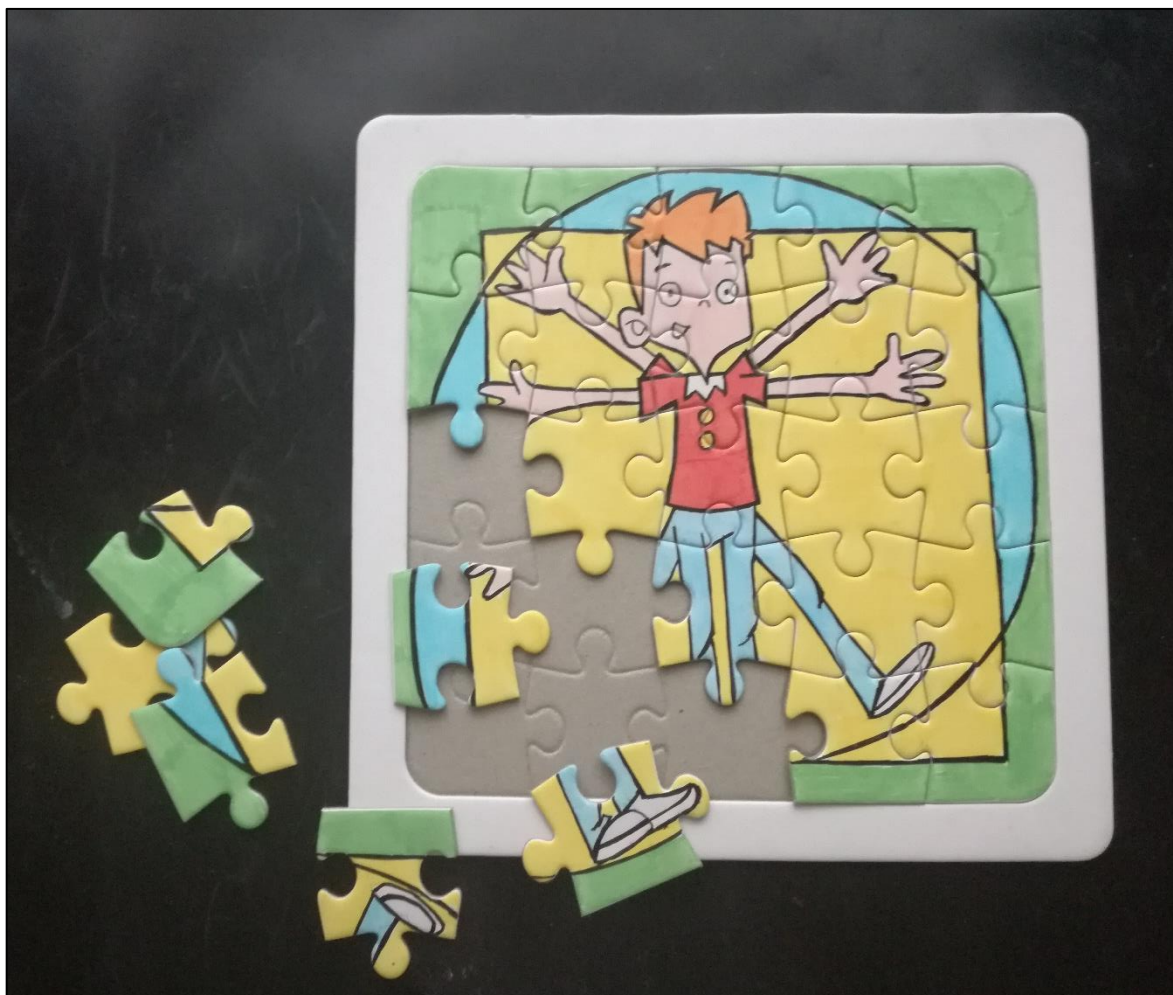
ANEXOS

Anexo 1

PLANIFICAÇÃO ANUAL – 6º ANO - EMRC									
Calendário			Conteúdos				Responsáveis pela planificação e lecionação		
1º Período	Mês	3ªf	Lição	Aula	Unidades Letivas	Temas			
	1º Período	Set.	13	1			Acolhimento aos alunos.		
20			2			Apresentação dos estagiários. Critérios de Avaliação.			
27			3	1		A Pessoa Humana	Quem é uma pessoa?	Carolina Assunção	
Out.		4	4	2		A Pessoa Humana	As dimensões da pessoa humana.		
		11	5	3		A Pessoa Humana	A dimensão religiosa: filiação divina.		
		18	6	4		A Pessoa Humana	Autenticidade.		
		25	7	5		A Pessoa Humana	A vocação da pessoa é a felicidade.	Carolina Assunção	
Nov.		8	8	6		A Pessoa Humana	Deveres.		
		15	9	7		A Pessoa Humana	A Organizações que lutam pela defesa da dignidade humana.	Plano de estudo para o teste.	
		21		Ficha de Avaliação (data definida pelo CAD)					
		22	10	8		A Pessoa Humana	Deus estabelece com todos uma relação pessoal. Como "ser pessoa".		
Dez.		29	11	1		Jesus, um Homem para os outros	Quem é Jesus?		
		6	12	9		A Pessoa Humana	Correção e entrega do teste de avaliação. Autoavaliação.	Carolina Assunção	
	13	13				Celebração do Natal.			
Aulas previstas: 13			Interrupção letiva do Natal						
2º Período	Jan.	3	14	2		Jesus, um Homem para os outros	Jesus um marco para a história.		
		10	15	3		Jesus, um Homem para os outros	Jesus na arte.		
		17	16	4		Jesus, um Homem para os outros	A confiança e a exclusão.		
		24	17	5		Jesus, um Homem para os outros	O Bom Samaritano.		
		31	18	6		Jesus, um Homem para os outros	O perdão de Deus.		
	Fev.	7	19	7		Jesus, um Homem para os outros	Interpelação aos poderosos e a oração.		
		7	20	8		Jesus, um Homem para os outros	Os julgamentos de Jesus.	Carolina Assunção	
		21	21	9		Jesus, um Homem para os outros	Cruxificação.		
		28		Interrupção letiva do Carnaval					
	Mar.	7	22	10		Jesus, um Homem para os outros	Ressurreição.	Carolina Assunção	
		14	23	11		Jesus, um Homem para os outros	Deus quer a vida.		
		21	24	12		Jesus, um Homem para os outros	Os escuteiros.		
		28	25	13		Jesus, um Homem para os outros	Correção e entrega do Teste de Avaliação. Autoavaliação.		
Abri	4	26				Celebração da Páscoa.			
Aulas previstas: 13			Interrupção letiva da Páscoa						
3º Período	Mai.	2	27	1		A partilha do Pão	A alimentação.		
		9	28	2		A partilha do Pão	A simbologia do alimento e da refeição.		
		16	29	3		A partilha do Pão	A distribuição injusta dos bens essenciais.		
		23	30	4		A partilha do Pão	A entrega de Jesus por amor.		
		30	31	5		A partilha do Pão	Ser pão para os outros.		
	Jun.	6	32				Autoavaliação.		
Aulas previstas: 6									

Anexo 2

DO PLANO DE AULA			
6º Ano	Unidade Letiva: A Pessoa Humana	Aula n.º1	Lição n.º 3
Puzzle – Reproduzir o puzzle em formato A1 ou maior. Depois será entregue uma peça para cada aluno.			



Anexo 3

DO PLANO DE AULA			
6º Ano	Unidade Letiva: A Pessoa Humana	Aula n.º5	Lição n.º 7
- Guião de exploração do texto. - Conto e ficha de trabalho para os alunos.			

GUIÃO DE EXPLORAÇÃO DO CONTO TRADICIONAL “BRANCA DE NEVE” Contos de Grimm – Jacob e Wilhelm Grimm		
Conteúdo	Identificação dos momentos chaves da história	Descodificação da mensagem da história
Ser coerente com aquilo que se é e se aparenta ser.	<ul style="list-style-type: none"> - Apesar da sua beleza, o receio de existir alguém mais linda do que ela levou-a a cometer maldades. - Para a rainha a beleza exterior era tudo. Aparentava ser algo que não era: mostrava-se preocupada com a Branca de Neve, mas na realidade tinha inveja da sua beleza e juventude. - A beleza exterior da Branca de Neve reflecte a sua bondade. Apesar de todas as diversidades que passou ao longo da sua vida não deixou de ser ela própria. 	<ul style="list-style-type: none"> - Por vezes o medo da rejeição e/ou da crítica faz-nos mudar a nossa maneira de ser para que o outro goste de nós. - É fundamental para a nossa felicidade sermos nós mesmos em qualquer situação e em qualquer lugar.
Ser verdadeiro e procurar a verdade.	<ul style="list-style-type: none"> - A rainha sabia que podia confiar nas respostas do espelho, porque ele era verdadeiro. Mesmo quando a verdade não agradava a rainha, este não mentia. No entanto, não era arrogante, encontrava sempre as melhores palavras para lhe dizer a verdade. - Ao contrário, a rainha era uma pessoa muito orgulhosa. Apesar de todas as suas mentiras e disfarces, no final do conto ela não saiu vitoriosa. 	<ul style="list-style-type: none"> - O medo da rejeição ou de magoar os outros por vezes fazem-nos dizer mentiras. - As mentiras vão crescendo cada vez mais e impedem o nosso bem-estar, a nossa felicidade, porque estamos constantemente preocupados que os outros descubram. - A mentira pode gerar a falta de confiança dos outros em nós. - Facilmente descobre-se a mentira. - As mentiras apagam aos poucos aquilo que somos. - É importante para o nosso bem-estar, para a nossa realização pessoal falar claramente o que pensamos, sem que isso implique a partida magoar o outro.
Aceitação de si mesmo	<ul style="list-style-type: none"> - A rainha não se aceitava tal como era, por isso, nunca foi feliz e estava sempre sozinha. - A rainha estava constantemente à procura de fórmulas e feitiços que a deixassem sempre jovem e bonita, pois não se aceitava tal como ela era. - A Branca de Neve na sua simplicidade aceitava a sua condição de princesa empregada e abandonada. 	<ul style="list-style-type: none"> - A aceitação de si mesmo oferece a pessoa bem-estar e isso reflecte-se na nossa relação com os outros. - Aceitação de si mesmo sabendo que todos temos virtudes e defeitos.



Colégio do Amor de Deus

Educação Moral e Religiosa Católica

6º Ano - Unidade Letiva "A Pessoa Humana"

Nome: _____ N.º _____ Turma _____ Data ____/____/____

"A Branca de Neve"

Há muito tempo, num reino distante, viviam um rei, uma rainha e a sua filha, a princesa Branca de Neve. A sua pele era branca como a neve, os seus lábios vermelhos como o sangue e os seus cabelos pretos como o ébano.

Um dia, a rainha adoeceu e morreu. Um ano depois, o rei casou-se de novo. A sua nova esposa era uma bela mulher, mas muito orgulhosa, vaidosa e altiva. Ela tinha um espelho mágico e quando se olhava nele, perguntava:

- Espelho meu, espelho verdadeiro, quem é a mais bela do mundo inteiro?

E o espelho respondia:

- Minha rainha, vós sois a mais bela do mundo inteiro.

E ela ao ouvir estas palavras ficava tranquila porque sabia que o espelho dizia sempre a verdade.

Entretanto, a Branca de Neve crescia e ficava cada vez mais bonita, encantadora e meiga. Todos gostavam muito dela, exceto a rainha, pois tinha medo que Branca de Neve se tornasse mais bonita que ela. E um dia, quando a Branca de Neve já tinha sete anos, a rainha perguntou novamente ao espelho:

- Espelho meu, espelho verdadeiro, quem é a mais bela do mundo inteiro?

Ele respondeu:

- Minha rainha, sois mais bela que a rosa, mas Branca de Neve é mil vezes mais formosa.

Ao ouvir estas palavras a rainha assustou-se e ficou amarela e verde de inveja. Por isso, mandou chamar o caçador e disse-lhe:

- Leva esta criança para a floresta. Vais matá-la e tens de me trazer o fígado e os pulmões como prova.

O caçador obedeceu e levou a Branca de Neve, mas quando tirou o punhal para a matar, arrependeu-se e deixou-a fugir. Branca de Neve correu muito assustada para o grande bosque. Correu tanto quanto as pernas lho permitiram.

Entretanto, o caçador matou um pequeno javali que por ali passava. Tirou-lhe os pulmões e o fígado e levou-os como prova à rainha. Esta ficou bastante satisfeita, pensando que a Branca de Neve estava morta.

Ao cair da noite, Branca de Neve encontrou uma casa muito pequena onde entrou para descansar. Era tudo tão pequenino, mas tão limpo e delicado que é difícil imaginar. De tanta fome e sede que tinha, comeu um pouco de legumes e pão de cada prato e bebeu um pequeno gole de vinho de todos os copos que se encontravam na mesa. Depois deitou-se numa das camas. Quando já era muito de noite, os donos da casa regressaram; eram os sete anões que trabalhavam nas montanhas. Ao entrarem na sua pequena casa perceberam que alguém tinha entrado, pois as coisas não estavam como tinham deixado. E ficaram muito admirados quando viram uma bela menina deitada numa das suas sete camas. Ficaram tão surpreendidos com tamanha beleza que não acordaram a menina, deixando-a dormir. Quando Branca de Neve acordou contou-lhes a sua história e os anões disseram-lhe:

- Se quiseres fazer o trabalho da casa, cozinhar, fazer as camas, lavar a roupa, coser e tricotar, podes ficar connosco e nada te faltará.

- Quero – respondeu Branca de Neve. – Aceito com todo o meu coração.

Anexo 4

Ficha de Avaliação			
6º Ano	Unidade Letiva: A Pessoa Humana	Aula n.º5	Lição n.º 7
- Ficha de Avaliação - Correção da Ficha de Avaliação - Grelha de correção e cotação da Ficha de Avaliação			



Colégio do Amor de Deus - Cascais

Teste de Avaliação Educação Moral e Religiosa Católica			
Nome _____			
N.º _____	Ano _____	Turma _____	Data ____/____/____
Enc. de Educação _____		Prof. _____	

Unidade Letiva: "A Pessoa Humana"

Grupo I

1. Enumera cinco características que distinguem o ser humano dos outros seres vivos. (10 pontos)

Grupo II

2. Faz corresponder nas frases apresentadas as dimensões do ser humano ao número correspondente. (18 pontos)

Dimensões do ser humano:	Frases:
1 - Dimensão biológica 2 - Dimensão social 3 - Dimensão espiritual	<input type="checkbox"/> Distingue os seres humanos das restantes espécies; <input type="checkbox"/> Estrutura os conhecimentos e os valores éticos e religiosos; <input type="checkbox"/> Expressa-se na participação em associações e grupos que favorecem a cooperação e a superação das capacidades individuais; <input type="checkbox"/> Corresponde à capacidade de pensar; <input type="checkbox"/> Avalia moralmente as atitudes e os comportamentos; <input type="checkbox"/> Manifesta-se também na identidade sexual; <input type="checkbox"/> É a capacidade de se relacionar com Deus; <input type="checkbox"/> É a dimensão que integra a herança genética; <input type="checkbox"/> Desenvolve-se através das relações interpessoais.

2.1. Assinala com X as frases que correspondem às respostas corretas. (10 pontos)

A dimensão espiritual:

- é uma característica comum a todos os seres vivos.
- permite que o ser humano pense e decida de acordo com valores éticos e religiosos.
- leva à destruição da obra do Criador.
- possibilita que, pela inteligência, possamos ser egoístas.
- facilita o nosso relacionamento com os outros.
- dificulta o relacionamento do indivíduo com Deus.
- exprime-se na capacidade de amar, que é a marca da presença de Deus em cada ser humano.
- permite que quem ama procure o bem, o que muitas vezes não passa pela verdade.
- exprime-se também na sexualidade humana, como capacidade de amar e criar laços de comunhão.
- permite olhar para lá das aparências, ou seja, para lá do que se vê.

Grupo III

3. Lê o texto

"Nós amamos, porque Ele nos amou primeiro. Se alguém disser: «Eu amo a Deus», mas tiver ódio ao seu irmão, esse é um mentiroso; pois aquele que não ama o seu irmão, a quem vê, não pode amar a Deus, a quem não vê. E nós recebemos dele este mandamento: quem ama a Deus, ame também o seu irmão". (1 Jo 4, 19-21)

3.1 O texto desafia-nos a uma tarefa. Indica, justificando, quais as tarefas que o texto nos desafia. (15 pontos)

3.2. Observa o Banco de Palavras.

ÍNTEGRO	FUTIL	DUVIDOSO	CONSUMISTA	FRANCO	SINCERO
FINGIDO		EGOÍSTA	SOLIDÁRIO	LEAL	

3.3. Usando as palavras que se encontram no Banco, distingue na tabela fornecida as palavras segundo os critérios de «autenticidade» ou «não autenticidade»: (10 pontos)

Autenticidade	Não autenticidade

3.4. Utilizando no mínimo três palavras do exercício anterior, explica o sentido da frase: «Cada pessoa vale pelo que é e não pelo que tem». (10 pontos)

Grupo IV

4. Pelo facto de sermos pessoas, todos somos portadores de direitos e de deveres. Mas nem sempre é assim.

4.1 Enumera três situações que conheças em que os direitos humanos não são respeitados.

(9 pontos)

4.2. Indica o objetivo que esteve na origem da criação da UNICEF. (8 pontos)

Grupo V

5. A Igreja Católica, sempre contribuiu para a defesa dos mais desfavorecidos, através de várias organizações.

5.1. Faz corresponder a cada uma das associações seguintes a atividade principal a que cada uma se dedica: (10 pontos)

Educação - Bem estar - Família

Associações:	Atividade principal:
Santa Casa da Misericórdia	
Cáritas Diocesana	
Escolas Católicas	
UNICEF	
AJU	

Bom trabalho!

Teste de Avaliação - Correção
Educação Moral e Religiosa Católica

Nome _____ N.º _____
Ano _____ Turma _____ Data ____/____/____ Classificação _____
Enc. de Educação _____ Prof. _____

Unidade Letiva: "A Pessoa Humana"

Grupo I

1. Enumera cinco características que distinguem o ser humano dos outros seres vivos. (10 pontos)

R.: A liberdade, a racionalidade (razão, o pensamento, inteligência); a comunicação, os sentimentos, os direitos e deveres; a dimensão moral, a dimensão espiritual/religiosa, abertura ao transcendente.

Grupo II

2. Faz corresponder nas frases apresentadas as dimensões do ser humano ao número correspondente. (18 pontos)

Dimensões do ser humano:	Frases:
1 - Dimensão biológica 2 - Dimensão social 3 - Dimensão espiritual	3- Distingue os seres humanos das restantes espécies; 3- Estrutura os conhecimentos e os valores éticos e religiosos; 2- Expressa-se na participação em associações e grupos que favorecem a cooperação e a superação das capacidades individuais; 3- Corresponde à capacidade de pensar; 3- Avalia moralmente as atitudes e os comportamentos; 1- Manifesta-se também na identidade sexual; 3- É a capacidade de se relacionar com Deus; 1- É a dimensão que integra a herança genética; 2- Desenvolve-se através das relações interpessoais.

2.1. Assinala com X as frases que correspondem às respostas corretas. (10 pontos)

A dimensão espiritual:

é uma característica comum a todos os seres vivos.

permite que o ser humano pense e decida de acordo com valores éticos e religiosos.

leva à destruição da obra do Criador.

possibilita que, pela inteligência, possamos ser egoístas.

facilita o nosso relacionamento com os outros.

dificulta o relacionamento do indivíduo com Deus.

exprime-se na capacidade de amar, que é a marca da presença de Deus em cada ser humano.

permite que quem ama procure o bem, o que muitas vezes não passa pela verdade.

exprime-se também na sexualidade humana, como capacidade de amar e criar laços de comunhão.

permite olhar para lá das aparências, ou seja, para lá do que se vê.

Grupo III

3. Lê o texto

"Nós amamos, porque Ele nos amou primeiro. Se alguém disser: «Eu amo a Deus», mas tiver ódio ao seu irmão, esse é um mentiroso; pois aquele que não ama o seu irmão, a quem vê, não pode amar a Deus, a quem não vê. E nós recebemos dele este mandamento: quem ama a Deus, ame também o seu irmão". (1 Jo 4, 19-21)

3.1 O texto desafia-nos a uma tarefa. Indica, justificando, quais as tarefas que o texto nos desafia. (15 pontos)

R.: O cristão deve amar o seu semelhante como a si próprio, sem discriminar ninguém, porque ter fé em Deus implica atuar em favor dos outros.

3.2. Observa o Banco de Palavras.

3.3. Usando as palavras que se encontram no Banco, distingue na tabela fornecida as palavras segundo os critérios de «autenticidade» ou «não autenticidade»: (10 pontos)

Autenticidade	Não autenticidade
Íntegro	Fútil
Franco	Duvidoso
Sincero	Consumista
Solidário	Fingido
Leal	Egoísta

3.4. Utilizando no mínimo três palavras do exercício anterior, explica o sentido da frase: «Cada pessoa vale pelo que é e não pelo que tem». (10 pontos)

R.: A verdadeira riqueza pessoal consiste no que somos e nos valores que orientam a nossa vida, tal como a integridade, a franqueza, a sinceridade, a solidariedade e a lealdade, porque nós não somos apenas aquilo que os outros veem exteriormente.

Grupo IV

4. Pelo facto de sermos pessoas, todos somos portadores de direitos e de deveres. Mas nem sempre é assim.

4.1 Enumera três situações que conheças em que os direitos humanos não são respeitados. (9 pontos)

R.: Abandono, falta de cuidados de saúde, falta de acesso à educação e ensino, falta de alimentos, maus tratos, trabalho forçado, falta de abrigo.

4.2. Indica o objetivo que esteve na origem da criação da UNICEF. (8 pontos)

R.: A UNICEF foi criada para defender e salvaguardar os direitos e as necessidades básicas das crianças de todo o mundo, nomeadamente o acesso à saúde, educação, igualdade e proteção, para garantir o seu pleno desenvolvimento.

Grupo V

5. A Igreja Católica, sempre contribuiu para a defesa dos mais desfavorecidos, através de várias organizações.

5.1. Faz corresponder a cada uma das associações seguintes a atividade principal a que cada uma se dedica: (10 pontos)

Educação - Bem estar - Família

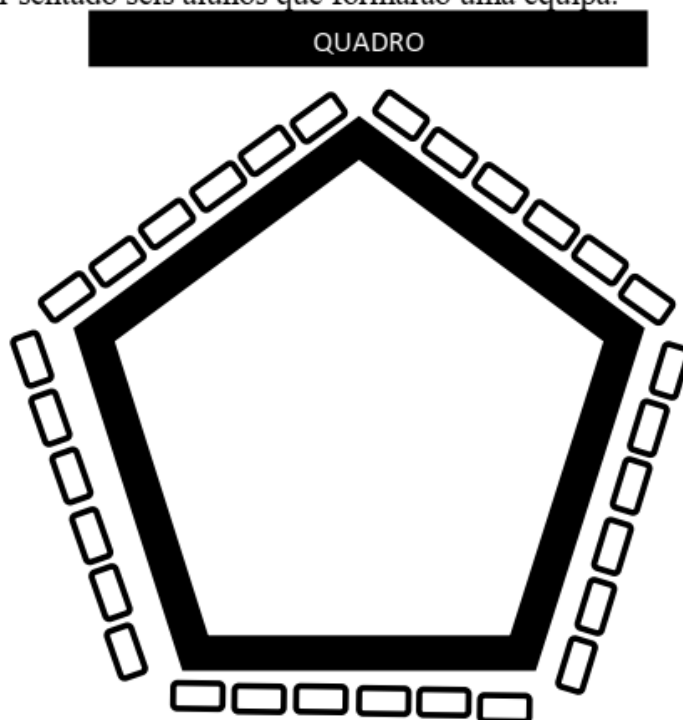
Associações:	Atividade principal:
Santa Casa da Misericórdia	Bem-estar
Cáritas Diocesana	Bem-estar
Escolas Católicas	Educação
UNICEF	Bem-estar / Educação
AJU	Família / Bem-estar

Bom trabalho!

Anexo 5

DO PLANO DE AULA			
6º Ano	Unidade Letiva: Jesus, um Homem para os outros	Aula n.º8	Lição n.º 20
-Plano da sala de aula - Acesso à ferramenta Prezi: http://prezi.com/chfr_1uq6g_8/?utm_campaign=share&utm_medium=copy&rc=ex0share - Regras e funcionamento do jogo : “Glória de Jesus”			

1. Disposição da sala de aula: para a realização do Jogo “Glória de Jesus” as mesas deverão estar dispostas sob a forma de um pentágono desde o início da aula. Em cada lado deverão ficar sentado seis alunos que formarão uma equipa.



2. Prisão, julgamento e morte de Jesus: apresentação do conteúdo e diálogo com os alunos com apoio na apresentação:
http://prezi.com/chfr_1uq6g_8/?utm_campaign=share&utm_medium=copy&rc=ex0share
e



Glória de Jesus

Participantes:

Não há um número preciso. Poderá ser jogado individualmente ou por equipas.

Objetivo do jogo:

Ser a primeira equipa a chegar ao fim do jogo com os oito espaços da grelha preenchidos correspondentes a cada categoria do jogo.

Regras e funcionamento do jogo:

1. Cada equipa deverá escolher um peão para se deslocar no tabuleiro.
2. O tabuleiro é composto por 48 casas divididas em oito categorias. Cada categoria tem uma cor correspondente e um tema específico da Unidade Letiva: "*Jesus, um homem para os outros*".
3. Cada equipa lança o dado para ver qual é a primeira a jogar. Quem obtiver o número mais elevado no lançamento do dado é o primeiro a jogar.
4. Na vez da equipa a jogar:
 - a. Lançar o dado.
 - b. Deslocar o número de casas indicado no dado.
 - c. Responder a uma pergunta da categoria que será lida pelo professor.
 - d. Cada equipa terá um minuto para responder à questão e apenas terá uma oportunidade para responder corretamente.
 - e. Respostas certas:
 - i. Se ainda não preencheu a ficha correspondente à categoria, preenche.
 - ii. Se já preencheu a ficha correspondente à categoria, avança uma casa.
 - f. Respostas erradas:
 - i. Se a equipa errar a resposta, a sua jogada termina, dando possibilidade a outra equipa de responder corretamente.
 - ii. Caso a outra equipa responda corretamente, pode avançar o seu peão uma casa.
5. Se na jogada seguinte, a equipa que errou a questão anterior, verificar que ao lançar o dado o seu peão passa para a categoria seguinte pode optar por ficar na mesma casa e responder a uma questão dessa categoria.

Componentes do jogo:

Um tabuleiro

Regras do jogo

Um dado

Uma ampulheta de um minuto

Seis grelhas de respostas

Cinco Peões





Glória de Jesus



Anexo 6

DO PLANO DE AULA			
6º Ano	Unidade Letiva: Jesus, um Homem para os outros	Aula n.º10	Lição n.º 22
- Guião de exploração do texto Act10, 34-43 - O discurso de Pedro em casa de Cornélio - Guião de exploração “Vivências da Páscoa” - Acesso à ferramenta digital de apresentação: http://prezi.com/llnfjhoztddl/?utm_campaign=share&utm_medium=copy			

Guião de exploração do texto Act 10, 34 – 43

- **« Deus não faz acepção de pessoas »** Deus não escolhe pessoas.
- **«Sejam tementes a Deus e pratiquem o bem»** O Temor de Deus é uma expressão hebraica, que neste contexto traduz a fé em Deus (dos convertidos a Deus). Deus acolhe todas as pessoas, desde que essas também acolham Deus no seu coração e na sua vida.
- **« Ele que é o Senhor de todos »** Jesus quando nasceu, morreu e ressuscitou foi para todos, não só para o povo judeu.
- **«A Ele, que mataram, suspendendo-o de um madeiro, Deus ressuscitou-o»** Fundamento da fé cristã: Jesus Filho de Deus fez-se homem, morreu e ressuscitou.
- **«E mandou-nos pregar ao povo e confirmar que Ele é que foi constituído, por Deus»** Os que têm fé em Jesus Cristo devem testemunhar. Os cristãos são testemunhas do mistério de Jesus Cristo.
- **Síntese:** Deus acolhe todas as pessoas que têm fé em Jesus Cristo morto e ressuscitado e a testemunham na sua vida.



Nome: _____ N.º _____ Turma _____ Data ____/____/____

O discurso de Pedro na casa de Cornélio

Então Pedro começou a falar: «Agora compreendo que Deus não faz acepção de pessoas! Pelo contrário! Ele aceita as pessoas de qualquer povo desde que sejam tementes a Deus e pratiquem o bem! Enviou a sua palavra aos filhos de Israel, anunciando-lhes a Boa Nova da paz, por Jesus Cristo, Ele



que é o Senhor de todos. Sabem o que aconteceu em toda a Judeia, a começar pela Galileia, depois do baptismo que João pregou: como Deus ungiu com o Espírito Santo e com o poder a Jesus de Nazaré, o qual andou de lugar em lugar, fazendo o bem e curando os que eram oprimidos, porque Deus estava com Ele. E nós somos testemunhas do que Ele fez no país dos judeus e em Jerusalém. A Ele, que mataram, suspendendo-o de um madeiro, Deus ressuscitou-o, ao terceiro dia, e permitiu-lhe manifestar-se, não a todo o povo, mas às testemunhas anteriormente designadas por Deus, a nós que comemos e bebemos com Ele, depois da sua ressurreição dos mortos. E mandou-nos pregar ao povo e confirmar que Ele é que foi constituído, por Deus, juiz dos vivos e dos mortos. É dele que todos os profetas dão testemunho: quem acredita nele recebe, pelo seu nome, a remissão dos pecados.» (Act10, 34-43)

Guião
Vivências da Páscoa

- **Introdução:** A vivência da Páscoa, desde o tempo quaresmal, o tríduo Pascal, o Domingo de Aleluia e todos os costumes e tradições locais são manifestações de fé e de testemunho em Jesus Cristo Ressuscitado.
- **Endereço eletrônico** da apresentação sobre as Vivências da Páscoa:
http://prezi.com/llnfjhoztgdgl/?utm_campaign=share&utm_medium=copy
- **Cruz gloriosa:** lembra a Ressurreição de Cristo; o anuncio e testemunho de cristo ressuscitado.
 - Distribuição de um crucifixo em cartolina branca a cada aluno.
 - Em família:
 1. No coração deverão escrever qual o significado da Páscoa para a sua família.
 2. Deverão decorar o crucifixo ao seu gosto (pintura, desenho, colagem...)
 3. Trazer na aula seguinte.

